

RB169,702



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

O Mensageiro de Jez

O Mensageiro de Fez

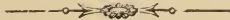
(POEMA)

— «Como? não sois vós inda os descendentes
D'aquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, féros e valentes
Vencêram esta gente tão guerreira?»

*

— «Viu ser captivo o Santo irmão Fernando
Que a tão altas emprezas aspirava;
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno s'entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida, de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita.
Mais o publico bem que o seu, respeita.»

CAMÕES (*Luziadas*).




LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA — LIVRARIA EDITORA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1899



Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

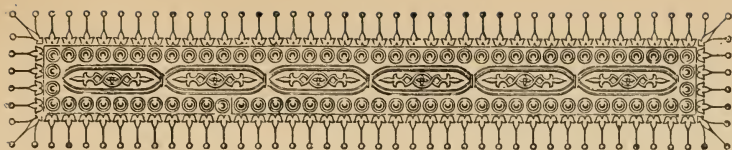
A Sua Magestade

A Senhora D. Amelia d'Orleans

Rainha de Portugal

Pede lhe accete este testemunho da sua homenagem

Thomas Ribeiro.



SENHORA :

En'este anno, 1899, para mim, o verdadeiro centenario de gala do descobrimento da India.

Foi em 1499 que chegou ao Tejo a fausta noticia, e o descobridor Vasco da Gama; e só então em Portugal foi gala. Nos dois annos anteriores havia esperanças, sim, mas principalmente duvidas, receios e tristezas. Não o digo para censurar as festas de 1898, antes é para justificar a tardança do pagamento do meu tributo. Os tres annos mereciam ser festejados: 1897 — o apprehendimento; 1898 — o advento; 1899 — a boa nova. Escolhi este ultimo para vir depôr nas mãos de Vossa Magestade o meu singello tributo.

A consagração d'esta homenagem era uma promessa antiga e, mais que imprudente, temeraria. Não tinha contado os meus annos e acho-me quasi septuagenario.

Vale-me a certeza de que Vossa Magestade, consagrando-se como protectora e serva aos infermos e desvalidos, não ha de regeitar este pobre mas devotissimo tributo ao maior dos seus devedores.

Senhora, anda-se por ahi a agourar grandes perigos á nossa querida patria; se para tal crendice ha plausibilidade, o que não creio, já pedi a El-Rei que lhe preparasse um digno *pôr-de-sol*. A Vossa Magestade peço tambem que, se vir que só vexada e amesquinhada a nossa terra poderá subsistir, e arrastar miserandamente a sua existencia, a ajude simplesmente a bem morrer.

Portugal — «a terra nunca d'outrem subjugada», — não sabe nem póde viver de caridades. Sabe curvar-se reverente, não póde arrastar-se humilhada. Camões põe na bocca de Nunalvares:

— «Como da gente illustre, portugueza

.....

ha de sair quem negue ter defeza,
 quem negue a fé, o amor, exforço e arte
 de portuguez, e por nenhum respeito
 o proprio reino queira ver sugeito ?»

Portugal póde e sabe resuscitar, se bem morrer; e será desprezível se beijar os pés que o pizam. A humildade é virtude christã, mas, perdôe-me Deus! não é virtude civica.

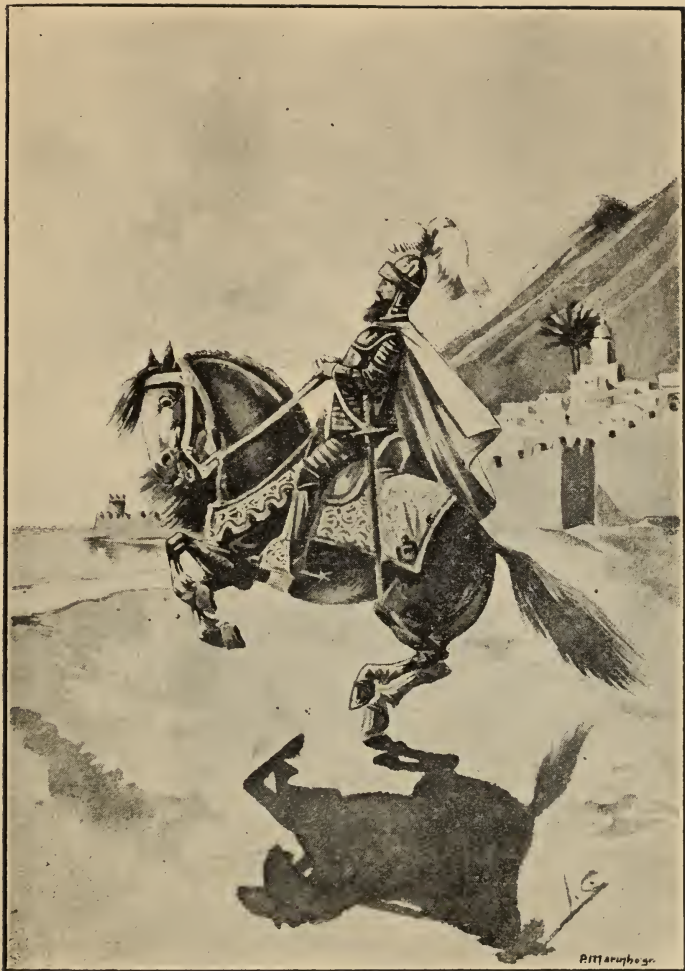
Vossa Magestade nasceu longe d'aqui, mas tenho-a por mais portugueza do que muitos filhos d'este solo, para mim sagrado.

Camões lamentava *que entre os mesmos portuguezes, traidores inda houvesse, algumas vêzes*. Essa praga, Senhora, é de todas as idades e de todos os paizes do mundo. E é uma raça prolifica. Eu já não viverei na hora terrivel, mas levo commigo integros os meus sentimentos e as minhas convicções, na teimosia de luzitano e de beirão, que me honro de ser. Quando se não puder viver digna e honradamente, não se viva.

Compreendo os tratamentos de Sparta nas enfermidades incuráveis.

Já Vossa Magestade vê que sendo o meu espirito muito liberal não aprendi na minha longa vida a ser um verdadeiro *constitucional*. Sacrifiquei sempre muito pouco ás *conveniencias* . . . politicas.

Perdoe, Senhora, ao seu devotissimo devedor e servo




FERNÃO LOPES PACHECO



NO ADRO

.....
— «J'ai résolu de ne sacrifier jamais
«que à la conviction et à la vérité, a
«fin que cet element de sincerité
«complète et profonde domine dans
«mes livres et leur donne le caractère
«qui fait venir des larmes sur le bord
«de nos yeux lorsqu'un enfant nous
«atteste ce qu'il a vu.»

ALFRED DE VIGNY.

 centro em volta do qual gira a acção d'este poema é a gruta da *Senhora da Rocha*, em Carnaxide.

Antes de me approximar do sagrado templo, conversemos, leitores meus, se não — á puridade, — mão por mão, como bons amigos.

— *Ille ego qui quondam...* — «Eu sou aquelle que em tempos antigos escreveu, (peço perdão aos manes de Virgilio de não dizer — escrevi) —; escreveu ou cantou o *D. Jayme*, *A Judia*, *A Delfina do Mal*, e outras bagatellas que vós não conheceis. Eu sou aquelle que, depois se perdeu nos labirintos da politica, espavorido, espantado do que via e ouvia, estranho, alheado, intruso ou como

tal recebido e tratado n'aquellas soberanias neutras que se chamam — ministerios, cujos palacios são as secretarias d'Estado e — salas dos passos perdidos — as arcadas do Terreiro do Paço.

Foi então que vi e apreciei os homericos esforços que, reciprocamente, tentavamos e realisavamos para fingir que nos entendiamos. — «*Barbarus hic ego sum*», — recitava eu de mim para mim, considerando-me o *geta* entre os *Ovidios*.

— Não julguem que venho queixar-me no tribunal da inconfidencia d'aquelles com quem servi, que de todos fui e fiquei sendo amigo. —

E no parlamento... O' meu querido e saudoso mestre Castilho! como tu me aconselhavas paternalmente a que fugisse do parlamento ou escrevesse a desacreditar-me, para lá não voltar, — a esse theatro das transformações, onde muitos oradores se vingam, em tezas, das curvaturas, no gabinete! onde muito recitador rhetorico mede a indignação pelo relógio, e invoca o presidente, voltando-lhe as costas, para observar o thermometro do enthusiasmo na physionomia das tribunas! Indignações a frio; insinuações de effeito; sentimentos de convenção; gestos ensaiados ao espelho.

... Paes da Patria!!!...

E o ministro! — a Sphinge — a pulverisar de reticencias a phrase sybilina, a sentir-se rasgar na via estreita e silvosa das conveniencias! a não dizer o que sente, a não sentir o que diz!... Ridicula comedia!

Conheço-a. Representei n'ella. A imprensa politica chamava-me, ás vezes, ingenuo. Por muita vez o fui; por muitas fingi que o era. Tomei a serio muitos... engenhosos; e fui amigo — amigo — de muito hypocrita e de muitos industriosos.

Do jornalismo....

D'esse não digo nada. Ainda ponho n'elle as minhas esperanças... em futuro muito distante.

A imprensa é o grande poder; — a omnipotencia na terra. D'ella depende todo o mal e todo o bem.

Quando saberá ou poderá nortear-se e usar, sem abusar, da sua força? Por ora anda longe e perdida do verdadeiro rumo.

E sabe que tem força, mas não sabe usar d'ella. E' uma religião, por ora vacillante entre a idolatria e a blasphemia: entre as abstracções philosophicas e as ganancias mercenarias; entre o nervosismo hysterico e a paixão febricitante. Perde-se perdendo o tino entre a cegueira e o deslumbramento. Por isso a duvida, a incredulidade ou o desdem, acolhem os seus conselhos e preceitos.

Assim, moral e politicamente, vivem os povos do mundo; e, peor que nenhum, Portugal. E' um heroe? Foi e é, mas, sem respeito á sua gloria e ás suas tradições, sem attentar na sua nobreza e nem até na sua idade, os mórdomos de juro e herdade organisam festas sobre festas e convidam para ellas os credores do seu amo, e até os que se fingem credores, sem receio de que sob e sobre todos caia o velho Paço em ruinas.

Sem receio ou sem consciencia. N'este empenho em que tenho andado de aconselhar os meus conterraneos a que não façam festanças que lhes ficam mal, quem me acompanha? Pouquissimos. Alguns applaudem baixinho e á puridade, renovando-me o epitheto de ingenuo.

Pois paciencia!

Uma carta escripta da Allemanha por um portuguez de lei, uma carta d'hontem que eu tenho e guardo, traz estas palavras: — «Não sei como o Imperador se lembrou de Mousinho, o nosso heroe; a imprensa allemã nem quasi n'elle falou; só se occupa de nós para nos chamar bancarroteiros.» — Os palhaços de Paris arrastam nos pelos circos e theatros, e n'estas circumstancias convidamos mestre:

Battarel a um baile, e obrigamos Vasco da Gama a assignar a carta de convite. D'esse sacrilegio não quero eu passar por cúmplice.

*

E ainda vos não disse nada a respeito do meu poema.

Cançado e fugidio da politica, mas com as minhas azas presas ainda pelo seu visco inexoravel, senti-me já, por mais d'uma vez, moribundo; e o meu medico assistente— que é meu amigo e meu comprovinciano — beirão intransigente, mandou-me viver de leite, passear em terreno horizontal, falar pouco e abster-me de quaesquer fadigas intellectuaes.

Não fazer nada!

— Nem versos? disse eu.

— Versos póde fazer, que são o regimen lacteo do espirito.

Eis como, e porque, vem á luz este livro. Quasi bem-digo os incommodos que me obrigam a voltar aos meus grandes amores.

Já não encontrò, é certo, a agitação poetica da minha mocidade; já não posso dizer — *Est Deus in nobis* —; já me não agita o estro, nem sinto arder na mente o fogo sagrado; nem a excitação poetica seria consentida na therapeutica do dr. José de Almeida; acolho-me á Poesia como á serenidade d'um templo; venho pedir calma, carinho, quietação e mimos aos meus queridos amores, de que andei tão desquitado, mas sem nunca os esquecer nem engeitar.

Não disfarceis o riso! Ride á vontade.

Eu sei o desdem com que os espiritos *fortes* tratam os poetas, e com que orgulho ignaro exclamam cheios de si:

— Eu nunca fiz um verso!...

(Coitados!) . . .

— Amores — disse? — Amores — sim! De amante ou de amador — amores, — são.

*

— Amar ou não amar — eis o problema.

Do amor nasce o *hosanna* e deriva a criação e o altruismo.

Do raciocínio absoluto e frio, — a satyra, a critica, a philosophia, o egoismo.

Quem conseguir o equilibrio entre — amar — e — raciocinar — obtem o homem bom, prudente, exemplar; — o cidadão modelo —; um accommodaticio; um mediocre, talvez, mas serviçal; feliz.

Separados e extremados os campos, entre o affectivo e o philosophico, entre o que póde chorar e o que só póde rir, entre Heraclito e Democrito, entre o esperançado e o desesperado, entre o atheo e o crente, declarou-se a guerra.

Não é de braço a braço, que entre elles se escancarou o abysmo.

Trava-se a pugna do arremesso.

D'um lado a mofa, a injuria, o desconceito: — o vai-vem demolidor. Do outro, a paciencia, até que chega o ensurdecimento, e á sombra d'elle e ao abrigo d'elle o labor quotidiano de concepções e de criações; — o trabalho do amor. — O laborioso affectivo só investe ou aniquilla, quando se vê forçado á defeza dos filhos do seu amor.

Nas Indias orientaes, — em Goa, — o gentio das Novas Conquistas vê-se forçado, ás vezes, a esperar e a matar o tigre; é quando elle entra pela aldeia e lhe ameaça o que é seu. — O tigre *damnado*.

O tigre — homem — é menos digno de respeito, porque

esse não mata nem dilacera para accudir á sua fome; não destroe por lei da sua natureza, é por impulso da sua vaidade.

Tambem ha vocações que desertam; poetas livres-pensadores... livres, não! — intransigentes, — que usam versos navalhas-de-ponta. Ás vezes é por covardia; ás vezes é por ganancia; ás vezes é por loucura.

De industria faço estas distincções, para vos dizer que para esses taes nada ha sagrado. Nem Deus, nem Patria, nem Familia. São perigosissimos quanto mais forem grandes e formosos.

Eu temo-os como os lamento, e choro-os quanto os admiro, ao ver chammejar o ether, batido pelas suas azas luciferinas.

Tambem conhecemos aves que em todas as estações cantam, para a si mesmas se escutarem e para divertirem os ouvintes, — ás vezes seus carcereiros e algozes; — emquanto o rouxinol, só canta na primavera, na quadra dos seus amores, quadra que se prolonga até á criação dos filhos.

Aqui estou eu a cantar no inverno. E que não sou rouxinol, e é que tenho ainda filhos a crear.

Voltaire, o poeta sceptico, nunca amou. Por isso não fez obra de criação. Cada um dos seus conceitos é uma avanca demolidora. O Abbade de Chateauneuf, seu padrinho, Bolingbroke, Tindal e os mais seus inspiradores e mestres fizeram d'elle um sceptico escarninho. Encheram o seu fertil e enorme talento de sementes ruins que produziram e se multiplicaram creando-lhe, não amigos mas admiradores e disçipulos, no apostolado dos encyclopedistas.

Elle foi o patriarcha do nihilismo e do anarchismo.

Frederico II quiz ser amigo d'elle, mas Voltaire não se prendia com affectos.

Eu, espirito fraco de livre pensador (á parte), eu, natu-

reza affectiva, se nada creei como poeta, e não foi porque o sentimento me faltasse, nada nunca tentei demolir; era a convicção de que não sei edificar e tambem pelo affecto que consagro a quanto é vivo, e muitissimo a quanto é velho: — ao brazão, ás tradições, ao monumento e até ás ruinas.

Sei que o templo não comporta commodamente a officina; sei que o castello não serve para abegoaria; sei que o palacio onde vive faustosamente uma familia aristocrata não se presta commodamente a uma vintena de inquilinos pobres. Não gosto de ver demolido o palacio, nem exauctorado o castello, nem profanado o templo.

E quero muito aos pobres e quero muito ás industrias. Até sou um pouco socialista. Mas se visito as fabricas e as exposições para me regosijar com os modernos inventos, e ter esperanças no futuro, deixem-me visitar os museus de bellas artes e os de antiguidades para estudar a historia, sonhar, e ter saudades.

Lá, no que passou, ficaram os nossos avós. Sei que são uns nada, iminentes espiritos! mas para que tenho eu coração e lagrimas?...

Vós não tendes! Pois emquanto rides de mim, eu lamento-vos no meu intimo, e, se vol-o não manifesto é para vos não escandalizar.

Estaes cançados já talvez de me ouvir, ó meus amigos? pois fugi de mim; tendes razão. Notae porém que o doutor me prohibiu de falar mas consente que eu escreva. Podeis porém deixar-me; eu continuo, que tive sempre o defeito de falar commigo, e de escrever para mim.

Já vos disse e repito que dos illuminados da moderna idade uns não querem respeitar a familia, nem as leis, nem a patria. Para esses taes na Humanidade está a patria e a familia. Regimen: — o socialismo, (que attinge ás vezes a negação de *regimen*). Outros não querem familia,

nem patria, nem humanidade. Proclamam o *assassinato* de Deus e o reinado do — *Individualismo*, — aguardando que surja o — *homem sobre-humano*.

N'este labyrintho babilonico os pobres de espirito, como eu, recolhem-se mais ao sanctuario do Lar, adoram mais a sua patria e acham necessidade de cada vez mais se homisiarem e conchegarem, na crença de que, em meio de tantas e tão variadas loucuras, haja um poder superior, supremo, estavel! que tenha dó, e policie n'este jardim suspenso e felizmente ephemero, — o manicomio terrestre.

Por outro lado é pena! quanto genio, em meio de tanta loucura! quantas creações esplendidas, humanitarias, do presente, propulsoras do progresso, promettedoras de preclaro futuro, a protestarem contra a proclamação d'estes desvairados que investem contra tudo o que é luminoso, como aves noctivagas que só em trevas se comprazem!

— Ephemero — chamei ao globo terrestre?

Ephemero, sim. Tende paciencia agora vós que sonhaes na terra com a *gloria eterna* dos vossos nomes, ó academicos, ó sabios, ó artistas, ó heroes, ó benemeritos, dignos das honras do pantheon, que sem acreditarde na vida eterna vos tendes *por immortaes*. Será extincto o astro que habitamos! E diz uma sciencia, mais valiosa que a vossa philosophia, que virá breve a sua morte. Resignae-vos! A terra, o mundo que foi já um mysterio, e povoado de terrores, hoje pequeno jardim de humanas delicias, desaparecerá, átomo luzente, d'entre as estrellas, sem que no infinito se dê pela sua falta. Resignae-vos philosophos descrentes; ephemera ha de ser a vossa gloria na terra, por muito que a tenhaes merecido.

Felizes os que a podem antever... sonhar, ao menos, mais longe, em mais sereno, mais florido, mais estrellejado paiz, immerso em mais ethereas harmonias, em mais affectos, em melhor luz! paiz divino! sem revoltas, sem temporaes e sem descrenças nem duvidas.

Ride-vos d'esses *ingenuos*, ride, mas não ante elles. Deixae na sua crença aquelles pobres de espirito. Não vades fazel-os sabios á vossa imagem e similhaça. Mais vale a sua innocencia do que a vossa experiente sabedoria, que é maldita. Entre os pobres de espirito, eu sou o mais pobre, e tenho medo de vós!

Quando vos leio, quando vos ouço, quando deixo o meu espirito, educado nas velhas crenças, seguir os vossos conceitos e preceitos, sinto viciar o ambiente! suffoco-me! afogo-me! debato-me n'uma asphyxia horrenda luctando no pelago das duvidas mais crueis. Voltando a mim repito... não, infelizmente como forte! mas como timorato, os versos d'um poeta... que morreu, o nosso querido João de Lemos:

«Ai, não, livro! não venceste!

 que me davas contra a dor?
 ou na alegria, ou no amor?
 davas-me o peito vazio;
 duro sempre, sempre frio!
 e por só consolação
 ter o — nada!... — Combateste
 as minhas crenças em vão!
 Ai, não, livro! não venceste!»

Santa Thereza de Jesus — *morria por morrer* — eu morro por crêr.

— «*Crença, scepticismo e cynismo*», — dizia o meu saudoso João de Deus, — o passado, o presente e o futuro da maior parte dos homens! a adolescencia, a virilidade e a decrepitude da alma... O sentimento, a intelligencia, e a materia. A fé, a philosophia e a sensualidade. O coração, a cabeça e o corpo... O ceu, a terra e o inferno!»

Poupae o sentimento, ó escarninhos! poupae a adolescência! poupae o coração!—poupae a fé!! Vingae-vos, monopolizando a vossa tremenda sabedoria.

O riso do sceptico é o mais feio dos risos :

«Avec ses yeux de flamme il t'espionne et rit.»

— Não comprehendo este riso que Victor Hugo attribue a Voltaire, — «*Le singe du genie*» —.

Não comprehendo este riso. Achava mais natural que o descrito chorasse sobre a podridão do seu destino.

Eu sou tão pouco feliz que nem já tenho as crenças divinas dos meus paes, nem a cruel certeza das vossas negações. E esta nem a tenho nem a quero.

Quando eu morrer, os que pensarem em mim, se alguém pensar, ficarão sem saber se eu era um grande crente, se um impio ou um sceptico; — hypocrita — não! não quero crêr que mereça essa injustiça. N'este mundo de convenções pequei sempre por dizer o que sinto; e assim como exponho o dó repulsivo com que vejo os que me — *espreitam e riem*, — tenho com a maxima franqueza erguido queixas e firmado protestos contra a politica mundana, que ás vezes, como a hera parasita se enrosca nas instituições da Igreja, e n'ellas, como as orchydeas, floresce. — Contra os falsificadores do texto dos evangelhos.

E como são esses muita vez os preponderantes, os meus clamores serão tidos como hereticos e blasphemos, por quem me lêr ou me ouvir.

Paciencia.

Se nas cousas humanas o *optimo* póde ser inimigo do *bom*, nas cousas divinas nada póde consentir-se que impane a nitidez do sacrario.

Se me perguntam o que sou, não sei dizer-lh'ó. Consi-

derem-me como lhes aprouver. Nunca tive aspirações a mestre; e na minha idade já não posso matricular-me discípulo.

*

E tudo isto veio para dizer-vos que tenho ainda hoje a faculdade de amar. E com uma singularidade: — nunca odiei. Sinto a dôr das injustiças; e mais que tudo me doe a ingratidão; mas nunca me vinguei. Perdoei sempre, mostrando-me, ou não attingido, ou não sensibilizado, ou esquecido; e é sincera a minha pena de nunca me esquecer! porque a recordação me faz infeliz. Não porque o meu aperto de mão seja menos affectivo, mas por pensar que também *elle* se lembra. — Elle, — o meu offensor.

*

A *Rocha*, que é a nota principal d'este poema, vive entre os meus grandes amores. Esta devoção que se esconde aqui no fundo d'esta concha florida e esmaltada, na sua ermida singella e cariciosa, com a sua fonte chrystalina, a sua gruta mysteriosa, o seu rio murmuro e transparente, o seu jardim que ajudei a cultivar, onde tanta vez passei, longe do bulicio das multidões, conversando com o jardineiro e com as flores, sondando os segredos d'aquelle morto guardado pela imagem da Virgem Mãe, longe d'olhos que me não *espreitassem rindo*, levo eu no coração.

Esta devoção é por demais conhecida. Até já me chamaram. . . por divertimento — o *Thomaz da Aparecida*.

Aproveito o ensejo para agradecer a graça, que não podia acceitar. Em primeiro logar por indigno d'ella; depois,

por não reconhecer, — que m'ò perdõem! — auctoridade, nos outhorgantes ou conferentes do titulo.

O apódo francez: — *Les portugais sont toujours gais* — é falso, traduzido como vulgarmente se traduz: — os portuguezes são sempre alegres; — querem porém alguns philologos que seja verdadeiro se o traduzirmos: — Os portuguezes são sempre divertidos. — A mim qualquer das versões me intristece e muito mais a segunda.

Fosse eu vaidoso que me podia honrar com esse arremedo faceiro dos que na Judeia, ha quasi dois mil annos, acclamaram... por divertimento! o filho da Apparecida — Rei dos Judeus. — Mas os de cá, os que me quizeram dar á Virgem Mãe, injuriaram-se na imitação, que nem mesmo nas feições são da Judeia.

D'ella porém, da *Senhora Apparecida* sou servo e adorador; bastava ser homem, portuguez e pae; mas outros laços devotos me prendem á veneranda imagem.

Sob a presidencia de Fontes Pereira de Mello, o meu saudosissimo amigo, e na companhia de Julio Márques de Vilhena, Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, João d'Andrade Corvo, José Vicente Barboza du Bocage (ministros) ajudei a cumprir a *palavra de Rei* dada pelo senhor D. Pedro V pouco antes de morrer. E foi com devoto ardor que trabalhei no pagamento d'esta divida sagrada. D'isto faço confissão publica.

Deixae-me o amor na terra, a esperança no futuro e a fé n'uma entidade superior, que eu dou e deixo por estes... nadas, ao culto espirito dos livres pensadores, as glorias do seu profundo saber, do seu lucido e escarninho instincto.

«Sem mais escudo»:

Aqui tendes o MENSAGEIRO DE FEZ, A primeira parte — A ROCHA offereci-a em separado á *Senhora* que ajudei a transportar da casa onde se hospedara, — a Sé de Lisboa, — para a sua ermida de Carnaxide.

Vontade tive de consagrar aquelle opusculo ás — *Filhas de Maria* — á tão sympathica associação das Senhoras de Lisboa, que teem já consagrado muitas devotas peregrinações á *Senhora da Rocha*; porém o poema de que o excerpto faz parte, poema cujas scenas se passam nos tempos d'Aviz, está já offerecido e consagrado á nossa excelsa Rainha, a senhora D. Amelia d'Orleans, a quem pelo muito que Portugal lhe deve, — e eu mais que ninguem, — pertencem de juro e herdade as maximas homenagens.

Ha outro nome que não devo aqui deixar esquecido: o do Senhor D. Luiz I. A Elle em grande parte foi devida a restituição da veneranda imagem, por isso a Irmandade manda celebrar missa por sua alma no dia 19 de outubro de cada anno, anniversario da sua morte.

*

Agora entremos no templo da Senhora.

PRIMEIRA PARTE



A ROCHA



A PEREGRINAÇÃO

«O Agosto derrete e cança
O Outubro é calado e triste.
Dezembro é lareiro e escuro:
Ao Maio não se resiste!»

(C. p.)

I

São dois de Maio; do mez festivo;
do mez das nupcias, do mez do amor.
Prados, tão longos que a vista os perde,
vestem seus mantos de seda verde,
bordados todos de esmalte vivo
de tanto ouro! de tanta flôr!
de quantos lyrios! de quanta côr!...

azul e roxo, branco e escarlata...
 uma loucura de tons e flôres!
 côres que ralham, côres que choram
 côres que cegam, cintas de prata,
 vozes que riem, vozes que adoram...
 uns desafios! — uma bravata!...
 O' Maio! ó doido mez dos amores,
 de ti no rio ri-se a cascata.

Dos brandos trigos, dos cevadaes
 compraz-se a briza nas verdes ondas.
 Na encosta agreste cantam pastôres
 bandos de moças cantam nas mondas;
 cantam nas hortas as lavradeiras;
 o arrais, na barca e o pescador;
 no rio, as aves e as lavadeiras.

As verdes margens d'esse Jamor,
 que são viveiros de tantas aves,
 que são canteiros de tanta flôr,
 beijae-as muito, brizas suaves!...

*

* *

Porém... Meus Deus! que immenso murmurio
 brota de toda a parte! — Trens, peões,
 surdem nos altos, descem para o rio
 entre fôgos, repiques, saudações!...
 Ha festa? ha jubileu?...
 Pois vamos lá tambem, coração meu!

*

*

*

Que multidões attráes, formoso descampado,
 ao floreo seio teu, ás aguas do Jamor
 infeite diamantino ao prado inteiro em flôr,
 espelho á lua, ao sol, ao céo, ao bando alado

que se mira cantando e amando! — Ó doce Maio!
 sorriso do Senhor mandado á humana grey
 n'um lampejo do sol, nuncio da eterna lei
 que nasce d'um sorriso e acaba n'um desmaio!

Divino, eterno amor!

Por cada amena estrada
 augmenta o borburinho! os crentes vem a flux
 de Quejas, Ribamar, Caxias e Queluz,
 Linda-a-Velha, Bemfica, Algés e Cruz-quebrada.

De Carnaxide a igreja em festivais se expande
 e em repiques de gala aos peregrinos diz:
 — Crêr por instincto em Deus, é ser feliz! feliz!!
 Ouvir-lhe a voz e vel-o, é ser bemdito e grande. —

Que rancho de gentis, lindissimas romeiras,
 — quanto Lisboa tem de nobre e principal, —
 que de Linda-a-Pastora a encosta esmalta e ao val'
 desce entre ribas d'ouro e sebes d'espargueiras.

Quem faz, com que destino a excelsa romaria?
 que traz? a quem procura a egregia multidão?
 — Trazem humilde prece e immensa devoção
 á *Senhora da Rocha* as *Filhas de Maria*. —

Cyrios nas mãos de neve;
 fitas no seio: — o emblema
 da sua fé, e o tema
 do seu amor, na voz.

Ouçam, sorrindo, os anjos;
 chorando, os peccadores;
 o sól, prostrado, e as flôres;
 e, de joelhos, — nós!

— «O' Virgem Maria,
 ó mystica flôr,
 celeste alegria,
 dulcissimo amor!» —

Fez-se um silencio ingente e magestoso
 as aves, o Jamor, a ramaria,
 a vida inteira, as vozes mil do dia,
 tudo ficou suspenso e silencioso
 para ouvir-se cantar:

— «Ave, Maria!» —

Oh! que celestes canticos
 em boccas tão mimosas!
 dir-se-hiam vozes mysticas

erguidas brandamente dos rozaes
 n'um côro de jasmins, cravos e rozas
 insaiando uns harpejos matinaes.

— «Manda a nossos lares
 as benções de Deus,
 Rainha dos mares,
 da terra e dos ceus!» —

E os eccos embebidos n'esse canto
 iam levar ao longe os sons suaves,
 iam encher o val' do mago encanto;
 iam contal-o ás aves.

-- «Amor sempre immerso
 no amor de Jesus;
 Mãi, junto de berço;
 Filha, junto á cruz.» —

Estrada abaixo o prestito descia
 solemne e lentamente;
 o povo, em recrescente romaria,
 aguardava em silencio e reverente,
 e recolhido e attento olhava e ouvia:

— «Em risos encobres
 ó Mãi, os teus dons
 riqueza dos pobres,
 thesouro dos bons!» —

E alava-se a harmonia derradeira
 pulverizada em notas chrystalinas,
 qual de scintillações lucida esteira!...
 — a via lactea das canções divinas! —

— «Se chora a indigencia
 teu manto lhe dás;
 sorris? ha clemencia;
 pões as mãos, e ha paz.» —

Do templo quando ao portico
 chegou formoso bando
 parou, cantando:

— «Submissas, constrictas
 romeiras do bem,
 no templo que habitas
 recebe-nos, Mãi! —

Entrae no templo, entrae ó peregrinas
 devotas formosuras! vossa Mãi
 já vos ouviu cantar, e á espera está,
 Reparae como tem
 nos labios o sorrir, no olhar o brilho
 que teve quando, um dia, com seu filho
 foi conviva nas bodas de Caná

Vem, venerando Nuncio, o logar nobre
em templo sumptuoso, humilde ou pobre,
pertence, apoz de Deus, ao seu Vigario,
e ao seu representante, — a ti, — Senhor,
Entra no venerando sanctuario
entra ungado de Deus, cuja tonsura
se não mostra a nenhuma creatura,
nenhuma! — *Soli Deo* — se descobre.
Pede por nós e ora em seu louvor.

Arcebispo de Tyro, em breve a egregia purpura
de insignias cardinaes te dá novo esplendor;
seja-te a honra insigne a novas honras portico,
mas não olvides o ermo e a gruta do Jamor!

Entrae apoz o Nuncio, entrae, Senhoras
cujos nomes estão no livro d'ouro
d'essa velha nobreza
que fez e guarda a gloria portugueza,
nosso unico balsão, brazão, thesouro.

Mas... Quem fecha o cortejo? — Oh! pobres cegas!
quem vos traz? Sabeis vós, que esbelto archanjo
é esse que vos guia e vos conduz
sob as candidas azas protectoras,
feitas do azul ethereo e da aurea luz
que scintilla na vossa escuridade?...

Coração portuguez que jámais negas
que para ti fez Deus a charidade!

Quem é!... Quem era?... Oh! não temais, Senhora!
que nem o pejo ao vosso rosto assome:

.....

(Sei! devia mostral-a, é certo!... Embora!
ella chorava se eu dissesse o nome.)

▼

*

*

Depois, dentro da igreja e ajoelhadas,
ouviu-se a voz d'um orgão. Docemente
se foi erguendo, erguendo a voz plangente
das — *Filhas de Maria*, — etherea grey
que tremula cantava
os hymnos festivos do seu amor:

— «Dos ceos onde brilhas,
ó Mãi, se nos vês,
bem vês, tuas filhas
são sempre a teus pés.» —

*

*

*

Um padre revestido ao altar-mór
disse: — «Introibo ad altare Dei.» —
a missa começava
na igreja que inundava immensa gloria,
missa em honra da Mãi do Salvador.

Ouviram esta missa e o pio — *hossana* : — um hymno,
 cada um de seu altar, submisso e reverente,
 o — Angelico Doutor — o S. Thomaz de Aquino:
 Francisco Xavier, — o apostolo do oriente.

.....

«*Ite! Missa est.*»

As candidas romeiras
 foram-se espairecer, jardins além,
 dar voz e vida ás pávidas carreiras.
 Vamos, coração meu, vamos tambem.

*

*

*

Como este sitio é bom e esta paizagem bella
 como é bonita a ermida
 tão nova e tão singella
 em honra d'ella erguida!
 A caza de Maria — a nossa mãe divina!

.....

Junto á ermida a fonte ampla, abundosa,
 limpida, chrystalina;
 em torno, o seu jardim tela divina,
 cheia de tanta sombra e tanta roza!

Dir-se-hia que ao nascer e ao pôr do sol,
 n'esta amena soidão deliciosa
 em cada brando arbusto e em cada flôr
 descanta um rouxinol
 canções á Virgem Mãe na sombra deleitosa.

Abraçando o jardim corre o Jamor,
 o rumoroso rio,
 cõllar de per'las finas, e brilhantes,
 cõro ás aves, no brando murmurio.
 De montante uma ponte ampla e formosa
 seus braços descançando em dura penha,
 a solidão contempla e ouve os segredos
 das aves e do rio. Do outro lado...
 vê-se e ouve-se... — O' Deus! Sitio encantado!
 a faiscante cascata d'uma azenha
 entre uma densa moita de arvoredos.

Paraizo terrestre
 de perennal idyllio!
 — *Arva dultia* — dignissimos do mestre!
 — da *avena* dos pastores de Virgilio! --

*

*

*

As romeiras lá vão. No ermiterio
 á vida a soidão calma succedeu.
 Fiquemos ainda nós, coração meu.
 Quero sondar o arcano d'um mysterio.





A GRUTA

.....
Em vêz d'exercitos d'anjos
um só velho te guardar.

Mas virá dia, algum dia,
quando o teu filho ordenar
que de gente baptizada
te vejas desencantar.

.....
E os ossos nús do teu servo
Na terra se hão de alegrar.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO
(*A Senhora da Nazareth.*)

II

Esse templo que alveja sobre a rocha
na margem do Jamor.
tem por baixo uma gruta escura e fria
onde uns moços da aldeia, acaso, um dia,

encontraram a Mãi do Salvador.
 Imagem pequenina; miniatura
 da oriental celeste formosura
 que fôra Virgem, Mãe, fonte de amor.

Olhos tristes, mãos postas, face terna.
 Tinha um manto de seda já desfeito
 pela humidade morna e pestilente
 da lobrega caverna
 Ao pé jarra de flores, desvidrada.
 Além, não longe, em frente
 apodrido esqueleto,
 desconjunctado, carcomido, — abjecto !

Este quadro sombrio e fragmentado
 visto á luz vacilante d'uma tocha,
 pelo bando infantil que entrou de rojo
 no lobrego covil da esconsa rocha,
 nas hirtas stalactites d'esse fôjo,
 vividos amostrava e tremulantes,
 mil prismas' iriados de diamantes
 em torno á Mãi de Deus.
 Gôtas d'agua pendidas, puras, bellas !
 grinalda argentea n'um docel d'estrellas !
 fragmento augusto de equatorios céus.

E quantas d'essas joias debruçadas
 além, sobre os destroços d'esse morto
 que ella guardava attenta e desvelada,
 iam — estrella a estrella desmaiada —
 caindo, como lagrimas da noite
 em cima d'essa dôr inconsolada !

— O' Mãi de Deus, que o viste ali morrer
e na hora derradeira lhe assististe
sem teres já, sequer
um manto onde o miserrimo se acoite,
como o teu rosto era velado e triste!

Os romeiros gentis que deslumbrados
fôram com brilhos taes, tanta agonia
viram na Mãi de Deus que, ajôelhados
entoaram em côro:

— «Ave, Maria,
cheia de graças mil, Deus é contigo,
fulge em teus olhos a divina luz;
és bemdita entre todas as mulheres,
bemdito o filho teu, doce Jesus.
Santa Maria que de Deus és Mãi!
agora, e quando findem nossas dores,
roga, pede por nós, os peccadores,
— *Amen.*» —

E um grupo d'aldeãs que entrado tinha
atrás dos filhos seus, n'aquelle instante
prostrando-se tremente e supplicante,
em côro respondeu:

— «Salve, Rainha!
mãe de misericordia, nossa vida
esperança e doçura, ouve estes brados
dos pobres filhos d'Eva, os degredados
n'este valle de lagrimas e abrolhos!
Volve, Senhora, a nós, volve os teus olhos,
pharoes de tanta luz,
advogada nossa! e apoz tamanhas
penas, miserias, maldições d'um erro,

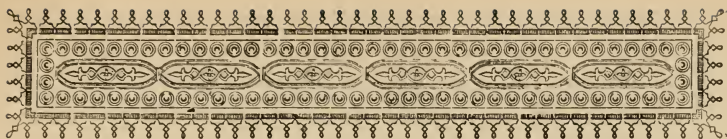
ao cabo do desterro
 oh! mostra-nos Jesus,
 filho das tuas virginaes entranhas;
 e, dignos das promessas do Senhor,
 consegue-nos a paz e o seu amor.»

Depois, um *Laus-perenne*; a invia gruta
 uma d'immensas ignorada tumbas,
 um misero ossuario
 tornou-o a fé sublime em sanctuario
 como foram de Roma as catacumbas.

Depois de longa porfiada lucta,
 em honra da — *Senhora Aparecida* —
 á santa Mãe do amor
 ergueu-se o egregio templo,
 a capella risonha que contemplo
 sobre a rocha na margem do Jamor.

— Quem tal prodigio fez?
 — Uma linda velhinha: — a *tia Ignez*.





CONFITEOR

«Intus et in cute.»

(*Conf. de Rousseau*).

III

Duas palavras agora
d'uma confissão sincera ;
depois vos direi quem era
a velhinha, — a tentadora. —

Sou d'uma aldeia entre penhas,
invia, arredia, escusa ;
fez-me Deus e á minha Musa
bem á feição d'essas brenhas.

Se eu a pintei no *D. Jayme*
faceira e alegre e beldade,
é por que tinha outra idade
e outros olhos ; perdoae-me !

Já não é hoje essa esquiua
 que foi, mostra-se a quem passa
 garrida e cheia de graça!...
 mas que pena! — a primitiva!...

que passava uma semana,
 e um mez, a cantar sósita!...
 E fui eu que a fiz bonita!
 e fui eu que a fiz mundana!

Foi bem?... foi mal?... — Que responde
 o meu velho berço alpestre?
 — Que no seu eden silvestre
 me quer, mas que não me esconde. —

Por isso o meu seio enfermo
 me pediu sitio escondido
 onde só, desconhecido
 vivesse como n'um ermo.

Pois quiz bem, este poeta
 arrosentar a côr pallida;
 espedaçar a chrysalida
 e doudejar — borboleta!

Quiz bem vencer o profundo
 horror a festas e a galas.
 Foi bem tratado nas salas,
 foi respeitado no mundo

e com sincero desvello
 se deu prodigo e risonho! . . .
 Mas viu morrer o seu sonho
 nas garras d'um pesadello !

Depois andou muito longe !
 fartando n'um céu suave
 as suas ambições d'ave,
 os seus instinctos de monge.

Mas porque da curva ás traças
 pedir a soidão?! chymera!
 se o seu destino, — uma fera!
 o toma e o arroja ás praças!

Fui sempre um triste, um bisonho,
 um misanthropo, um selvagem!
 prefiro ao mundo, — a paizagem;
 prefiro á lueta, — o meu sonho;

à realidade, as chimeras;
 á grande cidade, os montes;
 mais que aos mares quero ás fontes;
 mais que ás multidões, ás feras.

— Por que esse tedio profundo
 e horrores que me consomem?
 — É por que vi bem o homem!
 é por que vivi no mundo.

Por que estudei seus... primores
 nas tramas da immensa teia;
 porque assisti na plateia,
 no palco e nos bastidores.

Porque a protervia é no centro
 das constellações mais bellas.
 Porque, se a aureola é d'estrellas,
 é lodo o que lá vae dentro.

.....

N'uma aldeia aqui sumida
 Do Jamor junto aos rochedos
 achei lyrios e arvoredos
 e, n'elles, caza — escondida.

Entre ares calmos, suaves
 aquella soidão me aprouve!
 um sitio onde se não ouve
 mais que o vento, o mar, e as aves!

—

Quando Cid, o valente,
 apoz o grão duello fraticida
 só por si levantou hoste aguerrida
 e com ella prostrou a maura gente

do Tejo pelo valle em florescencia,
entre encantos manteve heroica lida
até ás louras praias do occidente.
Depois tomou Toledo, e, apoz, Valencia.

Juncto a Lisboa o Cid
encontrou, arrogante,
como a tolher os passos do gigante
um castello mourisco: — *Alfaragide*
que atalaiva a barra, — Ajuda, — Almada, —
Arrabida e o solar dos — *Capa-rica*; —
A leste o valle ameno onde — *Bem-fica* —
de Fronteira e de Alorna — astros ovantes —
a senhorial morada.
Tudo o mouro espiava em frente e em roda,
sentinella postada
juncto ao monte — *que luz* —,
tanto as suas areias são brilhantes
e tanto, os vagalumes que produz.

Foi custosa a victoria;
mas quando a ultima torre se rendeu
e o heroe passeiou sobre as ameias
olhando, agradecido, os seus, e o céu,
achou formosa moura entre os refens!
e, dando graças á ventura... e á gloria,
ao impulso fatal dos seus vaivens
fez arrazar o alcaçar mauritano,
deixando ao monte o nome, por memoria.
E consta que d'algemas e cadeias
o vencedor humano

livrando a gentil moura, a conduzira
á casa onde pousava: a — *Kara-a-Cid*;
e pouco mais transpira.

Mas a saloia gente
que n'esta aldeia, onde vim dar, reside,
gente desconfiada mas valente,
limpa, bonita, audaz,
timbra de ter no sangue um sangue quente,
castelhana e mouraz.

Foi d'então que nasceu, que alli se fez
a povoação que herdara o nome e a era
da lendaria morada onde nascera.
E alli nasceu e achei — a *tia Ignez*.





A TIA IGNEZ

— «Quantas vezes a mãe canta
com vontade de chorar!»

(C. p.)

IV

Era de manhãzinha.

Eu visitava os meus vergeis, seguro
de estar bem só, quando, por trás d'um muro
e de sob um docel de frondea rama
ouvi bater de roupa e um canto... um canto!
um rithmo triste entre o gemido e o pranto.

— «Senhora da Rocha
de galas vestida,
ha tanto escondida,
tão longe de nós!...»

Páro, espreitei! Que linda! a velha que alli via!...
 Formosura de sancta!
 voz, — a da annunciação do anjo! Apoz ouvia:

— «E o templo parado
 e a gruta deserta!...
 Vem ver-nos! desperta!...
 Conheces-me a voz?...»

Fiquei-me prezo a ouvil-a e mais eu não sabia
 o que ella em seu cantar tão triste ali dizia!
 Onde era aquella gruta? E a dona?... Começou
 de novo o psalmo triste e a suspirar cantou:

— «Os annos vão-se indo
 e a fé na promessa
 começa... começa
 fugindo de nós.

O templo parado!
 a gruta deserta
 vem ver-nos! desperta
 que estamos tão sós!»

E parou de bater a roupa na galgueira
 e de cantar. Sómente, assim como quem vê,
 ou tenta refazer imagem feiticeira
 mas que só pôde vêr, d'ir já tão longe, a Fé,
 disse extendendo os olhos
 para uma escarpa invia, — um matagal de abrolhos:

— «Senhora da Rocha!...

 Formosa oliveira...»

Voltou-se, attentou, viu-me! e acceza de rubor:
 — Bom dia, senhor, — disse; e eu pela minha vez:
 — Bom dia!

— Sois acaso o novo morador?
 — Talvez; e vejo, e ouvi?...
 — A velha tia Ignez.
 — Que saudoso cantar!

— Penas de gente velha.
 — Penas de quê? por quê?!...

.....
 — Senhor, sois da cidade?

— Não, tia Ignez, sou d'uma pobre aldeia.

— Então... crêdes em Deus e tendes fé?

— Tive sempre, e esperança.

— E caridade?

— Talvez, — disse a sorrir, mas commovido.
 E ella mais commovida olhando os céus:

— Deus! O meu voto foi acaso ouvido,
 bondoso Deus?!

... Sois christão, tendes fé... Se isto é verdade
 ireis commigo, um dia além, senhor,
 a essa rocha na margem do Jamor.

— A'manhã!

— A'manhã?... e se o cançasso
 me tomar no caminho? a paciencia
 é-vos mister tambem. Aquella encosta
 é toda um espinhal.

— E a fé, que arrosta
 co'a propria morte! Ireis pelo meu braço. —

Que resplendor havia nos seus olhos
que bençãos nos seus labios !

No outro dia
vestindo as suas roupas domingueiras
foi levar-me em piedosa romaria,
remoçada, vermelha, prazenteira,
atravéz de juncaes, lyrios e abrolhos,
á gruta ! onde ella vira — *apparecida*
a sancta Mãi de Deus
tão triste e tão bonita,
qua alli passara seculos, sósinha !
guardando os ossos nús do seu ermita.

Depois de se benzer, e de mandar
uma prece, um louvor, um hymno aos céus,
no esconso lateral da gruta-ermida
mostrou-me a furna que ella vira altar ;
e defronte, no chão,
a tosca, aspera e humida jazida,
onde viu debater-se aquella vida,
— a sancta prisioneira — immaculada ! —
gemer, agonizar ;
a desfazer-se a carne,
e branquear-se a ossada !
Depois, apodrecer !
Depois, desaparecer !
Depois . . . mais nada !!

— Então viestes aqui, no proprio dia ?
vós, tia Ignez, tambem ?

— Vim eu, veiu o meu pai e a minha mãe
moços, velhos, pobreza e fidalguia,
tolhidos, cegos, surdos, e aleijados!
viemos todos ao sagrado fojo

graças render, prostrados,
chorosos, soluçantes de alegria.

De rojo, era de rojo
que entravam os romeiros
na mysteriosa gruta,
por fenda natural da pedra bruta
escondida nas franças dos salgueiros.

E de noite e de dia,
de toda a parte, o mundo em romaria,
senhor! e os de mais longe entre os primeiros!
Quem foi contar a historia do prodigio
a tamanha distancia?
atravez d'esses valles e esses montes?...

Como é prodigiosa a voz da infancia!
da piedade e da fé, alto, o prestigio!

No enorme vai-vem — um mar!
eram c'roados de flores
e acclamados os pastores
roucos de tanto cantar. —

— Os ossos, tia Ignez, viste-os ainda?

— Apodridos, Senhor; todos quizeram
d'elles reliquias ter. Despareceram.

Eu tenho dois em cruz, e cruz bem linda!
heis de vê-la!... E vereis mais, (em segredo)
o que meu pai achou e que me deu.

Mas... quando conheceu que era de prata...

(Lembrança que me mata!)

de remorsos carpiu, de dôr morreu,
pedindo-me por Deus! que o escondesse
em terra ou mar d'onde não mais volvesse.
... Vereis, depois.

Agora dae-me o braço
e atravéz d'essa inhospita espargueira
que veste a bruta encosta e que faz medo
vêde se me levaes a passo e passo
até vencer os cimos do rochedo.

Fomos. Dura subida, invia, silvestre!
E como eu vinha absorto :

— Uma cruz!... porque uma cruz?...

— Dos ossos d'aquelle morto?

Por que esse que alli viveu
e alli chorou e gemeu
e agonizou e morreu
sem ninguem, sem mais ninguem,
ao fugir-lhe a ultima luz
do seu ultimo crepusculo
disse áquella Sancta Mãi
ai! disse!! juro-o, Senhor!
«Chama o teu doce Jesus,
que te leve espaço além!
e ao chegar ao céu sem fim
pede-lhe muito por mim
contando-lhe os meus martyrios,
minha Mãi! ó meu amor!!
Se não, vaes ficar n'un tumulo,
que o meu coração só tem
nas suas ultimas lagrimas
os teus derradeiros cyrios!!»

— E a Sancta Mãi ficou seculos!

— O que é ser Mãi!

— N'este horror!

(Augmentava a agonia do meu Horto!

«Quem era aquelle morto?»...)

.....
— O mais logo o contarei
quanto sei e quanto vi.

Mas nem pés nem pernas sinto.

Vamos sentar-nos aqui,

Na pedra do Senhor Rei

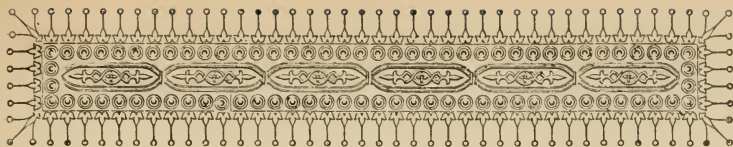
por quem eu já chorei tanto

— Que Rei, tia Ignez?

— O Sancto!

O Senhor D. Pedro V.





PALAVRA DE REI

«Andava o Rei pelas selvas
e pelos montes além ;
as pastoras ajoelhavam
e o rei não via ninguém.»

(C. p.)

V

.....
El-Rei D. Pedro V! o triste, o melancolico!
homem tornado em dôr! lucto que se fez rei!
de cuja c'roa e sceptro as joias foram lagrimas
orfão, viuvo, infermo!... o amor da mesta grey

que se lhe deu por filha, ao vêr que o regio thalamo
esteril se gelou! Vergado a tanto mal
o infeliz Rei fugia ao seu tormento immerito,
vinha esconder-se alli, no asperrimo pragal!!

.....

— O' tia Ignez, e vistes aqui o rei?
 — Ora, se o vi! fui eu que lhe contei
 tal e qual como foi e tal qual é
 toda a historia da gruta e da injustiça
 do governo... e dos conegos da Sé,
 fingindo devoções que eram cubiça.
 Que a Virgem me perdoe se digo mal.

.....
 Estacou, hezitante; e, emfim... — Lá vai! —
 disse ella. Agora dae me a vossa mão!
 ponde-a aqui, no meu peito e, vá, dizei!
 não me sentis partir o coração?!
 Oh! que atrevida eu fui! que malcreada!
 que insultos eu não disse ao santo Rei!

.....
 Inda hoje tremo e choro envergonhada!...
 Se podeis perdoar-me, perdoae!

Ora, escutae
 as blasphemias que eu disse a um rei!... a um pai!

— «Senhor D. Pedro, quando o vosso avô...
 ou vosso bisavô,

O Senhor D. João VI,
 foi forçado a sair de Portugal...

Se é que não foi pretexto,
 e isto que vou dizer não o sigo eu só;
 da nossa grande amiga, a Inglaterra,

para ficar Beresfórd
 a escravisar a nossa infeliz terra,

o reino foi tratado,
 ora pelos francezes
 ora por esse lord,

como se trata um misero ingeitado...

Um curralão d'escravos ! . . .
 Mas que valente e bom, real senhor !
 um punhado de bravos
 que sem temor de fomes nem revézes
 levou Hespanha a dentro, e sem rei, só !
 formado em destemidos batalhões
 os Soult e os Massenas,
 depois de ter primeiro
 ensinado o Junot
 nos campos da Roliça e do Vimeiro.
 E passavam por ser uns valentões !
 soldados . . . sim, mas cães de caça apenas,
 que saíram ladrões.
 E el-rei . . . el-rei no Rio de Janeiro !
 Deus lhe perdôe, que foi bem castigado !
 O que a mulher lhe fêz, essa heroína,
 já filha de mau pai e peor mãe ! . . . »

— Perdoêmos, disse elle, a quem Deus tem —

Este dizer fez-me cair em mim.
 «Perdão ! perdão, Senhor ! !» E ajoelhada
 beijei-lhe a mão tremente e regelada.
 «Senhor Rei, que indiscreta e que imprudente ! . . . »
 — Basta, pobre mulher !
 «Senhor, bem haja o povo em seu dizer
 que sois o anjo bom da pobre gente.
 E a rainha, senhor, está no ceu ;
 Deus deu lhe do perdão a graça e o dom.
 Se alguma vez foi má, foi desgraçada
 e d'ella vindes vós, que sois tão bom !
 A vossa bisavó é pois em gloria
 A má mulher sou eu
 não a infeliz rainha . . . »

— Bem, bem ! disse a sorrir, sois perdoada,
continuae a historia. —

Mas eu tremia como varas verdes !
custou-me a recobrar e a ser bem minha :

Por fim lá consegui.

El-rei fez-me assentar junto de si,
onde ora estou sentada ao vosso lado.

*

* * *

«Vedes este recinto profanado,
Senhor rei?»

— Vejo, sim, o começo d'uma egreja.

«Hoje, ha muito, Senhor, córte de gado.»

— Já, desgraçadamente, o vi e o sei.

Por que ficou assim?

«Por negra inveja,
não se póde aventar outro motivo.»

(Fui vêr tambem ; cobria o matagal
uns alicerces só ; templo abortivo.

N'elles viu Pedro V, — o malogrado, —
um symbolo talvez, do seu reinado.)

«Quando o congresso, em vinte, gente grave
mas, perdoae ! pouco temente a Deus,

se viu só, forte, e sem nenhuma entrave,
gente de raça nunca desbravada
e nem que facilmente se desbrave,
muito fidalga de não ser fidalga,
vaidosa a mais não ser dos feitos seus,
inteiriça, altaneira, inchada, ufana,
mui mais que o soberano soberana,
começou de reinar em Portugal
sob' o titulo e a honra sobre-humana
de — Sua Magestade Nacional —
taes cousas de cá disse ao rei antigo,
que elle voltou, correndo, aos velhos paços,
Do — *Augusto Nacional* — quiz ser amigo
mas o novo Senhor, fechando os braços
 com razões excellentes
lhe condemnou os dogmas que trazia
d'além, do paraizo apetecido
onde abundava o fructo prohibido
e as Evas lindas e as ruins serpentes.

Quando á Ajuda o bom Rei se recolhia
é fama que na porta do apozento
encontrara um leteiro onde se lia :

— «Juraste a constituição?...
E agora? pobre João?!» —

Ao que elle promptamente respondia :

— «Faço o que me dizem,
Como o que me dão.» —

«Isto, Senhor, que corre por aqui
ouviste-o já no Paço?»

— Ouvi, cuvi...

« Dizem que era a pergunta... »

— Da Rainha ;

tambem ouvi dizer.

« Ruins côrtes, custosas de aturar ! »

— Mas eram patriotas, liberaes,
flôr que nos promettia optimos fructos.

« Oh ! não digaes ! .. »

essas côrtes, Senhor, foram castigos
e maldições e luctos

que o démo nos mandou. Gente cruel !

Eu gostei sempre mais dos reis antigos.

Para nós o bom rei foi D. Miguel...

E sois agora vós ! »

— Agradecido !

Mas que vos fez a gente do congresso,
que assim vos causa horror ?

« Que mal nos fez, Senhor ? ! »

E curvei-me a chorar. Tinha o meu peito oppresso ;
tinha a minha alma em taes e tantas amarguras
que, sacudida em pranto, em ondas de soluços,
escorregando fui até cair de bruços.

Levantou-me o bom Rei nas suas mãos augustas,
tremulas paternaes, tão lindas e tão puras.

e no seu regio lenço os prantos me enxugou.

Beijei-lh'as ajoelhada e balbuciei :

— « As côrtes,

gente sem rei, sem Deus, sem compaixão, sem fé,
mandaram-nos roubar a nossa Mãi santissima
por tropas de Lisboa... e conegos da Sé !

A santa Mãi de Deus, na gruta apparecida !

que era de nós ! de nós !! de quem a libertou !!

.....

E por ella que ha tanto, além, tão longe mora
na Sé... n'um fraco altar... um carcere... um desterro!
pergunta o lyrio, a flôr que no ermo desabrocha.

D'antes, Real Senhor, chamava-se este sêro

— «A Senhora da Rocha. —

Isso passou; agora

chama-se ainda aqui — «A rocha da Senhora.»

Amanhã a este monte e asperrimos sarças:

— «A Rocha» — nada mais.

Não! que de a haver não resta a minima esperança.»

Magoou-me que El-Rei sorrisse e não chorasse.

«Não me crêdes, Senhor?...»

— Pensava na vingança

que devieis tomar do general Sepulveda.

«Ah! conheceis a historia!? Era elle o commandante
da divisão-quadrilha. Alli, pouco distante

de nós, foi que se deu

o caso. A velha... um nada em frente d'um gigante,
branca! a chorar de raiva e dor, cresceu, cresceu
para elle, (que então buscou o punho á espada,)

e poz-lhe as mãos na cara, olhando-o frente a frente!

Se a Vossa Magestade eu não dizia nada,

calava-me, Senhor, por honra da patente

e dos galões da farda.

Então, de povo e tropa ergueu-se um grão tumulto!

A espada meio erguida, apoz tremar do insulto,

fugindo ao general caíu de envergonhada.

É de Linda-a-Pastora a velha e vive ainda.

Tem alma de varão e chamam-lhe — Galharda.» —

— Heis de chamar-m'a um dia. As mãos lhe quero vêr
que valem uma espada, um bravo, — uma imminecia...

«Que emfim morreu traidor! Divina Providencia!»

— «Senhor, para outra vinda
de Vossa Magestade, a velha ha de vir ter
á Rocha, se poder,
que tem cem annos já... Ella era velha em Vinte.»

— Pois eu irei por lá.

E agora, tia Igenez
imaginae que um rei, (um rei não absoluto)
vos vinha aqui dizer:
«Quem sabe se talvez
não volta para vós a santa imagem
e não se extingue emfim o vosso lucto?» —

«Senhor! — Palavra de Rei...»
— Não volta atraz quando a deu
e dou-a.»

.....

— Ouviste acaso
esta palavra formal?
Ouviste?

— Ouvi, lhe disse eu.

.....

«Aqui parou-me a memoria
qual se perde o sol no acaso;
e mais não viram meus olhos
senão visões de loucura!
Entre psalmos e entre cyrios
uns fatuos clarões de gloria
n'um céu todo em festival:
e um jardim cheio de lyrios
n'este matagal de abrolhos.

Porém el-rei não volveu!
 a celeste creatura
 de triste que era, morreu!
 e morreu nossa ventura!

— Ora! palavra de rei —
 deve ainda el-rei cumpril-a!...
 Não choreis, sêde tranquilla...
 — Eu já não choro... chorei!

.....

*

*

*

N'essa noite, alta noite desvelada
 pelos sonhos da minha phantasia,
 julguei ouvir e vêr... e ouvia, e via
 os hymnos e os clarões d'uma alvorada.

Tudo longinquo e vago! O côro e os lumes...
 um sol mostrando-se entre o céu e os mares;
 no val, nos montes, nos jardins, nos lares
 gorgeios, risos, preces e perfumes.

De sacros sons e accordes peregrinos
em Céus e terra universal concerto.
Erguido no pragal, hontem deserto,
um templo, e n'elle, uns canticos divinos,
de vozes que a velhice faz trementes
e os extasis, d'amores satisfeitos;
trinadas, quaes no céo, as dos eleitos
ou, no presepe, as dos primeiros crentes.

«Senhora da Rocha
de galas vestida,
Cumprida! és cumprida
palavra de Rei» —

Depois... já me não lembra o que houve mais na ermida
e o mais que n'essa noite eu vi, ouvi — sonhei.



SEGUNDA PARTE

O MENSAGEIRO



LAMPEJOS

Viva a tavola redonda !
Viva da gloria a paixão !
Que é mortó o mar calmo e chão
e ha vida na inquieta onda !

I

Que encontrára na gruta do Jamor
junto dos ossos carcomidos, podres,
o pae da tia Ignez, o velho Algodres
(que era beirão o rude sertanejo)
que achou que o fez adoecer d'horror
e morrer com remorsos d'esse achado
julgando crime um casual ensejo?!
Que achou esse doente de peccado
que nos horrores da maligna febre
tanto pediu á filha que o escondesse
em terra ou mar d'onde não mais volvesse?!

Recoberto de maculas de azebre,
 um cofrinho cylindrico, de prata
 com peanha de cobre;
 n'elle cabia a pequenina imagem
 da mãe do Salvador,
 a que estava no funebre ossoario.

Tinha um relevo nobre,
 um só, mas valioso: entre ramagem
 de palma e louro, a régia corôa
 encimava as portinhas do sacrario
 — miniatura —; um passaro voando
 ao céo, e esta inscripção gravada:
 — «1415. Ao meu Fernando.» —
 E ali mais nada.

Porém, por todo elle, dentro e fóra,
 abertas a estilete algumas datas,
 alguns nomes e phrases; e á Senhora:
 invocações e confissões sinceras
 de horriveis desesperos e saudades,
 confidencias d'enormes crueldades,
 revelações de sonhos e chimeras...
 — um drama horrendo, onde cruel, ingrata
 dama, sem coração... ou sem consciencia,
 apagára de todo a luz da esp'rança
 no carcere infernal d'uma existencia!

Phrases soltas e breves. Taes são estas:
 «Eu de quinze annos, meu avô de oitenta!
 Duas creanças!...»

«Deu-me um beijo o Mestre!»

.....
 «Viver entre cardaes, rochas, florestas
 como animal silvestre!...»

«Vi Trancoso, Linhares e Sortelha
e os Algarves d'além, e a morte lenta
do martyr, . . . e o açoite . . . vaias . . . pedras!»

.....
«Disem Linda-a-pastora! . . . Linda, a Velha!»

.....
«Bando : — Russos além ! — (de Torres Vedras)
A epopea dos velhos!»

.....
«Rei fraco, e bom . . . As côrtes de Leiria . . .
Nem paz nem guerra!»

.....
«Ante Vós, quinze meses de joelhos,
Virgem Maria!»

.....
Elle! o eterno truão de eternas festas! . . .
«E um meu avô dos doze d'Inglaterra!»

.....
Por fim, sinistra luz fatal d'um raio!
Uma praga n'um ronco de vingança!
Data :

«43 ! 20 de maio.»

.....
Apenas mais dizia :

«Em combate leal ! Virgem Maria,
minha Mãe! . . . minha filha! . . . meus amores,
a vós o extremo instante que me resta.

Pisei-o, elle prostou-me. Vim morrer
junto de vós . . . n'esta» . . .

— Gruta, — ou — cova, — talvez . . . Já se não lia
o mais que inda riscára o moribundo.

— Tia Ignez, lhe disse eu, quizera haver
Este oratoriosinho. . .

— Senhor, não !

para vol-o mostrar desenterrei-o . . .
 sabe Deus com que aperto no meu seio!
 Sabe Deus com que dôr no coração!
 Copiae, decorae! volto a enterral-o!
 tal qual recommendou meu pobre pae,
 inda na derradeira convulsão:
 «que o machucasse, em fim, que o escondesse
 em terra ou mar d'onde não mais volvesse!»
 Não mais resurgirá do fundo vallo!
 Ignorado ha de ser no seu jazigo,
 para sempre, senhor, com pena o digo. —

Em seu chale escondido, a tia Ignez
 levou-me o precioso documento;
 mas depois de o beijar, por muita vez.
 Ao sahir, segredou:

— Perdão, meu Pae!

E me perdôe o ceu!
 vou escondel-o, e mais á luz não sahe. —
 Depois, a mim, serena e sem transporte:
 — Aguardareis, primeiro, a minha morte,
 Após ella o que viste aqui contae. —

A tia Ignez morreu.

*

*

*

Com este cofre-altar e as phrases sybillinas
 gravadas a estilete, ou tristes ou ferinas,
 e o nome que firmou o preito á Mãe de Deus,
 um drama horrendo, atroz! se abria aos olhos meus.

*

Sentae-vos, anciãos! sentae-vos, nobres damas
 se o enlace quereis ver que nos promette os Gamas;
 e o berço que os embala e a estrella que os conduz,
 mixto de riso e pranto, embrião de sombra e luz.
 Não a epopeia — o quadro!; outro cantor e artista
 o póde, eu não! tentar, d'esta cançada vista
 já foge o traço e a côr e os epicos perfis,
 e do já duro ouvido os trons da guerra; eu fiz,
 nos versos que ides ler, um pobre escorso apenas
 d'um martyr, d'uns heróes, do horror d'escuras penas,
 que tantas custa a gloria e tantas custa o amor!
 Mostrando-vos heróes, choro uma grande dôr
 cercada d'outras mil! de enormes sacrificios!
 fulgores d'um diadema e os tratos e os flagicios
 que nos custou a gloria enorme e sem rival
 d'um povo. . . uma familia... um nada: — Portugal!
 Uns poetas, á voz d'uns generaes bastardos
 que iam bradar — alarma! — em grita, nos alardos!
 E as armas empunhava e hymnos cantava a grey,
 e eil-os marchando á voz do seu bastardo rei!

 Bastardos! tanto heróe!...

Só dá frutos opímos
 germen que amar a terra onde ache seiva e mimos.
 Do Amor, as bellas vêm, e os grandes — os varões!
 Do pacto sem amor, — o monstro! — as podridões! —
 Bemdito amor que deu: reis, generaes, soldados,
Os doze d'Inglaterra, alus de namorados!
 um sonhador, um crente, uns principes... de luz!
 na bandeira d'Aviz — a patria, e o ceu — na cruz.

E ahi vae uma nação inda na infancia á guerra,
nação que mal se enxerga, entre as nações da terra,
nação que pouco tem, mas que tem alma e quer,
e achado um ideal põe n'elle o seu dever.

E quer! não, conquistar, — quer descobrir uns mundos
que além d'um mar escuro e abysmos negros, fundos,
hão de existir, talvez, hão de esconder irmãos.

Vae arrostar bulcões e os mil phantasmas vãos
que géra a phantasia e a insomnia d'ignorantes...
e de sabios, tambem! tormentas e gigantes!

Que val' ser negra a lida? O sonho é d'aurea côr!

Além?! — o tenebroso?!; além?! — o Adamastor?!

E além mais?!, um clarão, um fóco immenso — a Gloria!
umas benções... talvez; umas mensões na historia;
um hymno — uma epopeia!... E a festa popular
onde caiba a canção, voltando ao patrio lar:

«Viva a tavola redonda!

Viva da gloria a paixão!

Que é morto o mar calmo e chão
e ha vida na inquieta onda!»

Brutal, a multidão applaude como agride.

A's festas cordeaes Deus-Lar é quem preside.

E este era o hymno ideal d'aquelles corações.

Aventuras: — o azar d'um jogo de varões.

Hoje o ideal mudou, se não morreu! a impulso
de Nietzsche — o algoz de Deus! e algoz convulso
que applaude o proprio crime e se retracta apoz
no — Escravo algoz dos reis, para reinar a sós;
que tendo *esfaqueado* o Deus, — o grão-tyranno, —
eria — visão d'um louco! — *o homem sobre-humano!*

De Comte, — o novo Adão que só produz Cains,
de Schopenhauer, triste astro que, dos confins
dos negros sonhos seus nas regiões do norte,
anda a exalçar o nada e a deificar a Morte!
Architectos do cahos!!...

Voltaire, o mestre!, a rir
vê a semente má dos seus vergeis florir.
Ninguem já diz seu nome! — A ingratidão dos novos!
Nem elle os reconhece em publico...

Ah! se os povos...

Perdão! não sabem ler...

Hobbs, Darwin, Rée,
Malthus. mysticos são, cheios d'amor e fé,
Ao pé da nova turba ou — nova Galileia
que anda a matar o Deus, a Sociedade, a Ideia,
tudo!...

Se em vez de — Patria, o socialismo quiz
a Humanidade — um povo; o Mundo — um só paiz,
vem proclamar Nietzsche, o deus feroz do abysmo,
em vez d' — *Humanidade*, — o *Individualismo* —!
— Familia?! — amas de leite, e basta! — as pobres mães!
Noés e Adões que dêem filhos Cains e Cães,
e de Cães e Cains — o povo soberano
d'onde ha de emfim sahir o — *Homem sobre humano*.

Eis o ideal do norte, o povo arguto e bom
que Voltaire anteviu. Já se lhe escuta o som
da marcha triumphal que ao novo cahos corre
por sobre o mundo absorto, e que ergue as mãos e morre
no grande cataclysmo — o planeado horror
da nova — *Grande Ideia* — hostile ao — *Grande-Amor!*

Em honra ao cahos novo e á nova Escola-mestra
Wagner compõe o hymno e o canta e rege a orchestra.

Um dia Zorathoustra errando junto ao mar
viu náos e gente a bordo, e foi-lhes perguntar :

— Homens de coração, bravos aventureiros
que andaes atraz do enygma eterno, entre aguaceiros,
trevas e temporaes, a achar e a conquistar,
vêde se o sonho meu podeis adivinhar?! . —

Elles olharam, rindo, e as vellas desfraldando,
vogaram, mar-em-fóra, intrepididos cantando :

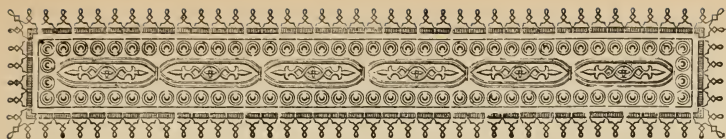
«Suspende o ferro ! ala gáveas !
Deixa á ré os monstros !! sonda !
Segue o rumo por davante !
Viva a tavola redonda !»

Veria Zorathoustra as côres do pendão ?
Quem ia á prôa ? á ré ? quem era o capitão ?

.....
Quiz recordar do Gama as náos empavesadas,
na volta de sudeste entre ondas iriadas ?
e, d'Almirante em vez mostrar-se Adamastor,
não já feroz propheta e monstro — um sonhador ?

.....
Do velho Adamastor, em feio, o aspecto attinge,
mas na grandeza, não, a pretenciosa Sphinge.





LINDA-A-VELHA

Entremos no drama funebre
que findou n'aquella gruta
onde se adivinha a lucta,
o irreparavel revez
que prostrou em fundo pelago
d'agonia a mais obscura
o nosso heroe sem ventura,
o Mensageiro de Fez.

E' longa a nossa derrota,
aspera e extensa carreira ;
vae quasi d'Aljubarrota
aos campos d'Alfarrobeira.

II

Demos, primeiro, aqui uns traços de scenario
onde se vão passar trechos do nosso drama ;
onde móra e envelhece a linda, a illustre dama
que tem n'este, papel intenso e principal.

Planalto solitario ;
extenso, arido, feio e só, quasi um pragal.

Lisboa ergue-se além — na encosta do nascente.
As collinas da Ajuda e a serra de Monsanto
escondem-nos de todo a joia refulgente.

Ao norte um pouco mais, as veigas de Bemfica.

Queluz mais ao poente,
e Cintra lá no extremo.

Para sudeste, Almada.

Ao meio-dia, além, Cezimbra e Caparica.

O farpado Espichel ao longe e mais ao sul.

A sudoeste a barra,
e no horisonte infindo o céu e o mar azul.

O quadro é este assim; poucos relevos,
poucas sombras em solo pedregoso
e no verão despido;
nada para encantar.

Na primavera, sim, floreo e relvoso,
contente dos seus lyrios e seus trevos;
mas, no verão, que pobre e desairoso!
Os campos — um pragal arido e mudo. . .
o Tejo, emfim, resiste a tudo, a tudo!
Que fôra, se não fôra o Tejo e o mar!?

* *

De Ribamar subindo a encosta arida, ingreme
erguida entre os marneis d'Algés e do Jamor,

no tempo em que regia o povo lusitano
 e o seu encantador, prosperrimo paiz,
 Sua Mercê El-Rei D. João, mestre d'Aviz,
 — grande pae, grande rei, grandissimo senhor,
 nas batalhas — leão, na paz — honrado e humano,
 encontrava-se ao topo da inhospita collina
 um palacio vetusto a ameaçar ruina.
 D'ali via-se o Tejo, a barra e o largo oceano...

Do portico ogival, que ampla rotunda orlava,
 uma alameda extensa e escura de cicomoros
 deixava, lá no fundo,
 ver a marmorea escada — um riso que tentava
 o cançado viajero, enquanto em volta os comoros
 cobertos de silvedo e plantas parasitas
 falavam de abandono;
 completa solidão; silencio o mais profundo;
 eloquentes signaes da ausencia do seu dono.
 E comtudo vivia ali, n'essas ruinas,
 a dona, a solitaria, a excepcional Aurora:
 a *Velha* mais gentil de rosto mais jocundo,
 a castellã mais triste e mais encantadora
 que, segundo o dizer de mestres em amores,
 havia em Portugal, por não dizer — no mundo!
 Tinha sangue hespanhol. Neta do Castanheda,
 do que invadiu Vizeu e o pôz a saque e a fogo,
 e em Freches prisioneiro ali tudo perdeu,
 quanto era da cidade e tudo o que era seu,
 tudo! — a fazenda, a vida, a esp'rança, a esposa, os filhos
 sem lhe valer audacia, ameaças, pranto ou rogo.
 Inda em Trancoso é fama e ficou lá constante:
 que nunca déra o céu,
 mais fulgurante *aurora*, a dia mais brilhante.

.....

Era igualmente linda e era igualmente Aurora
a dona do solar que estamos vendo agora.
Trajava só de preto, em luto rigoroso.
Tinha negras tambem as finas sobranceiras
e olhos da mesma côr a despargir scintellas...
Opulento o cabello e todo branco, branco,
dava-lhe ao rosto claro e juvenil — formoso,
e decidido e franco,
quando cahido e solto em crespo torvelinho,
á senhora que foi tão guapa e tão perluxa
por enfeite — e era enfeite — amplissima capucha,
porém, não de burel caseiro: — d'alvo linho.
Explique-me, se póde, um sabio da escriptura
(e em dar-me explicações as mais cabaes capriche)
este segredo mais da nossa mãe natura:
como assim se mudou em puro e nobre arminho
essa floresta escura e densa de azeviche?!

A bem querer austero e expresso da Rainha
que a via, inda criança, amada e requestada
ella sem pae, sem mãe, orfã na terra estranha,
tendo já seus avós sido preia de guerra
às portas de Trancoso,
por um dodivanaz valente, sim, valente!,
porém vivo, altanado, audaz, irreverente,
farfante, audacioso,
(e ella sabia ser nobre, senhora e mãe;)
e instigados, os dois, do proprio amor tambem,
recebeu por esposo — a linda Castanheda,
Fernão Lopes Pacheco, — o de Ferreira d'Aves,
que a sua vida heroica, audaz, iniciou
na batalha campal dos juvenis soldados,
pois quinze annos pfez na *Ala dos Namorados*.

Facil se pôde crer que se no prelio entrou
 levado foi ali por mão de seu avô
 Diogo Lopes Pacheco, — o celebre Pacheco
 que tanto horror soffreu... e tantos desenganos...
 mas que, mal no desterro ouviu da Hespanha um ecco
 correu a Aljubarrota, e feitos oitenta annos!

Alguem sentiu ciume ante o invejado enlace;
 disse-o o tremer da voz e o descorar da face.
 Teve-lhe inveja um bravo e grande e nobre e audaz,
 que orgulhoso de si, nunca deixou atraz
 seu nome e seu louvor, na ida ou na tornada:
 Conde d'Avranches era — Alvaro Vaz d'Almada.

— Pacheco, parabens. Por Deus, noiva de truz!
 Talvez nova de mais para um quinquagenario...
 Tu cumpres um préceito antigo da Rainha!?...
 Deus queira te não saia este jardim — calvario!...
 — Eu cumpro o meu desejo, apraz-me a sorte minha,
 talvez com tua inveja...

— Enganas-te: ao contrario.
 Nunca me quiz prender. São gostos, que mais queres?
 Não gósto de mulher e gósto de mulheres...
 Cada qual sabe o sestro e a sorte que o conduz.
 Dizem que sem espinho é raro achar-se rosa
 e que, sem ter senão, tambem não ha formosa;
 mas o da tua é prenda — é ter sangue andaluz. —

Na jornada de Ceuta, á pouco tinha Aurora
 dezeseis annos só, Pacheco... a mais, quarenta,
 mas lésto e juvenil, qual fôra seu avô.

Annos de Ceuta após, Aurora o desposou.

Inda não era extinto um anno de casado
 Pacheco — estranho caso ! — a Ceuta era tornado,
 e triste, e taciturno e concentrado e só.

.....
 E nem de Ceuta nunca a Portugal voltava
 nem n'isso mais pensava...

.....
 Veio Tanger após e alli Fernão Pacheco
 acompanhou o Infante — o Santo — D. Fernando,
 acompanhou-o á lucta e acompanhou-o a Fez.

Dizia Vaz d'Almada : — Aqui, anda demonio!
 Este lobão da Estrella ha tanto, e sem saudade?!...
 Que mais obriga e prende?! o amor ou a piedade?!
 Eu sempre agourei mal d'aquelle matrimonio...
 e agora nado em secco! —

E de si para si sorria de maldade.

Emfim, viu ir Pacheco,
 Vestido de mouraz, seguir o martyr santo,
 Até quando? Deus sabe, e sabe Deus por onde!
 Que extrema devoção póde obrigar a tanto?...
 E' mais um infeliz que chora e que se esconde.

.....
 O que elle viu d'horror em cada alfurja ou beco!
 em toda essa jornada, em cada aljube infando!
 seis dias d'ignominia e injurias d'esse bando.

de feras! Esfaimada e sordida alcateia,
 ferida em seu poder e a ruminar sevicias
 já desde Ourique a Ceuta... e o que inda mais se espera!...

Como sonhar blandicias
 d'essa assolada fera?!

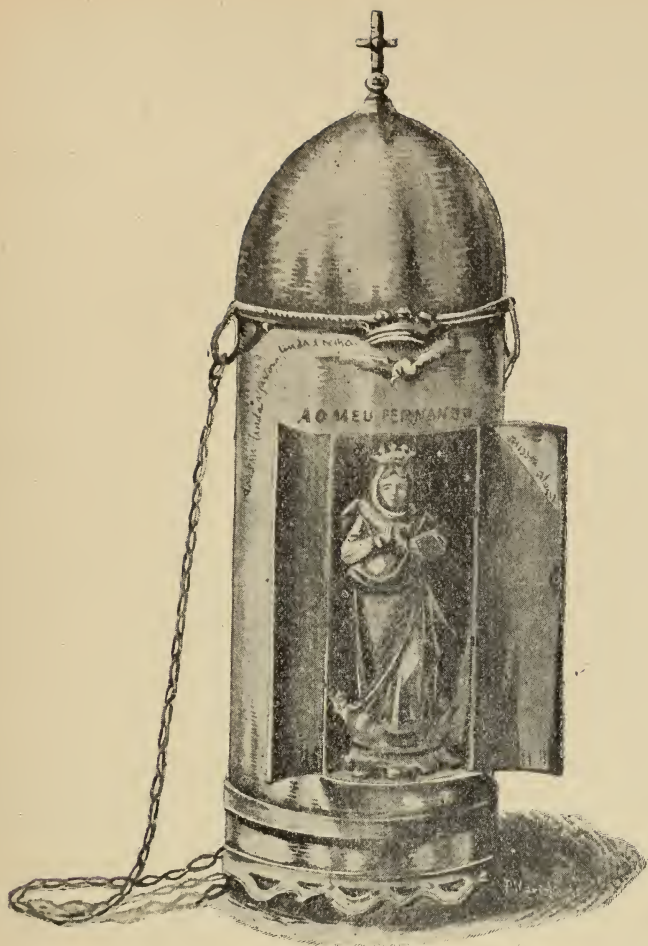
E nós falamos só do martyr da Judeia!

Se alguem de Portugal fallasse de Pacheco,
 ou fosse de Lisboa ou fosse pela Beira,
 Cançara-se a carpir, perdia-se em canceira;
 — Elle inda será vivo?... Onde é que se perdeu?...

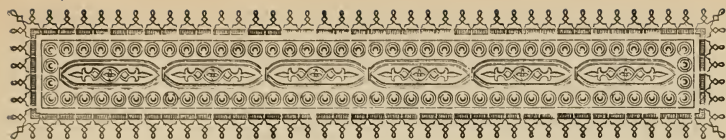
Extinguira-se um ecco!

Ninguem dizia já nem — vive — nem — morreu.—





Recoberto de maculas d'azebre,
um cofrinho cylindrico, de prata
com peanha de cobre;
n'elle cabia a pequenina imagem
da mãe do Salvador,
a que estava no funebre ossoario.
Tinha um relevo nobre,
.....
.....e esta inscripção gravada:
—«1415. Ao meu Fernando.»—



CREDENCIAL

III

Um dia, na prisão, já gasto e combalido
chamou Pacheco a si e disse-lhe ao ouvido:
— Amigo, em ti confio e em tua lealdade,
de Tanger occorreste ao meu carinho em Fez;
filho és da adusta Beira e és neto d'um gigante.
Tens visto o desamor, a sanha, a crueldade
brutal com que se fere aqui o regio escravo;
vae pois a Portugal, se pódes, vae meu bravo,
advoga o meu resgate e pede a meus irmãos
dêem tudo quanto é meu e quanto em suas mãos...
Só de pensar em Ceuta, o seio meu rebate!
Juro-o: por preço tal não quero o meu resgate!
Que vale uma existencia ou seja nobre ou não
para vergonha tal, que suja uma nação?!

Vae, conta-lhe o que vês, conta os nefandos tratos
 que estou a padecer. Seriam muito ingratos
 os principes e a côrte, e as côrtes, se em te ouvindo
 fugissem de salvar-me. Oh! vae, pede por mim!
 que já me viste ser bobo e cavallariço,
 e jumento de nóra, e vacca de charruas,
 e varredor de lixo em tão immundas ruas...
 mas dize-lhes tambem que em toda a minha dôr
 nunca pedi perdão, nem graça, nem favor;
 podem-me ouvir chorar, não me hão de ouvir carpindo. . .

— Senhor! e se, ante mim, ficam zombando e rindo,
 crendo-me um desertor e não vosso enviado?!

— Tinha pensado n'isso.

toma esta miniatura — a imagem de Maria;
 conhece-a bem a côrte, e junto do meu seio
 me tem acompanhado desde esse infausto dia
 em que m'a offereceu a minha santa mãe,
 pouco antes de morrer da peste, em Sacavem.

Com ella, sem receio

vae Pacheco, ninguem vendo-a, de ti duvida.

Ahi tens. E' quanto tenho.

Deu a Rainha, então, a meus irmãos, espadas
 que levaram a Ceuta; a mim, uma creança,
 esta Virgem me deu por mimo e por lembrança.

A D. João deu ella um aureo relicario

e n'elle um santo-lenho,

foi a mercê final da sua insigne vida.

Oh! se vivesse ainda a minha mãe querida!

.....

EM FÉZ



Toma esta miniatura — a imagem de Maria; conhece-a bem a côrte, e junto do meu seio me tem acompanhado desde esse infausto dia em que m'a ofereceu a minha santa mãe.



A LAGOS

IV

Conseguiu, disfarçado, o mensageiro,
em roupas de mouraz ou de judeu
è sempre molestado ou contrafeito,
 mas sem grandes estragos,
atravessar de Fez até ao Estreito
e embarcar-se d'ali, do Estreito, a Lagos,
onde á Virgem resou por taes milagres
e onde soube que o Duque de Vizeu
 pousava perto : em Sagres.

— Pescador algarvio ?!

— Senhor moiro !

— D'aqui a Sagres fica longe, amigo ?!

— «Amigo?!» seu moiraz, mais devagar!,
d'onde vindes?!

— De Fez.

— Olha o bargante!

já matastes por lá o nosso Infante?!

— Cuidado, pescador, sou portuguez.

Vês-me moiro e sabes tu

quão pobre era eu... e Elle?!

E se eu tirasse esta pelle,

não teria de andar nu?!

— Tendes razão, a vossa lingua o diz,
nenhum moiro é capaz tanto de vez
de se explicar em lingua de christão;
mas vindes de ao pé d'Elle? é vivo ou morto?

— E' um vivo sem vida e sem conforto.

E sabeis lá que horrores tem passado?!

— Não, não digaes, senhor, que faz paixão...
tão alto e tão honrado!...

Levareis novas d'Elle a seu irmão?

Dizem que é bravo, sim, mas que é mingoado
em dons de coração.

É capaz de vos ver e ficar mudo
ou mudar de conversa.

Ides ao Paço?! Certamente ireis;
não fieis de ministros, nem de reis,

Este é quem póde tudo!

Não vae, nem quer saber de ir a Lisboa;
d'olhos no mar e costas á corôa...

mar e Africa é tudo o que elle vê.

Mas é homem de fé,

seja-lhe a sorte prospera ou adversa.

E morra quem morrer!,

e viva quem viver!

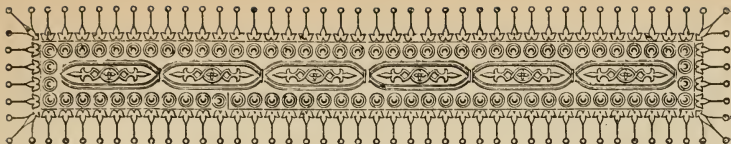
Elle é quem tudo manda e póde tudo,
quer! e na rota vae, sem um desvio...

Agora é tempo já de eu ficar mudo ;
tenho dado bem provas d'algarvio !

Se tornardes a ver o Infante Santo,
(seja-me permittido um *post-escripto*)
dizei-lhe que o seu nome é . . . já proscripto,
a não ser entre os pobres
que esses inda são bons, mas que entre os nobres
já se apagou por elle, a pena e o pranto.
Melhor fôra morresse d'um peloiro,
que a morte sempre dá da gloria a palma,
e assim tem de morrer . . . á mingua d'alma
e entre apertos crueis do coração.
D. Henrique, de lá, veio mais moiro
do que, para lá, foi nobre e christão !

Agora vou fugir. E' este o caso
que se pégo a falar vae tudo raso.





EM SAGRES

V

— Em Sagres, tu, Pacheco?! algum cruel cuidado
te pôz n'este caminho!... E velho... e bronzeado...
côr de moiraz! Bem sei; foi sol de Ceuta ou Fez;
já me lá vi de cobre e assim fiquei de vez.
Sabes como por 'hi me chama a gente ignara?
Chama-me o duque feio, o infante de má cara!
Ahi tens o que eu ganhei, furtando-me aos salões
pelo Preste, a sondar desertos e sertões!

.....
Vens-me noticiar de Ceuta algum perigo?!
Mais algum erro nosso?... audacias do inimigo?...

.....
Já sei! vens-me trazer novas de meu irmão...
soldado... assim, assim; mas sempre bom christão!

— O' Principe, cuidado! é tal vossa dureza
que mesmo a vós feris, faltando á natureza?!

— Bravo! teus olhos, são certo, os de teu avô
que por servir o meu a linda Ignez matou.

«Fez n'isso o que El-Rei quiz, o que fazer devêra»
dizia minha mãe: que era rainha e austera:

— Não! Fez que D. Diniz, por brio e pundonor
não beijocasse as mãos da bigama Leonor...

— Ou trigama! pois tu não conhecestes o Andeiro?
o rei era segundo e o conde era terceiro;
um garanhão de truz!

— Dizia-o meu avô!

— Gallego e rufião...

— Que o Mestre assassinou.

— para vingar o rei.

— E preparar um throno
de que elle fosse auctor e defensor e dono.

Quanto a desinteresse...

— O povo assim o quiz
e as côrtes de Coimbra!

.....
.....

— E' linda a cruz d'Aviz!

— E' linda! e a de Christo? e a de S. Thiago?
qual d'ellas vale mais?

— Qual teve melhor pago
foi a d'Aviz.

— Pois eu destino á cruz de Christo
historia de mais lustre! um brilho nunca visto...
Tu és?...

— de S. Thiago.

— Armou-te?!

— Meu avô.

— O tal da D. Ignez...

— D'isso vos lembraes só!

De muita coisa foi, só para vós ignota.
 Da lucta de Trancoso, da egregia Aljubarrota...
 — O senhor de Ferreira um bravo era, eu sei,
 veio inda a Aljubarrota?

— Oitenta annos passados
 e o neto quinze só, na *Ala dos Namorados*
 — Um velho e um embrião, duas creanças, pois.
 Gente de Viriato! eis ahi o que vós sois!
 — O Mestre deu-me um beijo em meio da refrega,
 senti-o que o não vi, a pugna era tão cega!
 E' bem recordar gloria e não só pranto e dôr.
 Matar uma mulher linda como um amor!...
 Dos do Magriço um neto, um nobre cavalleiro,
 podia ser d'Ignez — a bella — um carniceiro?!...

Eu vinha supplicar e vós trataes-me assim?!...
 Senhor, fizestes mal em vos roçar por mim.
 Se quizerdes saber a historia dos Pachecos
 ide por toda a Beira e haveis de encontrar eccos
 ou que vos falem d'ella ou que vos dêem signaes
 da sua força e honra e feitos immortaes.
 Perto do monte Herminio apenas vos indico
 um castello vetusto e heroico, — Celorico. —
 Se D. Sancho volvesse...

— Eu sei, Pacheco, eu sei
 das chaves que em Toledo houvera o extincto Rei.
 — Então porque insistis? D'Ignez o algoz foi só
 o rei Affonso Quarto; — o vosso bisavô.
 — Mercê, pela mercê do feito que me aponta.
 — Ensinaste-me vós o accêso ás desaffrontas.
 Memorias malsinaes que são de meu avô!...
 Eu ando a estudar Job, mas inda Job não sou.
 Pacheco foi um nobre, um portuguez modêlo,
 Gonçalves o julgaes, a fera do Germello?

elle e Coelho... basta. Emfim boas razões
são as razões do estado. Ha por ahi brazões...

.....
Quando me fui mostrar na *Ala dos Namorados*
motes de meu avô por minha avó bordados
iam na minha charpa azul da côr do céu;
motes da sua mão, motes que ella me deu.
A divisa era assim :

«Noiva da minha esp'rança,
formosa como Ignez, boa como Constança!»

.....
D'elle não ouça eu mais, príncipe, o que hoje ouvi!
poupae esses baldões emquanto eu fôr aqui.
— Paz á sua alma, paz, senhores de Ferreira!
e vamos conversar :

E' muito illustre a Beira.

São feitos de granito os ossos do beirão;
quebrar, podem quebrar; torcer, dobrar-se, não.
Eu — duque de Vizeu, — indo a Ferreira d'Aves,
se o nobre Alcaide-mór me não negar as chaves
do seu castello, um dia hei de ir-te visitar
e da tua divisa ali fazer gravar...

Mas já casado és tu! realisou-se a esp'rança
«Formosa como Ignez, boa como Constança?»

— Senhor por que razão quereis falar de mim
tendo a minha vizita a vós tão outro fim?

.....
— Voltas a meu irmão. Manda pedir resgate?
pois elle que o proponha ou antes: que o contrate.
Que dêmos Ceuta ao mouro? Eis o que o mouro quer.
Por esse preço, não. Terá de lá morrer.
Um santo é mais do céu; da patria, a fortaleza.
A voz d'elle ante Deus dará maior rizeja

ao braço portuguez.

— Principe, Ceuta não :

elle antes quer morrer. Seria dada em vão.

Tudo quanto seu é, tudo o que haver-se possa.

Por gloria para elle, e até por honra vossa.

Se o visseis, senhor duque, e aos seus algozes vis,
no ergastulo onde jaz, foreis melhor juiz

do horror do seu flagicio e seu tormento obscuro.

— Queres amollecere meu coração que é duro ?

Pacheco, o reino é exausto. As côrtes de Thomar,
(perdão, e as de Leiria) andam-no a proclamar.

Do sabio D. Duarte os olhos nunca enxutos

pagavam em caudaes os seus reaes tributos

visto já não poder pagal-os a nação,

de Tanger ao desastre, e aos ais do nosso irmão.

Que mais póde fazer um sabio conselheiro ?

De ternos corações lagrimas são dinheiro.

Pagasse-se o mouraz d'angustias e afflicções,

bastavam-lhe as d'El-rei. Mas tigres e leões

exacerbam-se mais a ouvir o pranto e o rogo ;

não vão por bem, não vão senão a ferro e fogo.

Tanger ha de custar, e o horror de meu irmão :

Çafim, Ceinal, Ceguer, Arzila e Mazagão.

Tanger ha de ser nosso, e todo o vasto imperio

que affronta o angusto Estreito, e vive no mysterio

dos fundos matagaes, desertos e marneis.

E querem rehver Ceuta?!... Uivae, chacaes crueis !

e matae meu irmão que não obtereis nada !

.....

.....

Vontade é sim do Rei, mas sempre mallograda.

Ceuta é minha, só minha ! A estrada aurea do sol

é por ali mais perto ; e a aurora — o arrebol

é por ali que chama. O Nilo. entulha o mar ?

que espere ! o esforço humano, um dia, o ha de rasgar.

O Preste é lá no fundo; ha de encontrar-se o Preste.
 Eu quero pelo sul achar via de léste...
 Visão será o Preste? homem será ou luz?...
 Dizem que segue Christo e adora a vera cruz... —

.....

Havia em seu olhar mostras d'um distraído;
 e em seu falar difuso, hiatos d'esquecido.
 A's vezes, a Pacheco, olhava em frente — ali;
 prompto esquecido após, falava para si...

.....

— A's minhas devoções chamam por 'hi «jactancia!»...
 Ha genio em Portugal, porém não ha constancia.
 Por que fui eu a Ceuta e a Tanger? Por dois fins:
 para guardar o Estreito e achar novos confins
 á minha amada patria, — um terreo paraíso
 tão lindo e festival, mas pobre e tão conciso,
 que eu quero a Portugal dar outros Portugaes,
 e os moiros d'alem-mar são quem nos deve mais.
 Ao verem bordejar as lusas caravellas
 ereriam lá, quem sabe? — Ahi vem as cem donzellas!...
 Pois isso attestará que ha sangue nosso, além!
 e Ceuta é meu penhor, não o dêmos a ninguem.
 Eu inda espero em Deus que, em proximo futuro,
 o moiro ha de pagar-me os capitaes e o juro.
 O dia d'amanhã é sempre o grão mysterio.
 É reino Portugal? Pois tem de ser imperio...

.....

Traidor é e brutal, Pacheco, o grande mar.
 Não basta descobrir, é força conquistar
 a armada acclama em trons os hymnos do prestigio;
 mas a agua fecha e apaga o minimo vestigio.
 E' preciso deixar por marco e por supporte
 em cada porto — um dique, em cada cabo um forte.

E' essencial que a armada ovante e triumphal
 o olhar veja da terra attento ao seu signal.
 A bandeira que passa é um aviso á inveja
 que ás vezes a deprime e ás vezes a corteja,
 sempre a inventar embuste e sempre a armar traições ;
 mais de temer que o raio e mais que os furacões.
 Preciso é pois que a força alente uma aventura,
 preciso é que o pharol luza na treva escura.

Nossos primeiros reis chegaram junto ao mar ;
 pertence aos reis d'Aviz transpol-o — além passar.

.....
 Sinto a frieza, e é dôr!, dos povos e da côrte.
 Quem sabe o que será depois da minha morte!?

.....
 Um grande mal causou de Tanger o revéz
 Em vez de meu irmão, eu fôra ha muito em Fez.

.....
 Vês-me solteiro e abstemio? e sabes tu porquê?
 Por querer ser só meu e livre áquem e além.
 A mulher rouba tudo: esp'rança, audacia e fé,
 mostrando que não quer roubar nada a ninguem.
 Mulher, com sua voz cantante, amena e branda
 a fingir que não manda! e ella é só quem manda.
 Se tu soubesses quanta astucia, engenho e arte
 empreguei para obter -- e em hora tão minguada --
 de Tanger a investida... ancia do Santo e minha!...
 Pois nunca a pude obter do sabio D. Duarte:
 placido Apollo, — um deus!, mas tão contrario a Marte!

sim, do lidar mavioso, arguto e sem descanso,
do paciente afago, em som tremido e manso
e constante e tenaz da ubera rainha.
Depois brinde ou promessa eu sei que não faz mal
mesmo que a infante seja ou principe real.

Selvagem sou no universal conceito?
Pois Deus afaste quem meu ser altere
e me faça, com beijos, no meu leito
de lobo, em cordeirinho recair,
trocando o meu *Talent de bien faire*
N'outro mote: *Talent de bien servir*

.....
.....

Qual é d'um bravo o dever?
E' desfraldar o estandarte,
engalanar a mortalha
e no campo da batalha
entrar sem tir'-te nem guar'-te,
para vencer ou morrer.

Balisar linhas com postes,
mandar um repto na frente,
tregoa, no centro das hostes
e nas bagagens, atraz,
alguns convenios de paz,
é ser fraco... ou ser prudente!
coisa que a mim me não praz.

Mas deixa mulher, em casa,
e filhos, e ella a chorar,
e vae morrer ou matar!...

.....

Ficarei selvagem, pois.
 Eu conheço que o meu peito
 já para mim só é estreito,
 que seria para dois!

.....

Vou-te mostrar agora os meus batalhadores
 verás que estranhos são, Pacheco, os meus amores.

.....

Se Féz fosse caminho... iríamos por Fez...
 Ora! *nem chus nem bus!* Buscar mais um revez,
 só por sorrir a um triste e resgatar um santo...
 A Deus cabe o resgate e a nós o lucto. Entanto
 sondemos o futuro. A senha é de — avançar —
 a larga estrada é esta; a ampla via — o mar —!
 Que vale um carregão? — Navios — sim — navios.
 Forçoso é pois sondar o mar e os seus desvios.

.....

Vem cá, velho Azurara, escripto has já de mais.
 Oh! que para te lêr não vivam já meus paes!
 Mas vivo ainda eu e rijo e teso — um cedro!
 e vive, longe embora, o meu irmão D. Pedro.
Sete partidas viu por esse mundo além
 e só timbra na vida em ser — *homem de bem*.
 E julga-se modelo em pontos d'honra; — um typo
 austero, intransigente — unico! Eu participo
 da sua intransigencia... em minha aurea visão;
 pois sacrifico a Ceuta e ao mar, meu triste irmão;
 e se fosse preciso, ao proprio Pedro... embora
 conheça que o venero e admiro, sim, mas fóra

e longe do meu sonho. Elle sabe o que eu sou :
 um visionario ! sim ! ; mas deixem-me onde estou.
 E que a ordem de Christo haja o que possa dar-me
 que eu nada peço ao reino ; isso faria alarme !
 e quero viver só, mesmo esquecido aqui.
 Não digas que me viste. Eu tambem te não vi.

Dize-me illustre sabio (e elle de sabio exulta)
 muitissimo estudar não faz a gente stulta ? . . .
 Meu Pedro ! . . . A inveja, amigo, destróe a propria fé
 e dos sabiões a inveja é a mais cruel, não é ?
 Por mim só faço idéa. Eu nunca fui da terra
 em condolencia e amor ; quiz sempre a febre e a guerra.
 E toda a minha raça era do meu sentir,
 a não ser D. Duarte.

Iamos nós partir
 para . . . uma praça moira, e minha mãe morria,
 No seu extremo alento : «Que vento faz ?» dizia
 «Vento norte, senhora !»

«Filhos ! monção feliz . . .»
 Morreu, e nós de véla. O crepe é só quem diz
 que ha lucto a bordo ! Oh, não ! «Vá fóra este besouro !
 O lucto n'uma empresa é sempre mau agouro.
 O lucto é de chorar e nós devemos rir !
 Vistamo'-nos de gala, a espada quer lusir.
 Côres nos mastareus ! . . .

Ao sul ! . . . a léste agora !»
 Era o Preste a chamar por nós da rosea aurora.
 D'aqui, (no cabo estás mais sul de Portugal)
 estende a vista e vê, vê bem esse estendal.

Que te diz elle? escuta! exclama: — «Vinde, bravos!,
 lindar o Tenebroso e resgatar escravos! —
 Tanto os valentes chamo e tão sósinho estou,
 sem náos e sem pendões! que triste mar eu sou!
 E clamo eternamente, e todos me tem medo...
 A quem poderei eu dizer o meu segredo?!»

.....
 Não sabes onde estás. Vaes hoje conhecer
 o imberbe Cadamosto e o Pero d'Alemquer
 e o meu Thomé Cravella e o grão-rabi Zacuto;
 os que luctam comigo e com os quaes eu lucto.

Gil Eannes!, por cá, velho descobridor,?

— Acabo de amarrar...

— E então... do Bojador
 por que voltaste quem?!

— Senhor! eu tive medo!

— Medo! tiveste medo?... Eis a primeira vez
 que o accusa por seu nome um celta portuguez.

— Principe, além do Cabo não acho o *Tenebroso*!...
 onde está elle então?

— Medroso, tu, medroso!

— Não fui eu só, nem tanto; os meus, todos os meus!
 Senhor! se fui culpado, elles tambem são-reus.
 Mandaste-me, ia ver...

— Gil Eannes, que tristeza,
 um bravo, um cavalleiro... a cruz na espada illesa!

.....
 Haver um mar de fogo e o fogo não dar luz!...

Arreçar-se a espada e arreçar-se a cruz!...

Não o achaste? Não ha o *Tenebrosum mare!*...
E' força que este embuste ou se dissolva ou páre!

.....
Fugir-lhe é reforçal-o...

.....
«*Mar de fogo*»...!? não ha! se tal houver
é preciso arrombal-o, tomal-o, domal-o
ou lá morrer...

Se se inflammam deixal-o
queimar nossos navios.

Eu antes quero a morte que amavios!

.....
Ver nas ondas incendio! Fogo posto!!

Morrer na apotheose,
d'um mar inteiro a arder!...

Pois ahi tendes um quadro do meu gosto.

— Vamos, Pacheco, — E nós logo falamos, Gil.

(Tu não me julgues fera, e Sagres um covil).

Estamos, sabes bem, no *Promontorio Sacro*
do qual, na minha eschola, eu crio um simulacro.
De Celta, um druida sou; druidas os que aqui vês.
Do supremo poder ha de chegar-me a vez.
Deixa que eu ache a esteira e abra caminho a léste;
deixa que eu veja a aurora e que descubra o Preste,
e Veneza ha de ser um tributario meu.
Fernando, já na gloria, ha de applaudir do céu.

.....



D'aqui, (no cabo estás mais sul de Portugal)
estende a vista e vê, vê bem esse estendal.
Que te diz elle? escuta! exclama: — Vinde, bravos!,
lindar o Tenebroso e resgatar escravos! —
Tanto os valentes chamo e tão sósinho estou,
sem náos e sem pendões! que triste mar eu sou!
E clamo eternamente, e todos me teem medo...
A quem poderei eu dizer o meu segredo?!

— Senhor! que diz El-Rei?

— Vae vêl-o e pede e exorta.

Eu lá não voltei mais nem vou. Pouco me importa a voz dos cortezãos. Minhas intenções vês. Meus paes são mortos já!... Receio-te um revez.

.....

Attenta n'estes dois rapazes pequenitos: andam por 'hi pulando e em canticos e em gritos; pois prazem-me a valer. E não é sombra vã dizer que longe hão de ir — Pero da Covilhã e Affonso de Paiva, em sendo homens. Quem sabe onde estes dois irão?...

.....

O que é preciso acabe, é este susto e *horror* que têm as mães e os paes de aventurar um filho ao mar e aos temporaes. Quem morreu, acabou; quem vinga, sobrepuja. Que pobre coisa é a vida! uma carcassa e suja! Viver que vale a pena, é só vencer. E pois de Sagres fiz um horto onde cultivo heroes. Nem quero outros ervaes nem outras sementeiras nem outras plantações nas minhas ricas leiras.

(... Isto que fez o Gil... quem sabe?...) Quero só sob os meus olhos ter gente de força e pró.

Estas creanças vês? Tres louras cabecitas que te parecem ser? precitas ou bemditas?

quizeram Sagres vêr e o louco seu senhor.
 quem taes desejos fez? o amor?... o sonho?... o horror?
 a belleza do sitio? o aneio mal sentido?...
 o annuncio d'um destino ainda incomprehendido?
 este anhelar que attrahe, que não diz — sim nem — não,
 mas que o olhar nos fixa e prende o coração,
 e nos provoca o sonho e o que ha de vir aclama?...
 Queres saber quem são? este é Vasco da Gama;
 Este,... Alvares Cabral; e este outro... é Magalhães.
 Um esforço de memoria os fez lembrar. Ah! tens!
 N'elles, não sendo o olhar é tudo ainda escuro;
 passado,... sim, não têm, mas podem ter futuro:
 e não sei que me diz a sua devoção
 de virem vêr o enyigma á minha solidão!

Estevam, nobre alcaide em boa monção chegas;
 como te disse o Vasco a quem tu nada negas
 querendo, e os outros dois vir visitar me a mim?
 — Vieram todos tres a convidar-me assim:
 «Concertámos dispor de ti, do teu cahique
 para irmos descobrir... o Infante D. Henrique.
 E eis-me, que ao-mando vim d'essas cabeças vãs
 por juntos vos mostrar cabello louro e cans.
 — Estevam, fez-me bem trazer-me essas crianças;
 criança eu sou tambem; só vivo de esperanças.

Agora sempre quero contar, para entre nós,
 um sonho que sonhei, visto que estamos sós.
 Hontem quando dormi, de ver esses tunantes
 d'olhos de tanta luz e côres tão radiantes,
 sonhei que vi no céu novas constellações
 que a luz tinham do sol, mas d'elles as feições.

Só, contra o regular da esphera fulgurante,
 surdiam do occidente e iam para o levante,
 cruzando no esplendor do céu de Portugal:
 — o Paiva, o Covilhã, Vasco, Fernão, Cabral
 cada um indo em seu rumo em festival romagem
 e os velhos sóes do céu abriam-lhes passagem.

Isto é vizão d'um louco. Não o crês assim? pois bem,
 fique para entre nós, não o contes a ninguem.

Vae ver a bibliotheca; é pobre de miolo,
 tem mappas, tem quadrantes, agulhas, Marcos — Polo
 e olha que pouco mais.

Vê Pero d'Alemquer,
 rapagão que promette o que ha que prometter;
 Diogo Gomes, tambem. Esse como vidente,
 faz-me senhor do mundo, ao menos do oriente.
 Ouve-o, mas olha bem, se o bruxo te falar,
 Pacheco, não vás tu deixar-te infeitiçar.
 Jan Infante não vês, anda a lidar nos mares;
 nem vês o Cadamosto; uns bravos singulares
 que te podiam dar noticias de primor
 sobre a extensão da esphera e o eixo do equador.
 Busca Fernão Martins e ao pé Martim Affonso,
 São linguas; falam moiro, francez, inglez, indú.
 E escuta esse tronar do preto, que anda nú
 em meio ao rapazio audaz que amaina as vellas
 e as colhe e as larga e as ferra ás minhas caravellas;
 que assim se alenta a escola e se affaz gente ao mar.
 Ahi tens a minha vida.

Agora vou falar
 com mestre Gil. O fraco! o timorato... Eu creio
 que o *tenebroso mar*... Vencei-me este receio!

.....
 Pacheco, vae contente. Achaste-me de vez.
 Tudo o que viste conta ao meu Fernando em Fez
 que vejo claro e bem na minha senda escura,
 «Dou-vos agora a Deus e hajaes boa ventura.

E Pacheco ficou só
 que desesperança aquella!
 o mar que elle vira azul
 inda ha pouco e manso e quedo,
 era agora negro; e o sul
 partia contra um rochedo
 uma fragil caravella.
 Um velho seu tripulante
 ali naufragava morto.
 Que horrores n'aquelle instante!
 que aneio, que desconforto!
 Fazia dó!

— Pobre Infante! pobre Infante!
 podesse eu ahi morrer!
 Mas se a morte me não quer!...
 Reprobo, vae! segue avante
 Já houve um judeu errante
 que nunca, nunca morreu!...
 Esse infeliz serei eu?
 Não ter um fim... que distante!...

Henrique não tem piedade
 Afoga o dó num motejo.
 Que cubiça e que anciedade!

.....

Quantos mysterios profundos!
 quantos sonhos e segredos!

.....
 O bom juizo faz medos,
 E esta loucura faz mundos.

.....
 Se tu puderas saber
 da minha vida as agruras!...
 Almas ingenuas e puras
 como haveis de as conhecer?!

Vae, vae condemnado eterno!
 segue o teu caminho inglorio;
 se foges do purgatorio
 é para cair no inferno.

.....

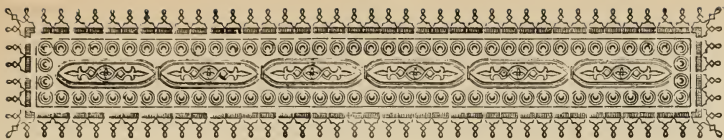
 Aurora sem coração
 vaes vêr-me e vaes blasphemar...
 Nem tu sabes perdoar...
 nem eu sei pedir perdão.





E Pacheco ficou só;
que desesperança aquellal
o mar que elle vira azul
inda ha pouco e manso e quedo,
era agora negro; e o sul
partia contra um rochedo
uma fragil caravella.

.....



RETROSPECTO

VI

De que tristezas fala o *Mensageiro* ?
É-nos preciso revolver o arcano.
Desvende-se o segredo por inteiro:

Volvamos atraz doze annos.
Vamos resolver mysterios,
pois que ha segredos famintos
que tem da hyena os instinctos
e pascem nos cemiterios.

Sua mulher — Aurora — era invejada
de quanta mocidade o reino havia ;
entre outros, já sabeis, de Vaz d'Almada.

Casaram-se em Novembro, e em festa leda.
 Em Julho immediato baptisavam
 Mafalda de Ferreira e Castanheda,
 na Igreja conventual de Ribamar.
 Pacheco acompanhou-a; e ao voltar,
 em meio do caminho, ou da vereda,
 encontrou, por acaso, Vaz d'Almada:
 — Vens, Pacheco?...

— Deste anjo baptisar.
 Venho de S. José de Ribamar;
 fui pedir a frei Vasco...

— E de quem é...
 — O anjo louro que venho acompanhar?
 É minha filha.

— Já?!... Por minha fé
 que és sancto e milagreiro! Em sete mezes!...
 desde novembro a julho, sete são
 os que ficam no meio — a gestação
 d'uma creança linda e tão completa!
 Como deves ser grato ao bom Jesus!
 Vae depressa, Pacheco, e em linha recta,
 abraçar essa mãe que a deu á luz!
 Vê que prodigios faz ventre andaluz!

Pacheco sentiu morto o coração.
 A ventura celeste e aureolada
 morreu. Era uma lampada apagada
 ao sopro tenebroso d'um tufão.
 Eram prazo fatal os nove mezes!...
 Faz tanto mal a ignorancia ás vezes!...
 e não sabia mais o povo então.

Entrou em casa. O rosto era tão pallido,
era tão abundante o suor frio!
que Aurora, ao retomar no collo a filha
e a animal-a nas dobras da mantilha
disse — Que tens, Pacheco? tão sombrio!
Que abundante suor te cobre a testa?
Vamos! beija esta filha, tão bonita,
hoje é dia de festa.

— Aurora, ha quantos mezes nos casámos?
— Fins de novembro... julho... Que pergunta!
ha quê?... Não te comprehendo! Ha sete apenas.
— Sete apenas, Aurora! a isso junta
que Vaz d'Almada ia para Algés...
— Ah!... sim, não digas mais. Já sei quem és.
E sorrindo: — Já sei que me condemnas
e com grande razão! ah! súa, súa!
Tens razão! esta filha não é tua;
mas tambem podes crer que não é minha.
Se a quizesse adoptar o Vaz d'Almada...
Inda bem nada entendes, tu, mesquinha
Mafaldita! vaes ser uma engeitada,
vou lançar-te na rua.

— Aurora!...

— Tens razão, tu vaes primeiro.
Este palacio é meu, foi de meus paes...
Não fales, não! tuas palavras frustras,
que os meus mandos, Pacheco, são fataes...
Já não és nada aqui, és forasteiro.
Nem um minuto mais que me deslustras!
e deshonoras-te, a ti. Vae-te, e de vez! —

E não se quedou mais.

Voltou sósinho a Ceuta e apoz... a Fez.

Penando lá viveu doze annos a seguir.
 E sem poder, meu Deus! ao menos succumbir!
 Qual fora um bravo em Ceuta, após foi camarada
 do Sancto D. Fernando. E desde a mallograda
 batalha que o perdeu, acompanhou-o ao horror
 da sombria prisão, e deu-lhe todo o amor
 que tinha a transbordar do coração ferido!...
 pela traição d'Aurora!... E a filha?!... Em seu sentido
 andava sempre o louro anjo, sem pae nem mãe!
 Filha de quem? Jesus! filha de quem?... de quem?...
 Eis a pergunta eterna que addava na sua alma
 doze annos d'um martyrio atroz, sem cruz nem palma.
 Cruzava-lhe um desejo na mente, muita vez...
 — Chamaram meu avô algoz da linda Ignez...
 Não, não! dirão depois que é raça d'assassinos
 a minha! Deus do ceu aclare os meus destinos.
 Mas a ninguem consagro um odio mais cruel!
 Cala meu coração! satura-te de fel!...
 Não, não! que viva lá; eu morro aqui... Mas se ella
 a loura Mafaldita, a creancinha bella!...

.....

Um dia a esse bom Vasco, de Ribamar
 tentara inda escrever, mas não podia olhar
 nem conseguia ver! Os olhos enxugava;
 sentindo-se a chorar, chorava e blasphemava.
 — Tenho soffrido muito; chorar nunca chorei
 mesmo de pequenino. Agora então mudei?
 Pois nunca mais, beirão, te vejas contrafeito! —
 E foi lançar a penna aos temporaes do Estreito.

Lisboa ao ver parou e disse para si:
 «Tanto lá quiz morrer!... ahi está o que eu morri.

Eis-me na terra pois d'onde fugi banido
e...»

ouviu-se-lhe tremer nas fauces um gemido.

— Frei Vasco, quem sou eu ?

— Pelo falar... Espera!...

Pela apparencia és mouro. A voz... é rude e austera.

— Agreste de beirão.

— Presentimentos meus !

Vivo, escoreito e forte ! Eu te bemdigo, ó Deus !

Chegas n'este momento ?

— Ha muitos dias que ando

por estes carrascaes sósinho, divagando,
saudades a matar, porque doze annos ha
que desertei do lar sem nunca voltar cá.

— Muda esse trajo moiro !

— Outro não tenho, amigo.

— D'hoje para amanhã juro-te que o consigo.

— Antes me quero assim. Não dar-me a conhecer
é esse o intento meu. Para o que fôr mester...

Trago comigo, vê que santa companhia !

a Virgem Mãi de Deus.

— *Salve!* A teus pés, Maria !

Houveste este primor?...

— Transporto-o, não é meu

não; é do Infante Sancto.

— Elle inda não morreu ?

— Antes morresse; vive. O rei vou vêr primeiro.

Ella lhe attestará que sou seu mensageiro.

— Mas vaes ao Rei assim ?

— De moiro ? e porque não ?

Eu trago aqui dobrado meu saio e meu fraldão;

que um dia hei de vestir um trage de batalha
 que me sirva d'insignia e... acaso... de mortalha.
 Mas nestas povoações chamam-me já mouraz;
 isso mais me convém, isso melhor me apraz.

.....

Não ousou perguntar...

— Não me perguntes nada!

Aurora austera sempre, a triste malograda,
 e linda, linda, linda! um verdadeiro amor,
 não quer teu nome ouvir; tem-te em profundo horror.
 Agora é que é mulher, talvez trinta annos conta,
 mostra-se dia a dia aurora que desponta.
 Quem lhe chamou Aurora adivinhou-a bem.
 Como desabrochou desde que a Deus fez mãe!
 E a tua filha...

— Minha?!

— Oh! sim, a *tua filha!*

que primorosa flor! que sangue o de Sevilha!
 Vive pastora e só? pois sim, mas deu-lhe Deus
 o porte senhoril e os olhos que são teus.
 Não ha, mirando-a ao pé, ninguem que a não conheça.
 Da mãe tem o primor no andar e na cabeça.
 A gente do lugar já chama — velha — a mãe
 mas — linda — é que é seu nome; e jura se tambem...
 juro-o sem vacilar, justiça o aconselha
 que se é linda a pastora, é tambem linda a velha.
 — Porque lhe chamam velha, e é moça?! isso faz dó.
 — Por não ter preto já um só cabello, um só!
 — Pois visto achar-me aqui, Frei Vasco, eu quero vel-as.
 — Vae, vae, attrae-te a luz das fulgidas estrellas:
 mas cauteloso e attento! o mar é sempre o mar:
 podes chegar ao porto e podes naufragar,

— Então... a Mafaldita, a tua baptisada
é minha filha?

— Juro-o!

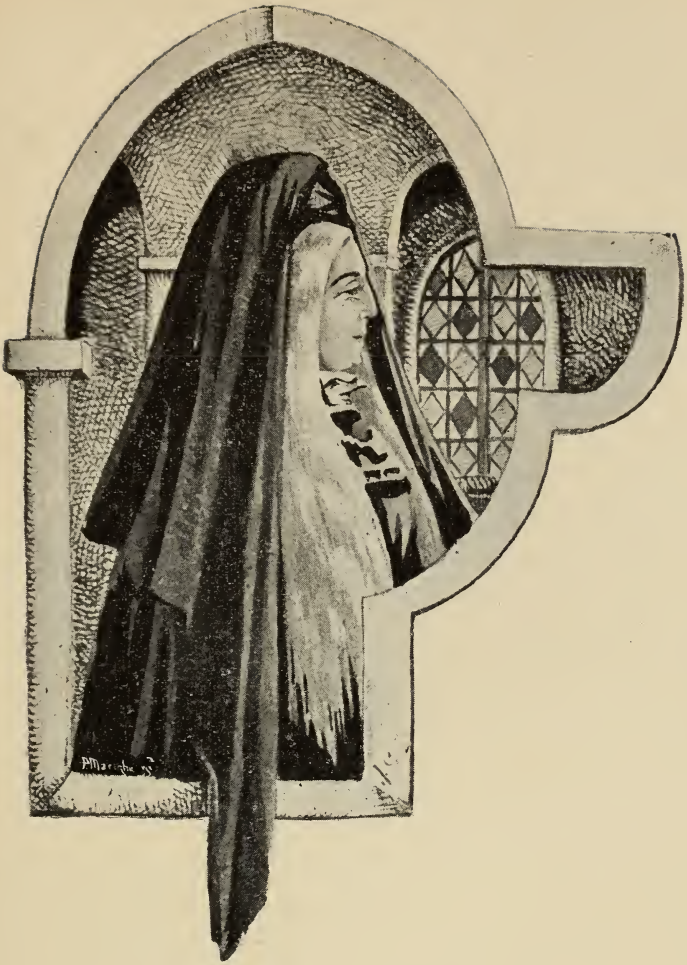
— Ha pois de ser vingada!

Eu sei que lhe fiz mal, Aurora tem-me horror?...
Bem merecido, bem! Ai, o que eu fiz, Senhor!

.....
Pavão vazio e estulto...

Inda o seu nome calo;
mas volto a Portugal... preciso é pois... matal-o.





Aurora de Castanheira

(Linda-a-Velha)



PAÇO VEDRO

V.I

Andavam sachando as hortas
os servos do Paço Vedro,
quando entrou as amplas portas
um gigante avelhentado
de barbas longas, nevadas.
Quedou-se como alheado,
tremulo, pallido, ancioso,
e as pupillas dilatadas;
parando á sombra do cedro
no amplo pateo.

— Conheces,
tu que sabes tudo, Pedro,
este velhão tão perfeito,
que entrou sem pedir licença?
— O ermita que entôa preces,
que traz a Virgem ao peito
n'um altarzinho de prata.

— Parece que traz doença.
 — Deus do céu, que trajo aquelle!
 Mas que respeito e presença.
 Umas sandalias nos pés
 já todas rotas na pelle
 mal calçadas e mal postas.
 Na trunfa, touca de Fez
 e um albornoz pelas costas,
 chamam-lhe uns — monge de Roma
 (e dizem que já foi nobre)
 e outros : — mouro de Mafoma.
 No fim de contas, — um pobre
 que vem pedir.

— A senhora ? !

quizera falar-lhe e vel-a.

— Ali a tendes sentada
 em vossa frente ;

mesmo no topo da escada.

— Meu Deus ! meu Deus !! como é bella !

Licença me daes, senhora ?

— Podeis subir e em boa hora
 seja o teu subir, amigo.

Quem és tu ? judeu ? . . . mendigo ? . . .
 devoto, infiel ou bruxo ?

que por esse trajo e luxo
 tudo em ti se denuncia ?

— Sou christão, dos mouros venho
 e trago em mim quanto tenho.

Trago comigo um segredo
 que só a vós dizer posso.

— Até que me inspiras medo !

Vês que tremo ? . . . Entra, colosso.

No salão de erguida cupula
 entrava Pacheco absorto
 e travou-se este dialogo...
 Não sei qual d'elles mais morto.

— Senhora, escuta! Primeiro
 olha-me bem, se me vês...

— Não esqueças, forasteiro,
 que estás ante uma senhora;
 e entre crepes de viuvez!

— Ha doze annos, linda Aurora,
 que vivo e morro entre horrores,
 dêz que te offendi, e agora
 venho vêr os meus amores...
 venho pedir-lhes perdão.

— Vives pois?! Audacia estranha!..
 Pois não te vale a façanha.
 Morto... pódes ter perdão,
 antes — não!

Que indignidade tamanha!
 E quando a minha alma sonha
 na tua affronta tão crua...
 se soubesses que vergonha
 tenho de ter sido tua!...
 morrias ou me matavas.

Vá, vamos! vae para a rua!
 Desce o Jamor; na fundada
 ao pé do mar,
 d'onde saiste a embarcar
 plantei uma cruz que brada
 ao céu contra ti, malvado!

— Adivinhei-te o favor
 ao achar tal monumento
 em que gravaste: — *Memento!* —
 Quanto á tua cruz, coitada!
 signal do teu desamor,
 desce á barra do Jamor
 e has de achar a cruz quebrada.

— Que pejo ao meu peito assoma!
 quebraste a cruz por vingança?
 e vens, moiro de Mafoma,
 se és tu que o povo assim chama,
 talvez renegado abjecto,
 pedir caza, meza e cama
 a coberto do meu tecto! ?
 Tenho aqui dois cães de guarda,
 teus patricios, cães da Estrella,
 das visinhanças da Guarda,
 que teem cama de palhoça;
 vê se encontras logar n'ella,
 que elles são bons companheiros,
 e pão na sua escudella.
 Coitados dos meus rafeiros!
 meu Sansão e meu Gollias!
 Tende paciencia, amigos,
 se vos sujeito aos perigos
 de mingoa e más companhias!

— Basta d'injurias, Senhora!
 Fazeis-vos feia e sois linda!
 achei na terra de moiros
 mais caridade em pagãos
 para os pobres forasteiros...
 Olhae! os vossos rafeiros
 já lambem as minhas mãos!

— Cães, que vos invenenais !

— Senhora basta de aggravos !

Um pedido, e nada mais.

— Já, depressa. Vá ! dizei !

Mas antes, ficae sabendo
que não perdôo a ninguem
com cujo aggravo me offendo
e menos se acaso o amei.

Agora, depressa !

— Aurora !

Já me disseste que o tecto
deste palacio era teu.

— Sim, que de meus paes o herdei ;
o teu creio ser Ferreira,
longe ! no centro da Beira ;
e d'elle que orgulhos nutres !
Alcaidoria vetusta ;
reducto que não se assusta !
ninho d'aguias . . . ou d'abutres.

— Vê bem se acabaste já ! . . .

Pois que nem mulher nem tecto
nesta casa encontrar venho,
alguma cousa aqui tenho
e quero vêr ; — Minha filha !

— *A tua filha . . .* quem ousa
dizer aqui — minha filha ? ! —

— Eu que a quero vêr !

— Cuidado !

Pacheco, se desvairado
andaes, inda vos lamento.
Se insultar-me é vosso intento,
chamo os servos e os rafeiros,
já que é mais fraco o meu pulso,
e sois n'um momento expulso
a dentadas e a fueiros !

— Minha filha ! a minha filha !
não se nega a um pae beijal-a !
e ousa esconder-m'a, negal-a,
roubar minha filha ! quem ?
Deus do céu a propria mãe !

— Um dia aqui n'esta sala
mostrei-vos a creancinha
e não quizestes beijal-a.
Falaste de sete mezes
com suspeita de traição.
Era uma filha sem paes !
Mettendo então a mesquinha
 nos enxovaes
disse-te — sim ! tens razão !
esta filha não é tua ;
tambem não póde ser minha ;
vamos atiral-a á rua.
Quem são agora os seus paes ?...
E tu disseste sem lagrimas :
« Adeus para nunca mais ! »

.....
Doze annos foram sem ecco
sem novas haver do ausente
e eu vivia inconsciente,

ou jazia no meu horto,
pois tinha-te emfim...

— Por morto!?!...

— Não, não! — por nunca existente.
Melhor é morrer Pacheco!
dia a dia a Deus o digo.
E a minha voz não tem ecco!

— Agora em paz! isto apenas:
Vinha pedir-te perdão
de te haver dado taes penas.
Vinha beijar minha filha...

— Em paz! Toma o teu caminho;
não voltes nunca mais, não.
Eu como te amei te odeio
ou te desprezo e me enjôas,
digo-t'ó assim sem mysterios
quer me cubras d'improperios
quer me amesquinhes com loas.
Quem poz no meu pundonor,
na minha honra de esposa
baba de lingua leprosa,
faz-me nojo, faz-me horror!
Nem me causa compaixão
a miseria que em ti leio.
Mas uma esmola vou dar-te;
vês d'aqui essas montanhas
á direita de Jamor?
e aquelle rebanho extenso
que pasce por essas brenhas?
Uma creança é pastora
que te ha de ter por amigo
e que como tal partilha
seu leite e seu pão contigo

nos relvados e estevaes ;
 mas nunca lhe chames filha
 que não sabe o que é ter paes.
 Um favor mais, se o mereço !
 vê com que brandura o peço !
 vae, somé-te, e mais não venhas
 que de te vêr adoeço
 a antolhos de mau olhado . . .

— Oh ! poupa-me outro arremeço !

— Vêr-te é morrer de peccado
 e de nauzeas que eu padeço !

— Para sempre, Aurora bella !
 odeias-me e eu por ti morro. —

Voga, voga, escravo forro ! . . .
 Adeus, rafeiros da Estrella,
 que voç não quer o mesquinho
 nem palha do vosso ninho
 nem pão da vossa gamella !

E desceu as escadas hirto e livido
 alienado, immerso em dôr immensa
 réu que acaba d'ouvir uma sentença
 de morte e d'ignominia !

— E a isto vim !

murmurava de si consigo o reprobó ;
 vim fartar-me d'amor . . . desesperado ! . . .
 que formosa ! . . . O que eu estou d'enamorado !
 E saber que o martyrio não tem fim !



— Cães, que vos invenenais !

.....
— Vae, some-te, e mais não venhas
que de te ver adoeço
a antolhos de mau olhado...

.....
 Eu posso-me matar e as penas minhas
 a aprazimento d'ella hão de acabar!
 Mas... tendo além a filha... a minha victima...
 posso ao menos servir-lhe de rafeiro.
 Val' sempre nas soidões um companheiro...
 Talvez que ella me possa perdoar.
 Perdoar não! minha ambição é maxima
 e a minha sede é sede do deserto.
 Hei de achar por ali um antro, perto,
 e conseguir que me ame.

O' minha mãe!

(e tirou a Senhora do retabulo)
 pede a Deus que inda um dia seja amado
 e tanto, quanto hei sido desgraçado.
 Perdôa-me, Senhora, tu tambem.

Agora hei de levar-te ao sancto principe
 de quem és desvelada companhia,
 ao menos, que te veja na agonia.
 Quêro dar-me depois a minha filha.
 Primeiro hei de ir além, porque se a vejo
 desejo não ter mais outro desejo,
 nem outra devoção.

Vamos, senhora, e chora compungida
 visto que nem sequer consolações
 levas á miseranda augusta victima.

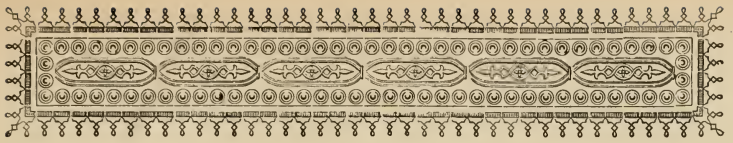
Virgem, qual de nós dois tem peor sorte?
 apoz este martyrio á nossa morte
 que achará Deus em nossos corações?

D'ali ávante aquelle velho intrepido
mostrava-se indeciso, absorto e vario,
já não tinha designios, ao contrario,
a não ser d'onde em onde o ir-se a Fez.

.....
.....

Já na rotunda em triste soliloquio:
Não, não, que se além vou, fico perdido.
Vamos primeiro a Fez.





DESCARGO DE CONSCIENCIA

VIII

Quasi sem já ter fé, quasi desesperado
partiu para Thomar, onde chorava o rei
de remorso e de magoa; e pouco apoz, morria
sem nunca ter podido e nem sequer ousado
remir do captivo o sancto seu Fernando.
Esp'rança derradeira — as côrtes de Leiria
congresso, furta-côr, ou tribunal sensorio
que alfim lhê envenenou o estado merencorio.

«Temos Regencia emfim. . . Pois vou a Santarem
onde acharei D. Pedro, o Sabio, o -- homem de bem.

Voltar a Fez sem vê-lo, é ser bordão mal firme.
 Demais, salvei-o em Ceuta; ha de lembrar-se e ouvir-me.
 Sim! antes d'ir a Fez vamos ao Vizo-rei
 narrar tudo o que vi, e a Fez depois irei.»

O Regente ao saber que um pobre mensageiro
 de Fez, vinha falar do infante prisioneiro,
 quiz vê-lo sem detença, e vendo-o exclamou :
 — Que destemido amigo em ti elle encontrou!
 Tomam cem como tu, Tanger, Tetuan e Arzila,
 aduar por aduar, kabila por kabila!
 ... Vi-te em Ceuta, não vi?... Tu és Pacheco, ou não?
 — Sou eu, senhor, sou eu. Trago de vosso irmão,
 porque não duvideis, esta miniatura
 que vossa Mãe lhe deu.

— Celeste formosura!

Conheço-a; a minha Mãe deu-lh'a quasi ao morrer.
 Fernando... vejo-o bem! não tem com que escrever!
 Os tratos que lhe dão, Deus meu, como são duros!...
 Como pôde isto crêr-se em seculos futuros?!
 — Não tem Senhor não tem! e quasi já não vê.
 — Pacheco, a Virgem Sancta é pois — marca de fé?
 Mas eu confio em ti meu velho camarada;
 eu vi-te na defeza e vi-te na arrancada.
 Se me lembro de ti! Vê se me lembro bem :
 tu esmagaste o preto, o que lançava blocos
 como uma catapulta, em furia e em gestos loucos.
 — Fui eu. Quando o prostei, damnado como um cão,
 o dedo me levou que falta n'esta mão.
 E que giganteo e feio!...

— Acompanhaste o Infante?

— Desde Tanger a Arzila e a Fez. Mas que distante!

Por que chamam *de Deus* o povo onde Jesus subiu a Via sacra e apoz morreu na cruz? e ao nosso Portugal não se ha de chamar isto, sendo bem mais pesada a cruz do nosso Christo?! Se visseis o flagicio, a affronta — E elle a sorrir! — que a moirama lhe impôz n'esse Alkasser Kebir «Deixae-me beber agoa! é apenas um instante!» O *Wad* — o rio — ali, brilhava scintillante. — Não, não, que temos pressa, ávante, mais além, no Luccus (Ben Andá) ou — la do El-Makhasem!

Chegando a Kabbassi mais supplicante pede :
 «O Luccus corre aqui, agoa! que morro á sêde.»
 — Vaes já beber, já vaes... Mas olha, bom christão Larache que dirá?... Larache tem razão; podes bebel-a toda e ficar secco o porto.
 «Agoa!» clamava em pranto o Infante semi-morto.
 «Agoa!» gritámos nós, mas... quem eramos nós? entre centos de mil — treze! — que tristes — sós! — aos quaes lançaram logo algemas e cadeias continuando em grita: — «Ó fraco, por que anceias?

E choras mulheril revel christão!

Pois antes de chegarmos ao Sebu, que para te lavar terás de passar nú, vamos humedecer-te os labios teus ardentes. Mettes a tua canna assim; entre os teus dentes. Assim!... mais dentro! Assim! Ficam-te bem abertos. Para melhor provar deita de fóra a lingua. Entre moiros, verás nunca has de encontrar mingoa.»

E puzeram-lhe o rosto tão cuspidos!...

Em toda a cara e peito se lhe empasta...

— Pacheco, basta!

Repugna!... Pára ahi. Queres voltar a Fez
e levar boa nova emfim a meu irmão?

— Bem hajaes! Senhor, sim, de todo o coração
que d'alegria bate:

que vós sabeis e eu sei o muito que isso custa!

— Vou mandar uma armada a essa Arabia adusta
que leve a meu irmão emfim o seu resgate.

— Senhor o que elle soffreu
já desde Tanger a Arzila
depois desde Arzila a Fez!
Mandae! que Deus lhe conceda
uma hora ao menos tranquilla.

.....

Nem ererieis como lá
lobo ou tigre Luzarac
lhe tratava os companheiros
sujeitos a dura pena
como réus, não, — prisioneiros —,
sepultados na Dorzena,
acastellada cazerna,
fundidos em noite eterna!...

— E quem te deu este ouzio
de voltar de Fez áquem?

— Eu fui por meu alvedrio
e não fui como refem.

Sei muito o moiro falado,
com moiros fui confundido
sem d'aqui me vir desdoiro,
sou conhecido por moiro
e vim de moiro vestido.

.....

— Vou Ceuta devolver, cumprir o estipulado Henrique foi... Não eu, quem fez esse tratado.

— Senhor!... o martyr lá sente-o mais que ninguem!

— Não fiz a convenção; cumpro-a. — Dever de bem. —

Que os escrupulos calle e que os seus labios selle!
é pela honra christã, e nossa; não por elle.

— Pois decretaes-lhe assim, crede-o, mais um revez,
mais misero vae ser em Portugal, que em Fez.

— D. Fernando de Castro, entras na melhor hora
conheces este?

— Oh sim, vimo-nos muito, outrora.

Em Tanger vos achei e antes de Tanger, cá.

— Hoje o Regente quer que vades e que eu vá
de novo áquelles sóes, de novo áquella terra.

— Mas com pendão de paz e não em trom de guerra?
Que me mandaes, Senhor?

— Que armada apparelheis
que possa navegar e que vos apresteis. —

E Pacheco saiu porém saiu tranquillo:

— «D. Pedro tem razão! dever e honra é aquillo.

N'este momento oppôr formal contradicção

compreendo-o em D. Fernando; em D. Henrique, não.»

Sabe-se como fôra malograda

a derrota e a missão d'aquella armada.

Quando voltou a Fez era um curral
 a escura estreita e fetida enxovia,
 alfurja onde jazia D. Fernando,
 que mal ouvia e quasi já não via.
 O tecto era tão baixo, que impossivel
 lhe era erguer-se de pé. O cheiro horrendo,
 fazia convulsões!

Ultima tentativa de ladrões
 que esperam dia a dia um bom resgate,
 mas em dinheiro. Ceuta era um dislate!

Foi só a muito custo e tacteando,
 que encontrou D. Fernando
 sentindo-o, todo tremulo, ajoelhado
 e tudo lhe contou que era passado.

Em silencio o ouviu.

— Era escusado

disse elle com a voz sumida e tremula.
 Hoje meu bom Pacheco o meu resgate...
 Nem podia sair do meu incerro;
 se visse luz caía fulminado.
 Nem desdobrar podia os meus joelhos.
 Caloso estou e putrido e chagado.
 Quiz Deus que o compromisso nobre e honrado
 fosse da gente moira recusado.
 Os tratos vão passar, morrer me sinto!
 que poderei durar?... Acho-me extincto.

Ai de mim!

Dá-me a beijar a minha Virgem Sancta
 assim! assim! assim!

Como virás magoada! Mãe querida

.....

Desde a vossa partida
vi o teu pagem sempre e a vossa romaria
com o magoado olhar da minha infinda crença,
tudo se retratou na minha phantasia.
Mais um espinho, mais, na tua dôr immensa!
Beijar-te os pés o meu amor levanta!
Ouvi-te suspirar na tua sacra via...
Choro, senhora, vê! mas meu coração canta,
hossana em teu louvor—*hossana!* e de joelhos
te fico a adorar, Mãe, até ao fim da vida.
—Senhor!...

— Pacheco, escuta! eu sou devoto e austero;
não quero que em seu culto alguém, — novos ou velhos —
a adorem mais do que eu. Digo-t'ó assim: — Não quero.

.....
Pacheco, o que eu te devo! ai! de quem nada tem!
Mas logo que eu expire é tua a minha Mãe.

.....
Abreviemos nós o drama miserando.
Pouco durou, bem pouco a vida a D. Fernando.

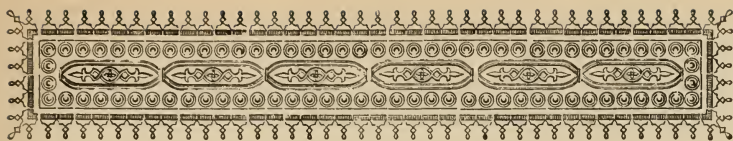
.....
Que escarneo, apoz a morte o moiro lhe infligiu!

.....
Pacheco já não viu.





— Desde Tanger a Arzila e a Fez. Mas que distante!



PAE E FILHA

IX

De Queluz, o Jamor, á Cruz Quebrada
deriva entre rochedos cavernosos
e, mais do que se pensa, numerosos.

No ponto mais visinho
do curral do rebanho, e da morada
da Pastora, Pacheco achou seu ninho
difficil d'encontrar, por ter entrada
só de rastos possível; irriçada
de farpados pedrões na extensa via.
E na margem do rio a brenha irsuta,
um tufo de silvedos e salgueiros,
tapava a estreita bocca d'essa gruta.
E é vêl-os, entre arrobos d'amisade,
falando mão por mão e á puridade.

A mocinha já quasi não podia
 passar sem os cuidados do visinho,
 que ninguem lhe dizia onde pousava,
 e sem resar em honra de Maria,
 preces que o velho eremita lhe ensinava.
 Quando ao moiro a roupa se rasgava,
 já Mafalda d'instincto lh'a cozia ;
 e elle tambem; os dois de companhia.

A's vezes, quando o velho se ausentava,
 ella por toda a parte o procurava
 e quasi não comia nem bebia.

Chamava . . . escutava,
 em grande agonia.

Quando elle voltava,
 entre afagos e prantos, lhe dizia :

— Sabes tu, moiro máu, que é crueldade
 deixar por tanto tempo, em tantas dôres
 a que tu chamas—linda—e—teus amores . . .
 Por que me fazes tu tantas saudades ?

— Filha, fui a Ribamar
 vêr um monge meu amigo.
 Se eu podesse andar comtigo . . .
 mas o rebanho a balar . . .

— E que aceiado elle vem !

— Cousas do monge ! o cuidado
 que tem de pôr-me aceiado
 por que eu te pareça bem !

— Pois has de dizer-lhe assim:
 que o teu roupão mais me orgulha
 sendo obra da minha agulha
 ou remendado por mim.

Onde vaes tu pernoitar?
 ha dias em que nem comes!
 Nem calculo onde te somes.
 Nem já sei para onde olhar!
 Este montado é tão só!
 mas eu tenho o meu abrigo;
 por que não dormes commigo? . .
 Isto é d'amor, não é dó.

— Bem hajas, anjo dos céus.
 Filha minha, que pureza!
 Dá graças, creança e resa,
 roseo anjo, á Mãe de Deus!

— Já uma vez e outra vez
 me chamaste — filha minha —
 porque pois á pastorinha? . . .

— Filha! . . .

— Agora já são tres!

Um nome que assim me cae
 de repente, em meus ouvidos
 e dá volta aos meus sentidos! . . .
 Eu sei lá o que é ter pae?!

Em quanto d'esta vez andaste ausente,
 veiu a senhora Velha,
 que é sempre quem me aconselha
 e disse-me ella assim: Ó Mafaldita,
 o moiro faz-te boa companhia?
 E eu disse-lhe: — a melhor, minha Senhora,
 e ensina-me a ter fé.

— Elle não fala nunca d'ir-se embora?

— Pois se elle aqui não mora!

Se n'estes pedragaes não mora gente!

Apparece-me ás vezes de repente! . . .

Será commigo . . . um' hora em cada dia

e é quando é

que vem cá. Outras vezes desvairado

anda, se elle anda, sabe Deus por onde.

Supponho que outra vez se furta e esconde.

Tem cara de quem tem grande desdita.

— Que te chama o moiraz?

— Rosa, botão

e lyrio, e toutinegra, e rouxinol,

cordeirinho, cabrita . . .

— E filha?

— Não! que eu me recorde, não.

Se agora me pergunta:

— Já, senhora.

Cá me fica no rol.

— E que tem que te chame — filha minha —

— meu amor — ou: — celestre creatura? —

são falas de carinho e bem querer.

— Pois certo que hão de ser;

mas tu bem deves crêr que nunca tinha

ouvido esse dizer! não tinha, não.

E faz tanta ternura ao coração!

— Não sabes o que é, pois, nem pae nem mãe?

— Certo, quem os não tem!...

Conheço a Cat'rinita alli da *Azenha*,
uma moçoila, assim da minha idade
mais forte e mais morena.

E conheço outra, — a Dulce, d'outra herdade
que dizem ser das bandas do Cacem.

Esta que eu digo raras vezes sae.

Uma d'ellas tem pae mas não tem mãe,
a outra só tem mãe mas não tem pae.

Já as conheço agora,
por que? por um signal que nunca falha
Cat'rina ralha sempre e nunca chora
a Dulce chora sempre e essa não ralha.

— Pois saber a razão desejo e estimo.

— Porque os paes dão a força — e as mães — o mimo.

— Tu pobrinha nem pae nem mãe conheces!

— Tambem nem tanto ao mar nem tanto á terra!

Sou uma cabritinha d'esta serra,
ou uma vitellinha, ou uma ovelha;
sei, por dizeres da senhora velha,
d'ella... e agora d'um moiraz tambem,
sim, de ti moiro meu,

lições que tu meu coração conservas:

que é Deus meu pae

e a Virgem — minha mãe;

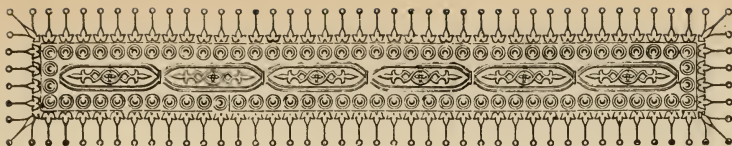
assim como são paes das tristes ervas

e assim como são paes do meu rebanho,

Ovelhas e cabritos, meus irmãos.
São esses os meus paes, se o céu consente.
Mas, assim, cousa de gente,
isso não tive nem tenho.

Pacheco os braços levanta,
mas quando ia falar desfez-se em pranto
e prendeu-se-lhe a fala na garganta;
despareceu do monte e andou... a andar
sem destino e sem fim noites e dias;
e vamos encontral-o em Ribamar.
Quem sabe se a visita foi comprida?
Nós chegamos sómente á despedida.





MISERERE

X

— Adeus frei Vasco, adeus !

— Adeus Pacheco,

não erres o caminho, tem cuidado,
Tu andas tão perdido e tão coitado,
que póde desvairar-te o som d'um ecco,
um mau presentimento, um devaneio,
um reflexo de luz, um tudo-nada
da via que conduza ao teu passeio.

— Eu nunca tenho plano de jornada,
nem sei para onde vou; e vou... por ir
ou vou talvez tambem por que me agrada
vêr toda a gente que me vê, sorrir,
como se fosse um estrião ou louco.

Bizarra condição da minha vida!...

E nunca marco o dia da partida
e nunca marco as horas da tornada.

— Riem de ti, Pacheco?!

— Nas estradas

são apenas sorrisos de mofina;
mas são nos povoados casquinadas,
vaias e vozerias: — algarvias. —

— E tu tens paciencia?

— Isso te espanta?

eu saúdo-os e leio-lhes a sina
e dou-lhes a beijar a Virgem santa,
que anda sempre commigo e me consola
nas minhas horas más.

— Era do Sancto!

— Era do Sancto, sim, e agora é minha.

Ante ella caem todos de joelhos
estes pagãos de Christo, e por esmola
á Rainha dos céus pagam tributos
e infartam-me de pão esta sacola,
que eu reparto com cegos e aleijados.

São reveis, os saloios, são, coitados!

— Perdoarás, Pacheco, — máus e brutos —

— Máus, não! desconfiados são, e astutos.

— Nunca te apeteceu dar-lhes o pago?

como em Ceuta fazias á moirama?

com teus herculeos braços, cujo estrago...

— Oh! não! foi mui maior que o feito, a fama...

Só sim, bem pouco apoz voltar de Fez

trepava pela incosta aqui do lado

onde se escuta se *o mar ruge* e andado

tinha sem descançar até Laião

quandõ um gigante, um rapagão d'Algés,

á frente d'uma turba clamorosa,

me tomou por um bruxo infesto aos trigos,

ás hortas, aos pomares e olivae.
 Eu bebia, cançado, agoa da fonte.
 «Rapazes, disse o Algés aos seus amigos,
 eis o bruxo que mata com feitiços
 hortas, searas, gado e laranjaes;
 é preciso que morra!»

E eis-me defronte

d'uma turma furiosa de ceifeiros
 armados de tremendas roçadoiras
 de foices, de podões e de fueiros.
 E o gigante, o tremendo mastodonte,
 arremettendo á frente dos primeiros:
 «Felizes tardes, seja Deus comvosco,»
 disse eu sorrindo áquella turba insana.
 «E fala em Deus, o turco de Mafoma!
 a elle! a elle!!» Era tremendo o lance.
 Atirei-me d'um pulo ao mais ousado
 e que ficava mais ao meu alcance.
 Tomei-lhe os pulsos e arranquei-lhe a foice.
 A turba recuava; elle pasmado
 de algemado se vêr sem movimento
 olhou-me e suspirou: «Virgem Maria!»
 — «Até que emfim, boa palavra, amigo...
 Mas por que é isto? a tua gente foi-se!...
 Aqui tens a Senhora, tu não vês?
 não é moiro quem sempre a traz comsigo.
 (Pasmado ante ella o capataz tremia!)
 mas, devoto ceifeiro que tu és,
 que sujo estás, para beijar-lhe os pés!»

Tomei-o pelo peito e levantado
 n'um torniquete e quasi na asphixia,
 fui com o maior carinho e mór cuidado
 mettel-o no marnel da fonte fria

todo inteiro; e apoz muito lavado
 e muito friccionado e escarolado
 dei-lhe a beijar os pés da Virgem Mãe,
 o que elle fez submisso e ajoelhado.
 Depois chamou de longe os companheiros;
 a turma receiosa dos ceifeiros
 que lhe véiu beijar os pés tambem...

Um padre, que passava pelo outeiro,
 vendo o que se fazia, e achando graça
 á imprevista abloção do bom camponio,
 saccou do seu tinteiro
 e em folha que arrancou do brevario
 escreveu:

«Interdictas por dez dias
 as agoas d'esta fonte, que o demonio
 aqui foi baptisado; e deixa estrume
 que ha d'ir queimar como se fosse lume
 o laranjal que fica ali defronte.
 Isto em fé de verdade attesto e assigno.»
 C'um resto d'hostia — o symbolo divino —
 o seu escrito affixou na fonte.

— Ora inda ben, Pacheco — um bom abraço
 já não temo de briga ou de surpresa,
 pois que já agora em toda a redondeza
 se conhece a pujança do teu braço,
 meu infantil heroe d'Aljubarrota,
 bravo de Ceuta, bravo na derrota
 de Tanger e de Fez. Do Infante Sancto...
 — Vasco, não digas mais que me intristeço!
 — E essa mulher ingrata!

— Oh! pelo ceu
 poupa o meu coração! poupa o meu pranto,
 bem sabes que o culpado, o mau, fui eu.

Só vivo a vêr se morro... ou se indoideço ;
 e no andar já vacillo e já tropeço
 e sinto-me esvaído, absorto, exangue.
 Breve terei cumprido a penitencia
 que Deus, com tinta do meu proprio sangue,
 se dignou escrever-me na consciencia.
 Oxalá mais não veja esse carrasco
 cruzar no meu caminho ! A paciencia
 é a virtude mais fragil da minh'alma.
 Deus me perdoe se em confessal-o eu pecco.
 Nem já sei o que digo. Adeus Frei Vasco,
 até sempre.

— Onde vaes, pobre Pacheco ?

.....

— Vim hoje vêr-te aqui,
 Frei Vasco, meu amigo.
 Sabes porque te vi ?
 Porque ao pensar commigo,
 não vejo mais ninguem.
 Não tenho quem me ajude,
 nem ancia já me illude.
 Sabes que já morri.

Corro por muita parte
 por esse mundo alem...
 Vasco ! — ninguem ! ninguem !...
 Recorro para ti.

— Mas Pacheco a tua filha ?!

— Mas frei Vasco a minha Aurora ?!

Ser um pae, que não partilha
 amor de quem tanto adora !
 sem dizer-lhe : — és minha... ou minhas !!
 ter quem tenho e não ter nada !

.....

Vêr Paço Vedro á noitinha
 e aos dias, sem vêr ninguem!
 fugir, quando se aproxima,
 perto, a minha escuridade!
 Saber que n'aquella herdade,
 cada rafeiro é mais preso,
 mais cerrada cada porta,
 ao sentir de passos meus!
 Vasco, não sabes que peso
 sobre alma e peito põe Deus!

— Ai! como és triste, alma absorta!

— Triste de mim, se me vires
 chegar ao teu ermiterio,
 não perguntes por quem vim,
 não saibas porquê nem quando.
 Tu és o meu desafogo.
 Pede a Deus e não te admires;
 debes conhecer-me logo.
 Olhas-me e dizes comtigo:
 «Traz o incendio, o meu amigo.»
 Nem saibas por quem, nem quando.
 Venho pedir-te, e não peço;
 perguntar-te, e não pergunto;
 curvar-me, e não te agradeço.
 Não ha pobres como os ricos
 que não aceitam nem pedem
 e ás vezes morrem de fome,
 tentando cortar-se a lingua;
 e ás vezes, morre-se á mingoa
 para esconder-se da fome!



«Onde vaes tu pernoitar?
Ha dias em que não comes,
nem cálculo onde te somes...
nem já sei para onde olhar.

.....

«Este montado á tão só!...
mas eu tenho o meu abrigo;
porque não dormes com'igo?...
Isto é de amor, não é dó!»

— Bem hajas, anjo dos Ceos!
Filha minha, que pureza!
Dá graças, creança, e reza,
roseo anjo, á Mãi de Deus!—

Quando eu disser: — Adeus, frade —
 ser quem seja, ou ser quem ha de,
 não sondes a minha vida.
 Póde bem ser a chegada,
 póde já ser a partida!

Agora Vasco, adeus.

— Adeus Pacheco.

Se poderes voltar, vem cá dormir.

— Dormir! eu já não durmo... em dias certos.
 A andar e a desandar n'estes cardaes desertos,
 ás vezes dá-me o somno e deixo-me cair...
 quando não durmo em pé... a andar e a falar só.
 Por testemunho o sei de quem me encontra e toma
 e me recolhe e trata, inda no mundo ha dó
 sem crêr nos vicios maus do *Turco de Mafoma*.
 Depois, lá quando accordo é como se nascera,
 não sei nunca onde estou, nem terra ou céu conheço,
 nem flor, nem sol, nem lua, inverno ou primavera!
 Ouço falar e falo; ao vêr andar caminho;
 supplicam-me e eu consinto; ordenam-me e obedeço.
 Que tempo se passou? que fiz?... Completo olvido!
 Sinto uma dôr em mim, reparo, estou ferido.
 Quem foi? Onde seria?... Não vês como indoideço?
 Sinto-me ás vezes triste e escondo-me a chorar.
 Mas quando ponho as mãos e encontro a Virgem Sancta
 abro o sacrariosinho e vejo-a; volto a mim.
 Mal conheci quem sou, fujo sem mais olhar
 fujo para fugir, fujo para ter medo;
 fujo do ermo agreste e fujo do arvoredado,
 e crendo emfim pizar terra desconhecida
 encontro-me, ai de mim! no ponto da partida!

Luz fixa, e ave nocturna! — o Vedro... o dos ciprestes
 e ella, a senhora Velha, ella a das negras vestes,
 cujo cabello branco as faces lhe emmoldura!!!...
 Inda hoje é soberana aquella formosura!

Embaixo, além Jamor

a linda pastorinha, a dos cabellos d'ouro
 que tanto espreita e escuta á espera do seu *mouro*
 ou turco de Mafoma, o ingrato seu pastor!...
 E sem nunca poder dizer-lhe — Es minha filha —
 e sem nunca poder dizer-lhe — Sou teu pae! —
 Porque destinas, Deus, ao homem tanto horror?!
 Ahi tens porque eu lhe fujo e porque a deixo assim...
 Não é por fugir d'ella, é por fugir de mim.

.....
 Mas volto á minha gruta! estulto é meu intento
 de sair-me d'aqui. Eu ardo a fogo lento...
 Não, Vasco, o incendio augmenta e eu sinto-me queimar!
 Oh! praza á Virgem Mãe que morra sem matar!...

— Quando sentires, pae, (que és pae, nunca te esqueça!)
 quando sintas em ti desejos de vingança,
 ante os teus olhos põe o olhar d'essa criança,
 as flores do seu rosto e a aureola da cabeça,
 que beijas tanta vez, a vivida sentelha
 que dos seus olhos salta, a angelica meiguice
 com que te beija as mãos!... Divina meninice!

.....
 — Oh! sim! linda a pastora!... ai frade! e linda a Velha!

Adeus frei Vasco, adeus!

— Que Deus te dê ventura!

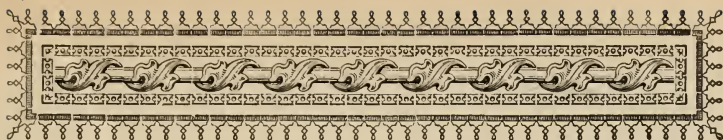
.....

— Misera creatura! —
 murmurava baixinho o frade. Entrou na igreja
 claustral de S. José de Ribamar
 e prostrou-se e benzeu-se, e amargurado
 começou de resar:

«Pede por elle, ó Bemaventurado!
 Se na sua alma o temporal negreja,
 dissipe-o a mão de Deus, e salvo seja.
 Se contra Deus peccou, a perdoar
 viveu e morreu Christo; e a penitencia
 d'esse bravo d'aquem e d'alem-mar,
 os desvelos, o amor, a paciencia
 com que elle acompanhou o Infante Sancto
 o martyrio tremendo, a prece e o pranto.
 E aqui o horror d'este martyrio insano
 do mais cruel desdem e odio inhumano!...
Miserere, Senhor, rogo-o a teus pés.»

— *Miserere* — em côro repetiam,
 outros monges que ouviram a discreta
 suplice voz do venerando asceta.





MALDITO

XI

.....
Passou n'aquella tarde em frente ao velho portico
do pateo senhoril em que o arvoredado cobre
amplissimos degraus da escadaria nobre
do vetusto palacio em parte a desabar.

Da rotunda ao portal fôra encostar-se tremulo
o misero romeiro e attento olhava a medo
as torres do solar e as renques do arvoredado,
a encosta do Jamor, o Tejo, a barra, o mar.

E ficara-se ali horas sem conto, o misero,
roto, desfeito, velho ! a barba intonsa e alva,
magro, spectral, erecto, a fronte nua e calva,

da brancura da morte o collo, as mãos e os pés.
Sandalias em rasgões! andrajos vis, esqualidos
d'um saio d'estamenha e um alamar trançado,
que foi de seda e prata e cae dilacerado
sob um mantão que fôra um alburnoz de Fêz.

Depois de muito olhar e de scismar attonito,
como quem teme e anceia, aguarda e nada espera,
doido, absorto, inquieto atraz d'uma chymera
curvou-se e ergueu do solo o gasto seu bordão.
Tirou-lhe apoz do seio a mão nervosa e tremula
a Virgem Mãe de Deus, formosa miniatura,
e beijando-lhe os pés com filial ternura
disse-lhe: — Emfim, tu vês! não posso haver perdão!

E' noite, ó mãe de Deus, volvamos ao meu tumulo
e pede ao filho teu que, d'essa negra alfurja,
só tu possas voltar, mas nunca mais eu surja
a expôr-me á luz do sol. Cancei, não posso mais.
Tu velarás por mim á luz da humilde lampada
que acendo em honra tua, e ao termo do martyrio
me tem de alumiar, brandão, funebre cyrio,
e tu me acolherás os derradeiros ais!

e dirás a Jesus, tão bom, tão grande e humilimo
que viste dia a dia os transes do maldicto
seu crime, o seu amor, seu coração contricto
e que piedosa o amaste, em premio a tanto horror.
Quantos annos de dôr, vias morrendo incognito,
pobre, arrastado, humilde, infame, despresado,
sósinho... Oh! não! perdoa! eu tinha-te a meu lado!
Prendi-te! encarcerei-te!... és minha ó meu amor!

Um sacrilegio mais! . . . Tu vêes o que é ser reprobado!
 escrava tu, senhora! escrava tu, Rainha! . . .

Mas que fôra de mim, se tu não fosses minha,
 — amparo, força, guia, — a quem mais nada tem?

Do meu ermo pragal tu és a rosa mystica;
 da minha noite, a luz! refugio aos meus pesares:
 a Providencia és tu dos meus desertos lares,
 a minha filha és tu e és tu a minha Mãe.

E assim dizendo, o misero
 em seu bordão firmado
 descia o atalho ingreme
 da encosta do Jamor;
 chegava ao rio múrmuro,
 tacteava a pedra e pedra,
 milagres do equilibrio!
 transpunha da agua a flôr.

la lançando lapides
 no alveo mais extenso,
 e mais um passo timido
 ia arriscando além;
 até que o manso correço
 passava a pé pedrinho,
 brenhava-se nos comoros
 não o via mais ninguem.

Vinha correndo celere
 Mafalda — a pastorinha —
 bateu co'a rocha asperrima
 ficou-se a meditar. . .

— Julguei que o via! — e timida
 buscava e rebuscava
 todo o espinhal inhospito,
 a ouvir... e a espreitar

— Moiro?!... Não... Nada! engano-me.
 E' que o não vi!... Paciencia!...
 Como este sitio é lugubre!...
 Pobre, — por que não vens?...
 Procuras, ingratisimo,
 por esse mundo em fóra
 um bem querer mais calido?...
 Enganas-te; — não tens!

Bem julguei vêr-te. Illudem-me
 os meus desejos, moiro!
 grito por ti, convido-te...
 Quem sabe onde elle vae?!
 Chamas-me — linda — e foges-me;
 — boa — e não me acreditas;
 — filha —, mas no teu animo
 não entra o ser meu pae.





RELAMPAGO

XII

Quando no dia seguinte
quiz, de manhãzinha, achal-a,
foi na encosta procural-a.
Mafaldita estava triste:

— Que é isto? já me não fala?
— Eu não te conheço a ti;
creio que nunca te vi;
julgo que nunca me viste!
— Que me diz a minha estrella?
— Astucias d'um falso amigo;
mentiras d'um grande ingrato.

Ha quanto ha que me não vias?
 andas lá dias e dias...
 e eu sempre a contar contigo,
 co'as sopinhas na escudella...
 á tardinha... ao anoitecer...

Trazes o fato tão roto!...

Hontem, isso é que foi lucta!
 Ouve bem attento e pasma:
 julguei que te vi descer
 d'além, por esse carreiro
 e corri, para te vêr;
 mas decerto era phantasma
 que assim me enganou; primeiro
 fui bater co'as mãos na rocha,
 mas a rocha não tem gruta;
 rebusquei cada salgueiro...

— Eu hontem de tarde... Ah! sim!
 andei...

— Sabe Deus por onde
 este mau homem se esconde!

— Filha, nem eu sei de mim!

— Sabes tu meu velho amigo
 por que te desejo perto?

— Quizera sabel o e já.

— Podem roubar-te por lá
 que tu és bom e és bonito.

— Mafalda!... Acaso feliz
 que o digas n'este deserto.

Eu, bonito?!

— Moiro, é certo!
 não te pareces commigo?...
 Pois toda a gente m'ó diz.

— Oh! dá-me um beijo!... outro beijo!
 Torna a dizer, por piedade!
 não me despertas vaidade,
 mas fartas o meu desejo.
 Bem hajas! conta commigo.
 que hei de viver mais contigo.
 Mas... como todos os dias
 vem vêr-te a senhora Velha...
 — Sim, eu sei que te não ama.
 E a mim quer-me tanto e tanto!..
 Somes-te. N'isso te ajudo.
 A mim é quem me dá tudo
 e é também quem me aconselha.
 Se ella fosse minha mãe
 não me queria mais bem.
 Mas vem sempre muito tarde.

Senta-te aqui. Sabe, moiro,
 que anda commigo um agoiro!
 — Que?!...

— Por aqui passa ás vezes...
 hontem passou, por exemplo,
 um cavalleiro estouvado...
 velho... não sei, mas entrado;
 e eu tremo quando o contemplo.
 Sem ter respeito nem pejo,
 pára e diz-me — «Sim senhora!
 pareces filha da aurora
 e hei de dar te muito beijo.
 Não córes! tu tens reccio?
 Oh! quantas vezes agora
 me has de vêr n'este passeio!»

— Meu Deus! que presentimento!
 e... esse cavalleiro ousado...

— É bem posto, bem montado
 ar de audaz e de valente
 e olha muito para a gente
 com senhas de atrevimento.
 E' desembargado e franco:
 bem lesto, bem acabado. . .
 — E virá?

— Se não me engano
 no rio ao pé do Balteiro,
 vem montado o aventureiro
 n'um bello cavallo branco,
 por signal bravo ou gingão.
 — Mafalda, vê bem se é elle,
 o dos dias que lá vão.
 — E' elle, certo, só hontem
 montava um manço alazão.

— Que os eccos da encosta contem
 o que hão de ouvir e verão.

Tu vae-te, vae-te, Mafalda,
 porque a minha lingua escalda
 e vae lançar-se em tufão!

— Ai! o que eu fui d'imprudente!

— Vamos vêr-nos frente a frente. . .

.....
 Deus marcou a occasião.

— Mas tu andas inerte ó bom romeiro. . .
 — Descança, trago aqui a minha espada.
 de Toledo. Fui sempre e sou guerreiro.

Foi minha companheira de campanha
 e posso-me gabar de que era um raio.
 Brillhou... brilhava muito sobre o saio;
 agora anda escondida na estamenha
 d'estes saïões de monge ou de mouraz,
 um fraldeirão informe de mendigo;
 e até que a minha vida se me acabe
 será sempre commigo...

Coleando o rio o nosso cavalleiro
 atirou... ou talvez resaibiado?!
 co'as patas do cavallo a um cordeiro!
 — Valente campeador! bradou Pacheco,
 assim! assim! aos mansos innocentes
 inermes, timoratos, pacientes!

Cuidado co'os carneiros!
 passa de largo sem fazer barulho
 que te podem rasgar cara e bandulho!

— E tu? terás talvez as mesmas armas?
 venho quebrar-t'as co'um revez de espada.
 Oh! quem elle é! — o moiro de Mafoma!

— Deus meu, augusto e bom!...
 A combate sem treguas, Vaz d'Almada.

Vê bem, formosa pastora!
 e vê com vergonha e asco:
 Diante de ti, senhora,
 tens o teu e o meu carrasco.

— Tu sabes quem sou, Pacheco?
 pois dobra a lingua, se o sabes;
 não tomes d'um templo, as naves
 por cruzilhada ou por bêco

— Já sei que tens, por nobreza,
 a liga do *honni-soi*,
 o zenith da honra ingleza.
 Foi o que achaste por lá?
 Grande honra e bonito mote!
 sim! fidalguia e grandeza
 pelo officio d'alcaioete.
 — Pacheco!

— Conde d'Avranches!

— Não sabes, alma apoucada
 quem é D. Antão d'Almada?
 — Quem é? quem foi; hoje, não!
 do que foste em portuguez
 resta apenas o estrião
 na casca d'um fatuo inglez.
 — Pacheco! . . .

— Não te desmanches
 que perdes o aprumo e a embofia.
 Tu não és fraco, és brigão
 de capa bordada e ancha.
 E's fidalgo e conde inglez,
 (e é d'isso que tens basofia!)
 d'uma terriola da Mancha
 onde fazem renda e ligas,
 «ligas» maganão fidalgo,
 umas louras raparigas
 pés-pésões, corpos de galgo
 no comprido e na magreza.
 — Fala-se inda n'essa terra
 d'uns taes «doze d'Inglaterra»
 com prôas de filhos d'algo,
 que foram, por gentileza
 defender a dama ingleza
 «pés-pésões, corpo de galgo.»
 — Tenho ainda na memoria

pormenores d'essa historia.

— Algum avô. . .

— Sim, talvez

meu illustre conde inglez.

— Ora, ouve lá! tem paciencia

não masques mais demasias:

Tambem ha n'aquella terra

mulheres de fina essencia,

que dão de si mães sadias.

Tu conheceste a Rainha,

que nos veiu da Inglaterra,

e não tinha pés-pésões;

lembras-te bem que não tinha.

São mais frias, é verdade,

dão filhos aos nove mezes,

e sabios e valentões;

nunca de sete, que queres?

e é cousa que não se estranha.

Ha mulheres de mulheres.

Uma cousa é o sol da Hespanha,

outra são frios inglezes.

— Quer Deus que eu te arranque a lingua
que tanto mal me tem feito.

Vá, chimpanzé contrafeito,

arranca lá d'essa espada!

Em defeza, Vaz d'Almada,

que vaes morrer-me nas mãos.

Renovaste o velho aggravo

que tão infeliz me fez!

Já para algum fim, meu bravo,

voltei das prisões de Fez!

Não poudes salvar o Infante

mas tenho-te aqui diante;

já sei a que vim, já sei.

Vá! vamos, jarreta, em guarda! —

.....
 Mas n'isto d'entre os salgueiros,
 surgia a Velha, a senhora,
 a fidalga, a antiga Aurora:

— Conde inglez preclaro e bello,
 meu antigo namorado,
 n'estes pragaes, um duello!?!...
 aqui... n'este descampado?!
 tão cedo! de manhãsinha,
 e co'um pobre, um feiticeiro,
 um pedinte, um milagreiro...
 Com quê, um combate, e onde!?!...
 Isso não é, senhor conde
 de nobre nem de soldado.
 Recolhei a vossa espada!

Homensinho, ide com Deus!...

E agora nós, fanfarrão:
 que foi que vos trouxe aqui?

— Vêr um reflexo da aurora
 n'uma formosa criança
 e talvez... quem sabe? a esperança
 de vêr-vos tambem, senhora.

Sabeis que vos ameji tanto...
 — Quanto me haveis ultrajado?
 — Arrancos d'um malogrado
 que faz mal por bem querer.

 — Escutar de Vaz d'Almada
 que me quiz e requestou,
 é ter a prova provada
 do muito reles que eu sou!

que mau genio ou que má Fada
 hoje o meu somno espantou?...
 Por me erguer de madrugada
 é que elle vos não matou.
 Pacheco é homem de vez!
 — Senhora, mas eu então...
 eu quem sou?

— Um gallo inglez
 farçola e affeito a brigão.
 Ha quem vos visse no Paço
 em Carnide, em trem de gala
 saudando a côrte, enganál-a
 com requintes... de palhaço.

Não cogiteis novo enredo,
 traiçoeiro D. Vaz d'Almada.
 Cuidado em vosso futuro.
 Eu por mim, aqui vos juro!
 não mais accordo tão cedo
 nem volto de madrugada. —

Entre as cebes ajoelhada,
a Mafaldita mimosa,
viu passar o seu pastor
co'a fronte em suor banhada,
pallido! . . . Fazia horror!
Ella tremente e chorosa.
Mas não se disseram nada.



TERCEIRA PARTE



ALFARROBEIRA



ALFARROBEIRA

Nos combros d'Alfarrobeira,
espreitando a estrella d'alva,
D. Pedro, encostado á espada,
scismava e monologava;
descoberta a fronte calva,
tão nobre e tão altaneira.

Nascia o 20 de Maio,
dia de triste memoria!
a luz d'Alva era um desmaio
nos fastos da lusa historia;

Que fazia tão cedo e desvelado
D. Pedro, o grande principe d'Aviz?
pallido, confrangido e molestado!
elle, o nobre Senhor tão grande e honrado
tão servo do seu rei... do seu paiz?!...

«Que fiz para assim vêr-me condemnado?
 Meu pae se tu volvestes para os teus...
 Se tu voltasses, mãe, e entre os teus filhos
 podesses ser juiz,
 que farias ao vêr-me armado em guerra,
 contra o meu rei e contra a minha terra?...
 contra o teu povo e contra os filhos meus!?...
 Como pôde isto ser se tanto fiz?

Meus irmãos contra mim!...

Mestre d'Aviz

que vieste de Ceuta mal avindo!
 Rendeste honras demais e mór fortuna
 a uns; a outros, mais grandeza e audacia...
 E entre abysmos se afunda uma loucura...
 Com Reis sempre se ajusta e se consente;
 mas é ficticia a côrte d'um Regente.

.....

O Sancto, já morreu...

D. João é bom e honrado, mas tem sogro...
 minha filha... coitada! tem marido,
 marido imberbe e que se presta a logro.
 Henrique... Henrique... esse comprehende e espera
 um sonho mais de arrobo e de chymera...

.....

Tudo desapareceu.»

.....

E tal passava pela mente o misero
 que sentia esvair-se-lhe a existencia.
 «O mundo é feito assim! Deus isto quiz.
 O Mestre cria eterna a sua gloria.
Eterna!... E a humanidade — Eterna — diz.
 Ergue-se um templo, fecha-se uma historia

e escreve-se na porta:
 — aqui jaz o reinado mais feliz
 nos braços da mais forte e mais brilhante
 dynastia d'Aviz. —
 Mas a pobre nação desmaia morta!»

N'isto chegava o nobre Vaz d'Almada:
 — Senhor! e não dormis?
 — Não, não! vae tu. Eu gosto da alvorada
 do primeiro matiz e roseo albor!...
 — Pois sim mas já vem breve a serenada!...
 Eu vou dormir para matar melhor.

.....
 «A vida é pois sonhar d'uma outra idade
 pesadello sem fim d'uma anciedade...
 E ha quem sonhe que vive, e que accordado
 anda a pensar que exulta ou que se ostenta!
 E não conhece os raios da tormenta...
 E por fim é risonha a humanidade!
 Deixemos os percalços d'ámanhã,
 que ámanhã serei morto.
 Que me venham buscar a novo porto
 visto que a vida é nada, mas louçã.

.....

Para tudo ha pois, amores:
 para manhãs radiosas,
 para crianças formosas
 e borboletas e flôres...

Tambem para o meio dia ;
para o sol que a prumo desce.
Para a mulher que entontece
nos frenesis da alegria. . .

Da tarde ha muitos amantes ;
do escurecer do horisonte,
dos pyrilampos do monte
e dos astros soluçantes.

Dos tristes é a noite amores !
que podem chorar nas trevas
as suas dôres mais sevas,
longe de hypocritas dôres.

Eu amo a noite e a má sorte !
Será assomo de loucura ?
No leito da sepultura
sonho amores com a morte !

Já julguei pequeno o espaço
para inscripção d'uma historia ;
já tive anceios de gloria ! . . .
e agora, nojo e cançasso.

Alvorece o ultimo dia !
Vae travar-se uma batalha
que me ha de dar a mortalha.
Se eu a vencesse ! . . . fugia,

e pedia a Vaz de Almada
 que o seu heroico terçado
 me varasse lado a lado.
 A morte é uma alvorada,

que estranhas visualidades
 e novos quadros nos cria
 de verdade ou phantasia...
 Quê? inda eu creio em verdades!!

Apoz de tantas *partidas*
 que andei por terra estrangeira,
 do cór'go da Alfarrobeira
 nas margens desconhecidas

vou morrer... e ás mãos d'um filho
 e de meus irmãos ao grado!...
 Coitado de mim, coitado!...
 D'elles mais, que eu não partilho

seus labéus e vituperios.
 No fulgir da minha sorte...
 No *fulgir*... quem sabe? a morte
 envolve tantos mysterios!...

A' morte! á morte! assevero!
 Não ha mais gratos anceios
 de prazer ou de arreceios?...
 Nem saber nem sonhar quero.

Em mim nenhum fogo arde;
 quizera ser aqui morto;
 aqui, sentado e absorto...
 Mas... chamavam me covarde!...

Vou fingir pois que me bato
 e que emprego esforço e arte,
 'té que a espada se me parte...
 e morro no desbarato.

Ninguem comprehende no mundo
 o meu aneio de morte.
 Se eu fui mimoso da sorte
 enquanto andava errabundo! ..

E aqui, no meu lar paterno,
 a que eu tanto bem queria,
 encontro a minha agonia
 e, entre os meus, o meu inferno!

Tenho sem força os meus hombros
 que ampararam tanta empresa.
 E morro, preia indefeza,
 sepultada nos escombros!»

Alvorecia. Um barco Tejo acima
 vogava, e á margem norte se acolhia:
 pequeno varinel que só trazia
 um pescador, piloto e tripulante.

Uma velinha branca o conduzia
 e encostava aos juncaes que a riba orlavam.
 Desembarcava um velho armado em guerra.
 D. Pedro attentou n'elle! . . . — És tu, Pacheco?
 — Sou eu Senhor Regente; apenas o ecco
 do desamor com que vos trata El-Rei
 chegou a mim, vim trabalhar por vós.
 Seremos poucos, se não formos sós.
 Foi sempre o meu dever, a minha lei.
 — Velho, vens desmentir-me os desenganos!
 Mais velho és tu do que eu!?

— Tenho oitenta annos,
 os taes de meu Avô na Aljubarrota,
 onde eu tinha de quinze a dezeseis
 — Sim na ala dos donzeis. Formoso bando! . . .
 Vens-te perder! Eu sou vencido e morro
 e feitas poucas horas, verás quando.
 — Nunca posso esquecer-me do socorro
 que quizesteis tentar por D. Fernando.
 — Por isso D. Henrique além me espreita
 immovel, dos reaes do Senhor Rei.
 D'esse dessidio a morte se aproveita.
 Vou morrer!

— Pois eu juro acompanhar-vos.

— Outro adepto
 do suicidio em desafio, em repto,
 que ensina aos seus vencidos a má sorte.
 Ficas tambem? ao — pacto já da morte? . . . —
 — Mas quem mais é commigo?

— E' Vaz d'Almada.

— Oh! bem hajaes, Senhor! Elle era, pois? . . .
 — Era!

— Ides ter na vossa côrte, os dois. . .

.....
 — Escutas o clangor d'essas trombetas?

— É signal da batalha! A tempo vim.
 Não me enganaste coração fiel! —
 E ao velho pescador do Varinel:
 — Vae dar-se uma batalha, espera o fim.

E travou-se o combate; antes:— esmagamento!
 trucidção brutal, homicidio sangrento.
 Era um pelear cego, era um cruel morrer
 sem brados nem clamor; sem uma voz sequer;
 um combate spectral.

Varado d'uma seta

O Regente caíu. A perda era completa.
 — Adeus bravos, adeus! não lucteis mais, vivei!
 deixae que seja eu só em desacato ao Rei.

Chegou-se a Vaz d'Almada o intrepido Pacheco:

— Bom dia! ha tanto já que te não vejo, conde!
 — Julguei-te um spectro, a ver-te! e a ouvir-te, a voz d'um ecco!...
 a que vens tu aqui, e d'onde vens?

-- E d'onde?

... que importa? vim de longe a socorrer o infante,
 e tive um grande amor de te encontrar diante.

Vês este morto, vês?

— Se o vejo! e vou tambem.

— Pois eu jurei segui-o, e vou contigo. É bem.

O Infante satisfez ao *Pacto*, já, *da morte*.

Boa monção de vêr qual é de nós mais forte.

O ensejo, Vaz d'Almada, é mesmo de feição.

Nós temos de morrer; morramos mão por mão.

— Pacheco dizes bem!... Era esse o teu desejo?...

— Não! Era combater; mas aproveito o ensejo.

Eu vinha por D. Pedro; ingrato ser não sei.
 Por me vingar de ti viria pelo Rei.
 Porém D. Pedro é morto e nós morrer jurámos;
 de boas contas é saber que nos matámos.
 — Pacheco, a nobre Aurora...

— Avanches! mesmo aqui?!

— Pois nem na hora fatal direi o que senti?!

— N'hora final é bom calar odios antigos;
 e vamo-nos matar como dois bons amigos.

— Vens-me encontrar, Pacheco, ao teu querer propicio,
 vê-se porém de vez, que estás para morrer.

Dizem que quando alguém de todo perde um vicio
 a morte não se póde sustar nem combater.

E tu que ameno vens! tão manço e tão polido!...

Confesso! não contava achar-me assim contigo!

e mato-te, vaes vêr, como teu bom amigo.

Vamos a isto, pois, e vamos sem demora!

(Não nos surja por 'hi a nossa velha Aurora,
 que inda é mais escabrosa que o moiro do marido.)

Golpe certo e fundo. E seja prompto e já,
 antes que esses mastins nos venham morder.

— Vá!

.....
 Dentro de pouco os dois caíam trespassados.

Rafeiros e mastins corriam apressados

para sobre Antão Vaz que tanto os insultou,
 cada um para dizer: — Fui eu quem o matou. —

E elle ainda a bradar no extremo da carnagem:

«Vamos! fartar, fartar, ignobil villanagem!»

O barqueiro correndo aos hombros levantou
 Pacheco desmaiado e a bordo o agasalhou.

O barco deslisou.

Noite era já chegada;
tinham lançado ferro ao pé da *Cruz-Quebrada*.

— Para onde vou levar o nobre meu senhor?

— Ampara-me, e a subir a margem do Jamor.

— Vamos!

E eu que vos cria um moiro de Mafoma
e sois christão de lei; inda ninguem vos doma.

.....
— Basta. Deixa-me aqui. Deita-me nos juncaes.
Descanço agora; adeus, que já não posso mais.

.....
Quizera bem pagar... sim, mas não tenho nada...

... A cruz de Santiago e a minha velha espada,
valem o frete; ahí tens. Leva-a aos filhos teus.

— E vós?

— Antes d'uma hora hei de dormir; adeus.

— Tão ferido, senhor, heis de ficar sósinho?

— Quero tentar dormir e espero um bom visinho
que me ha de vir buscar.

— Descançae pois!

— Mercê!

(Careço de estar só... com Deus... se elle me vê).

Ficou. A pouco e pouco ía arrastado e a custo
querendo nem gemer. Por um buraco angusto
entrou, desapareceu; e disse: — Minha Mãe!
teu filho aqui o tens, mas vê que morto vem.

Mal dourava a manhãzinha
as torres do Paço Vedro:
«E' só em dôres que eu medro!»
murmurava a pastorinha,

exalava tristes ais
 com pena do seu pastor.
 Com que anseio, com que amor
 corria aquelles pragaes!

— Moiro meu, por que não vens?
 dizia a triste, ai de mim!
 tão meu amigo, e por fim
 vê-se o amor que tu me tens!

Eu dia e noite a chorar,
 eu a pedir-te ao Jamor
 e elle surdo ao meu clamor
 a sorrir e a murmurar!

A murmurar e a sorrir,
 como quem diz para mim:
 «Então! já viram assim
 uma louquinha a carpir,

por um ingrato ermitão
 que ninguem sabe onde vae?
 que é velho e que ás vezes cae
 estarecido no chão!?»

Rompia a manhã.

— Meu Deus!

disse ella ao encontrar, exangue e tremula,
 nodoas de sangue pelo sinceiral.

D'elle! é d'elle e não posso já ter duvidas.
 Vamos lá coração, firma os meus passos...
 mas tu vaes-te fazer em mil pedaços!

.....

Ai! que ha de ser de mim se elle morreu!...
 Mais sangue... mais! Se o sol já fosse nado
 vêr-se-hia mais e mais sangue empastado...
 O moiro, Virgem Sancta, era já meu!
 se o mataram, Jesus!... se elle é já morto...
 O rei ha de saber quem m'õ matou!
 Ficar sem companheiro e sem conforto!
 hei de chorar e o rei ha de ter dó
 d'uma pobre tão nova e aqui tão só...

.....

Sangue fresco!... Vermelha a minha mão!
 então, meu Deus, então
 inda póde estar vivo... ou moribundo.

Vamos pé ante pé!

Onde está elle? onde se esconde?... onde é?...
 Jesus! as nodoas entram n'este fôjo!
 E' difficil entrar mas vou.—

De rojo

foi-se mettendo no orificio escuro,
 medonho de sondar e de vencer.

— Moiro... aqui vae a tua pastorinha...
 moras aqui?... Como o caminho é duro!...
 Moiro, responde, ou posso aqui morrer!
 Já me não ouves?...—

... Nem um som sequer!...

mas lá no fundo, longe, inda bem longe
 dir-se-hia que uma estrella refulgia
 no coração da Rocha! — Ave-Maria! —
 — Uma luz! uma luz! A luz é vida!
 Bem hajás, moiro! ahi vou, meu pobre monge;

com que difficuldades e perigo
achei o teu abrigo!

Ouves-me? —

Nem um som na escura furna!
porém cada vez mais a luz fulgia!
— Providencia de lampada nocturna!
talvez lustre do templo de Maria,
o teu enlevo, moiro!! —

Emfim, vencia
de se arrastar no funebre caminho
e achou-se espavorida n'uma gruta
redonda, natural da rocha bruta.
Fenda a prumo subia a grande altura,
rasgando um golpe extenso na espessura;
esforço colossal da Providencia,
tentando infiltrar luz n'essa clausura.
Lançou de roda olhares de demencia.
Junto á lampada viu a Mãe de Deus,
a miniatura que ella conhecia.
Rezou, e perguntou-lhe em voz afflicta;
— Senhora, onde está elle? o Vosso ermita? —
Olhou em roda, os olhos já podiam
ir vendo a mor distancia. — Deus do Ceu! —
Estendido na lage humida e fria,
jazia extincto ali n'ess'outra beira
da gruta e bem defronte da Senhora.
Correu Mafalda ali, onde jazia
o seu velho pastor que era seu pae
e que ella, quanto pode a natureza!
amava como tal, sem conhecel-o!

.....

— Deixaste-me, cruel? Onde o teu zelo
pela Virgem que fica ali sósinha,
e pela tua linda pastorinha?...

Nem me dissestes — adeus! — Pois por vingança,
 em quanto eu viver,
 hei de aqui vir resar, e hei de accender
 esta lampada á Virgem, teus amores. —

N'um posthumo arranco de agonia
 elle apertou-lhe a mão co'a mão já fria
 e ella beijou-lhe a mão.

.....
 — Dize-me tu Virgem sancta!
 se nunca mais se levanta
 quem uma vez assim cae...

.....
 Hei de vir de dia a dia
 fazer-te uma romaria.

 E a ti, que a morte consome
 nunca disseste o teu nome...
 hei de chamar-te — «meu pae.»



EPILOGO



EPILOGO

Passou annos apoz o feito lugubre
que deixara D. Pedro sem jazigo;
elle, que, ha pouco ainda, tanto amigo
sentia humedecer a dextra mão!
Dois devotos contara á beira-tumulo,
mas com elle tambem ficaram mortos.
Se vivessem dar-lhe-hiam seus confortos
mas morre quando morre o coração,

e passa quem morreu. Longo parenthesis.
Começa a architectar-se estranha historia
de novas ambições e nova gloria.
E inda não era morta a cruz d'Aviz.

D. Henrique sonhava inda Reis d'Africa ;
o Infante Sancto transporia o Estreito,
e o supremo florão do Reino eleito
surgiria mais grato e mais feliz.

Podia ainda o vizonário emmerito,
dos altos corucheos da augusta Sagres
prevêr o rozeo alvor dos seus milagres,
surdindo no pendão do egregio sul?...
Quanto veria em seu cançado espirito?...
Elle tinha limpado tantas vezes
ceos e mares, agouros e revezes,
e era tão só aquelle abysmo azul !

Não viu?... não viu?... E pareciam seculos!!
Vinte e tres annos mais volveu sonhando.
Pensava em seus irmãos... de quando em quando;
e pensava no Rei por muita vez.
— Ides passar o Estreito?... e aos mares indicos?..
— Aos Algarves d'Alem, vou! ficae certo.
De tanto azar... em terra e mar deserto...
— Mas tomar Tanger, sim? e arrazar Fez.?!

.....
.....
.....

«D. Pedro tinha o olhar sereno e limpido!...
Eu podia talvez salvar-lhe a vida...
mas elle quiz dar Ceuta! E á despedida
matou... cego de mim! um servo meu.

«... O seu trance final foi crudelissimo!
 Deixaram-m'ò apodrir no prado inulto...
 E assim d' *Homem de bem* se rege o insulto.
 Sinto-o; mas nunca choro por ninguem...»

.....

«Pacheco era um heroe; mas vendo-o pavido,
 ante as dores crueis do meu Fernando,
 temi de o encontrar dorido e brando,
 quiz avisal-o antes, que depois.

.....
 Um dia que encontrei no Paço as pallidas
 viuva e filha do mouraz, tão pobre!
 approuve-me dizer quanto era nobre
 e que me converteu a sermos dois.»

— «Senhor, me disse Aurora, (e enquanto em lagrimas
 Chorava Mafaldita immersa em pranto)
 fui cruel para elle e tanto e tanto!!...
 mas inda sinto o bem do mal que fiz.
 Não conheci mais nobre e honrado espirito:
 mas fez o mal maior da honra materna
 atirou-me um labeu de nodoa eterna
 e eu... matava-o, senhor, inda outra vez.»

— «Minha Mãi, minha Mãi! — gritava a timida
 Mafalda de Ferreira e Castanheda! —
 E a mãi caía serenada e queda
 se olhava a filha e se voltava ao céo

— «Chora por elle, ao menos uma lagrima,
 ó minha santa Mãi ! um simples pranto !
 — «Basta filha, bem vês, nem mais nem tanto !
 Eu já lhe perdoei dês' que morreu.

«Filha ! foi tão cruel que me fez reprobá
 e fez-me blasphemar do teu futuro!...
 Creança, e sabes tu quanto isto é duro?...
 fiz-te pobre, engeitada... sem ninguem !...
 e elle que fez de mim?...

Filha, és tão pallida!... —

Eu beijei-a tambem submerso em pranto.
 — «Linda, teu pai foi grande, e morreu santo...
 Não é menor a tua heroica mãi.»

.....

«Tantos annos n'um horto... e as minhas duvidas!...
 Nem me escuta o seu mar, nem luz d'esperança!...
 Do philosopho, apoz, volve a creança.
 Uma interrogação e nada mais.
 Quando se desce á morte a vida é ephemera ;
 pouco a pouco se extingue a voz e o dia,
 e expende-se uma atroz melancolia,
 e são prantos, a luz, e a voz são ais.

.....

«Sinto que vou morrer... mas ha relampagos
inda em meus olhos quando os abro e attento
pelo ignio faiscar do firmamento...

Eu vejo, eu vejo um grande festival !

Fui sempre um visionario, lendo epilogos,
em vez de auroras, mas se Deus consente...
eu vejo caminhar desde o oriente

A MINHA GRANDE AURORA A PORTUGAL.»

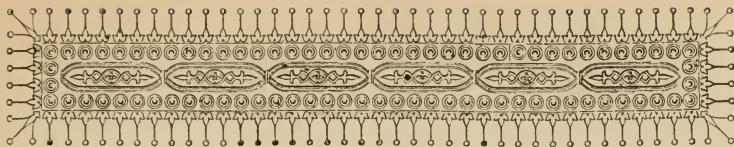
.....
.....

Mais trinta e oito annos foram celeres
no futuro do grande visionario,
e apoz a sua morte e o seu fadario,
lambrou-se a Gloria emfim d'aquella voz.
Quando Vasco da Gama, ao vir das Indias,
quize ir ao Pantheon d'Aljubarrota :
— Senhor, venho trazer-vos a derrota
e dizer-vos que fiz tudo por vós. —



COMPLETAS

«De coelibus umbra»



COMPLETAS

«De æcilibus umbra»

«Meu Portugal, meu berço d'innocente,
«liza estrada que andei, debil infante,
«meu florido jardim de adolescente,
«meu laranjal em flôr sempre odorante,
«minha tarde d'amor, meu dia ardente,
«minha noite d'estrellas rutilante,
«meu vergado pomar d'um rico outomno
«Sê meu berço final no ultimo somno!» . . .

Bem-hajas! Era assim que eu te pedia,
quando moço e robusto te invocava,

a rogar-te um vergel na ramaria
do jardim festival onde brincava.
Bem vês que n'esse tempo eu já previa
o termo do jazigo onde parava.
Sombra do meu repouzo hospitaleiro
Na minha terra o termo derradeiro.

Meu Portugal, meu berço e meu jazigo,
se em tempo já me ouviste a grata infancia,
ante-morrer hei de falar contigo,
agora que me vês n'esta distancia.
Tu fôste meu jardim e és hoje abrigo.
Põe de parte o matiz, brilho e fragrancia,
deixa os cantos altivos do poeta
transforma os em tristeza de propheta.

— «Patria filha do sol das primaveras,
«rica dona de messes e pomares,
«recorda ao mundo ingrato as priscas eras
«em que tu lhe ensinaste a ergner altares.
«Mostra-lhe os esqueletos das galeras,
«que foram descobrir mundos e mares.
«Se alguém menosprezar teu manto pobre,
«ri-te do fatuo que se julga nobre.»

Um dia, no Brazil, ouvi d'um grande
um applauso que trago inda em minh'alma!
versos d'aquella estrophe que inda expande
em ramos festivaes de egregia palma.

O' patria! pareceste me tão grande . . .
 Bem sabes tu que a minha mente é calma!
 mas eu nunca te vi nem tão louvada,
 nem a minh'alma tanto ingrinaldada!

.....

.....

O tempo anda revolto ; e de justiça
 não ha signas em thronos de grandeza.
 Em só preponderancias e em cobiça
 fez-se a lei marcial; de audacia acceza,
 impera no universo. O corço em liça.
 Onde houve já leis d'honra, agora ha preza.
 O peor é que *«inda hoje portuguezes
 alguns traidores haja algumas vezes.»*

«Jardim da Europa a beira-mar, se um dia
 saudares muitas naus d'estranha gente,
 não penses que são náus que o Gama envia,
 ou que ha fé nas palavras do presente.
 Mudou a luz de Christo! a idolatria
 é de quem fôr mais rico e mais potente.
 Inda ha pouco a Turquia era acclamada
 pelos christãos; e a Grecia . . . justiça da!

«Se poderes, conserva a tua Gloria,
 que mandaste o evangelho a longes terras
 onde inda por lá teus hymnos de gloria,
 e os brios, honras, em longinquas guerras;
 mas se tens de saudar a alheia historia,
 sauda-a para alem das suas serras;

não invejes a sanha dos valentes
que a sorte vae virar aos taes potentes.

A justiça ha de vir. O *Imperio*, expira;
os grandes vão cair ante a verdade.
Querer um grande monstro acceso em ira
é criar uma féra á humanidade.
A familia virá; e que se admira?
no apresto da justiça e da verdade!
Deixae passar a onda dos protervos!
A nós, o Justo! e nem mandões nem servos.

E por que espera tanto o que ser ha de?
Por que chora a justiça tanto e tanto?
A culpa é sempre e só da humanidade:
delira, e desde atheu a sabio ou santo
quer impôr o seu verbo á sociedade
e a senha que forjava impõe d'espanto.
Por isso o mundo anda adstricto em seita
O estulto manda, e o grande se sujeita...

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Cantei-te no meu berço d'innocente,
liza estrada que andei, debil infante,
meu rizonho jardim de adolescente,
meu laranjal em flor sempre odorante,
minha tarde d'amor, meu dia ardente,
minha noite d'estrellas rutilante!...
Dá-me, que é negro o escuro ao meu inverno,
... um nada onde me esconda ao seio eterno.



NOTAS



NOTAS

A PERIGRINAÇÃO

No mez de maio, costumam as senhoras de Lisboa per-tinentes, a maior parte, á associação de — *Filhas de Maria*, fazer, á *Rocha*, uma perigrinação. A dois de maio tem sido, o que não quer dizer que haja dia prefixo para a romaria.

Nada mais attrahente, mais inspirador de solemne devoção.

As *Filhas de Maria* são senhoras principaes de Lisboa que assim continuaram as tradições do culto á Senhora da Rocha.

Esta devoção começou em 1894. Vinha á sua frente uma filha gentilissima dos Senhores Marquezes de Sabugoza, — a sr.^a D. Anna Mafalda José de Mello.

Em 1896 veiu acompanhar o prestito o Nuncio de Sua Sanctidade, — Monseignor Domenico Jacobini, Arcebispo de Tyro, elevado, pouco depois, ao cardinalato.

O APPARECIMENTO DA SENHORA

No dia 28 de maio de 1822, perseguindo um coelho que alli se escondera, entraram na gruta do Jamor, percorrendo de rastos a furna por onde elle entrára, sete rapazes que andavam brincando e chapinhando nas margens e nas ilhotas de Jamor. Os seus nomes são: Nicoláo Francisco, Joaquim Nunes, Joaquim Antonio da Silva, Antonio de Carvalho, Diogo, José da Costa e Simão Rodrigues. Os mais novos tinham 11 annos, 15 os mais velhos. Entrando recuando apavorados, no que levaram longo tempo, conseguiram emfim chegar onde puderam erguer-se e respirar. Sondando e apalpando acharam e tomaram nas mãos ossos humanos, como poderam verificar quando voltaram ao rio. As familias que ha muito os esperavam em suas cazas não receberam bem os retardatarios e não crêram mesmo na historia phantastica do descobrimento.

No dia seguinte porém começou de levantar-se e avoluntar-se nos differentes logares d'onde eram naturaes os pastoritos, o boato da existencia d'uma gruta desconhecida, e a apresentação dos ossos e a insistencia dos exploradores foi firmando, se não certezas, desejos de apurar a verdade. No dia 30 bastantes pessoas, acompanhando os retardatarios da ante-vespera, ao rio, abrindo as franças dos salgueiros acharam uma lura na grande rocha que se afundava no Jamor.

Não ousaram porém aventurar-se, os mais prudentes; mandaram entrar os rapazes com ordem de trazerem outros ossos. Era a prova evidente de que elles disseram a verdade. E desde que a conheceram destinaram para o dia 31 procurar com luz, que dentro accenderiam, o que pudesse achar-se na gruta onde era certo haver estado gente. No dia 31 foram pois, com tochas, para dentro serem accendidas. Entraram na frente os sete moços, já d'outros acompanhados, e accesa uma tocha, encontraram a pequenina imagem da Virgem.

KARA-A-CID

Ajusta-se ao nome de Carnaxide esta designação semi-arabe — Caza do Cid —. No alto, a leste, encontra-se ainda o monte Alfaragide semeado de ruínas e d'alli se avista, em baixo, descendo ao valle, Carnaxide — Caza do Cid — ou seu quartel general. Se em vez de Cid escrevessemos Seide (Cid e Seide querem dizer — Senhor —) como lhe chamaram tambem os mouros vencidos, mais se ajusta Kara-a-seide a Carnaxide, visto que do *s* e do *e*, mal escriptos e avisinhadados, facilmente o *x* resae.

Esta tradição é plausivel.

A TIA IGNEZ

Ignez Maria, cazada com Antonio Algodres, vivia em parte da propriedade que é hoje do auctor. E' inteiramente exacto o que se lhe refere. D'ella vivem dois filhos; João Valentim dos Santos, tanoeiro; Petronilha da Conceição; e d'esta um filho Manuel Lourenço Pereira, canteiro. A bonita velhinha cantava coplas devotissimas á Senhora da Rocha, e por ella chorava de saudade. A tia Ignez, com ser pobre, era bem educada, graças ás senhoras com quem viveu sendo moça e ás suas aptidões naturaes. Era um character firme e resolutu.

O SANTO

Vinha muita vez á Rocha o Senhor D. Pedro V vêr o sitio onde apparecera a Imagem tanto da devoção da Familia Real. Elle era um triste; procurava certamente aquelle sitio, que n'esse tempo era um cerro inhospito, para esconder as suas magoas. Em baixo visitava a gruta e em cima,

o começo do templo onde eram recolhidas cabras e ovelhas. O bom rei pesaroso da irreverencia mandava tapar o recinto com grades ou cancellas de madeira, sempre que vinha fazer a sua visita, pois que o pastor inutilisava logo os regios cuidados. Os seus desejos de fazer que se restituisse a imagem da Senhora, não os relatou só a tia Ignez. Uma memoria anonyma que anda impressa diz a fl.^{as} 13: — «El-Rei D. Pedro V. . . gostando mais de passear n'aquelles sitios. . . ainda tentou fazer o acabamento do templo, porém como a traiçoeira morte lhe tirou a vida. . . tornou a ficar tudo como estava.» —

N'aquellas povoações tão lembradas e tão saudosas não havia já esperança de que o templo, traçado pelo nosso pintor Sequeira, se continuasse, pois que de Lisboa até as pedras já talhadas e lavradas foram mandadas remover, sendo aproveitadas algumas no acabamento do Arco da Rua Augusta,»

ELLA ERA VELHA EM VINTE

Todos sabem que as côrtes constituintes se reuniram em 1821, mas assim como se chama sempre á revolução liberal d'onde ellas vieram — *A Revolução de Vinte*, assim sempre se disse: *os deputados de Vinte*, — *as côrtes de Vinte*, — *o Congresso de Vinte*. O que a Tia Ignez diz do Congresso não é de todo justo, mas desculpam-lh'o as suas amarguras e era assim que, dia e noite, aquellas familias orphanadas pela perda da milagrosa Imagem apreciavam as côrtes e o acto violento do governo de então. Dava-se por pretexto (extra-officialmente) que a Imagem havia de aguardar a construcção do seu templo, e seria exacto; mas porque a não depositaram na egreja de Carnaxide em vez de a levarem para a Sé? Póde bem desculpar-se á gente de Jamor que desconfiasse haver mais cubiça que devoção no acto ou no conselho do clero de Lisboa.

Convém comtudo lembrar, para em tudo ser justo, que a aposentadoria da Imagem era disputada entre a gente de Carnaxide, e a de Linda-a-Pastora, que a queria na sua capella.

Se Carnaxide era a séde da freguezia e por tanto a sua igreja o templo parochial, a gruta onde a Imagem apparecera era na margem direita do Jamor; e por tanto no termo de Linda-a-Pastora. Foi para evitar rixas que já se levantavam que José da Silva Carvalho a fez conduzir para Lisboa? E' plausivel que, se esta rivalidade não foi a causa, fornecesse o pretexto. E' certo que, o parochio d'então nada tentou contra a remoção da Imagem.

Eram taes e tantas as oblatas dos devotos que em poucos mezes o cofre da Senhora estava cheio de joias e dinheiro.

Diz-se hoje, escreve-se e publica-se como accusação, que o governo mandára depois, a expensas do thesouro publico continuar e concluir o templo da *Rocha*. Esta accusação é inteiramente falsa. O governo tinha recebido, por mais de uma vez, a titulo de emprestimo, o dinheiro da Senhora. Com esse dinheiro se concluiu o templo. Foi pois uma restituição, e não integral. Póde vêr, quem duvidar, os documentos respectivos.

VOSSA MageSTADE NACIONAL

Não pareça inventado este tratamento conferido ao congresso. Entre outras, a camara de Sortelha officinando, em acto de congratulação, tractava-o por *Vossa Magestade Nacional*.

JURASTE A CONSTITUIÇÃO...

Esta pergunta, e a resposta escripta por El-Rei, a giz, na mesma porta onde achou a interrogação, foi-me recitada, no paço e *por pessoa de toda a fé*. Pareceu-me que devia deixal-a aqui; tão adequada é a resposta á pergunta escarninha, que decerto era da insigne poetisa sua augusta Esposa, e tanto apparece na resposta do Rei o seu character perspicaz, bonacheirão e accomodatício.

O auctor tem por exactissimo e facto e em nada altera a letra da pergunta e da resposta.

PARA NÓS O BOM REI FOI D. MIGUEL

De facto toda a velha gente de Carnaxide e suas visinhanças era devotada ao sr. D. Miguel. A proximidade de Queluz, onde as moças mais galantes iam dançar amiudadas vezes na presença do *Sr. Infante*, a formosura insinuante do Principe, e, naturalmente, a seducção que exercia sobre aquella mocidade, tinham creado um verdadeiro culto pela sua pessôa.

Um dia que o Senhor D. Luiz I passou pela Rocha, deserta ainda, e se dirigiu por Caruaxide para a Ajuda, encontrou, perto da gruta da Senhora, uma velha que o conheceu ou o adivinhou pelos galões dos seus creados. El-Rei, apeiando-se, dirigiu-se a ella e perguntou-lhe se era alli perto a gruta do Jamor.

— «Não vades lá, Senhor Rei, lhe disse a velha, olhos que a vêem tem vontade de chorar; depois que sahio de Portugal o Senhor D. Miguel perdemos toda a esperança de justiça. Sabemos que V. Magestade é bom; mas elle podia mais e queria-nos muito».

Convém accrescentar que as obras do templo cessaram de todo em 1833 já por ordem do governo liberal.

O Senhor D. Luiz falava muita vez na sinceridade d'esta velha.

E POZ-LHE AS MÃOS NA CARA

Sepulveda, ao tempo, general da 1.^a divisão militar, foi em pessoa commandar a força que havia de escoltar a Imagem, força que era quazi toda a divizão; tal era o receio do governo pela indignação dos povos do Jamor, que protestavam em altas vozes contra a mandato iniquo. Inda existem do facto testemunhas presenciasaes. Esta velha de Linda-a-Pastora chamava-se Maria Cintroa. D'ella não ha descendentes. Tambem era conhecida pelo nome de Maria Galharda; talvez pelo denodo com que desfeiteou o general, que prohibiu aos soldados qualquer arremeço contra a *galharda* velha. Cremos que já não vive.

O MENSAGEIRO DE FEZ

Se um dia se reeditar este poema e se eu ainda presidir a esse trabalho, muitas notas terei de acrescentar a esse labor, visto que, em grande parte foi meu intento fazer uma obra, quanto possivel historica. Mas como eu desejo terminar o poema de modo a servir em 1899 em attenção a ser esta a data da chegada de Vasco da Gama, centenario a que desejo manifestar o preito da minha homenagem sincera á grande empreza tão excelsa do meu paiz, vou terminar por hoje. Para isto, tendo escolhido um dos herões da Lusitania no tempo da Dynastia d'Aviz, apraz-me rebuscar em velhos documentos manuscritos, em relação á celebre familia dos Pachecos, tão illustres em todo o reino, e fóra d'elle, e filhos, como eram e são da minha Beira, para dar algumas relações que parecem hoje esquecidas aos qua nunca o deviam ser.

Temos em Vizeu um erudito, historiador que, principalmente, se engrandece nos estudos da nossa terra. Nos seus dois livros impressos que tem o nome de Vizeu, elle nos dá signal do celebre Castanheda, nas suas investidas pela velha cidade e, emfim, na sua derrota em Freches, onde perdeu tudo que houvera.

Tambem, em parte, recorri aos estudos de Oliveira Martins.

Pouco ha que ver, principalmente na segunda epocha da nossa historica dynastia de Aviz, no poema de Braz Garcia Mascarenhas — Viriato Tragico, — embora, apesar de só cuidar da sua epopea e dos transes crueis do seu conterraneo, algumas raras referencias nos poder fazer. Convém apenas notar a antiguidade de Ferreira d'Aves comprovada pelo testemunho do illustre poeta beirão, que se encontra principalmente no Canto V n.º 13 do seu poema :

.....
 Fortaleceu Barapia, então cidade
 Agora Marquezado, que desterra
 Tanto seu nome antigo, que o duvida
 E por *Ferreira d'Ave* é conhecida.

Obtive, porém, um livro precioso da mão d'um cavalheiro do Castello de Ferreira, o sr. Antonio Cardoso de Figueiredo, que na sua mesma assignatura, e na da sua familia, que eu muito conheci e honrei, poderia se quizesse, buscar ascendencias muito illustres e antigas, tambem da nossa Beira. Esse livro é um repositorio de que é conveniente tirar assumpto, visto que em grande parte já se não conhecem as suas referencias.

Os Pachecos, que são beirões, e dos mais illustres, viram-se até postos de parte por muitos que, se alguma coisa eram, a elles deviam os seus pergaminhos e as suas grandezas, mas que, desde que foi victima, no tempo de D. Afonso IV, a celebre e formosissima senhora D. Ignez de Cas-

tro, por dois motivos calavam até os velhos appellidos. Um foi pela perseguição de D. Pedro o *Cru* ou *Justiciero*, como melhor approuver, outro foi, e d'esse veio a maior perseguição aos Pachecos, uma tragedia em verso chamada a *Nova Castro*, de João Baptista Gomes, Junior. Nunca a litteratura deu grande apreço a este livro, mas nunca se fez maior reclame que áquelles versos, para demolição dos ministros d'um rei que tanto proclamou as desobediencias do herdeiro da coroa e tanto pretendeu apaziguar as pretensões da Hespanha. A *Nova Castro* representava-se em todas as villas, aldêas, e em todas as cidades. Se, ainda na actualidade, se annunciasse na Beira uma representação da *Nova Castro*, viria assistir ao espectaculo, gente de muitas leguas, embora *D. Pedro* o *Cru* apparecesse ataviado de botas de montar e jaqueta de alamares de prata, como ainda viram muitos contemporaneos. Hoje mesmo em alguns pontos da provincia se contam historias miserandas da formosa Ignez, e até, n'um sitio chamado Geremello, não longe da cidade da Guarda, se mostrava, ha pouco, se é que já se não mostra, a pedra d'onde ella subia, porque alli esteve algum tempo meio foragida talvez, para sobre o seu palafrem, asseverando-se até que os raios da madrugada atravessavam pelo collo da formosissima senhora por que de todo era transparente.

D'ahi e da propaganda da *Nova Castro* se fez todo o horror ao nome de Pacheco.

Não vem para aqui falar dos seus menos intencionados.

O livro de que vamos trasladar apontamentos curiosos, nunca ousou sair á luz da imprensa, tanto era antipathico aquelle assumpto. Sabe-se que o seu auctor era um padre; cujo nome não diz; era natural de Ferreira d'Aves. Sabe-se que foi da terra dos Pachecos e, honrava-se até de ser a sua terceira missa celebrada na capella do solar da illustre familia.

O auctor da *Nova Castro*, fez tudo quanto poude para

amesquinhar aquelle grande nome, no entanto está-me parecendo que, a pouco e pouco, se ha-de engrandecer, o muito que foi devido áquella familia estremamente illustre. Nas affirmações do meu livro encontram-se referencias de Maximiano Pereira da Fonseca e Aragão nos seus dois livros — *Vizeu* —. Quem desejar o estudo do seu texto póde achal-o no livro 2.º desde paginas 119 a 128, e n'elle encontrarão os feitos de João Fernandes Pacheco, Senhor do Castello de Ferreira com o governador de Trancoso, Gonçalo Vasques Coutinho e o Senhor de Linhares, os quaes fizeram arrepender-se das suas investidas a Vizeu, onde apparece o Castanheda e não sei se tambem, João Annes de Barbuda.

E agora seja licito completar esta noticia como varios trechos do manuscripto a que faz referencia o Sr. Dr. Aragão, e que nos dará notas, ainda não conhecidas, do Presbytero da Sé de Vizeu :

.....

 «É Senhor Donatario d'este concelho de Ferreyra, o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Nuno Caetano Alvarez Pereira de Mello, Duque de Cadaval, Conde de Tentugal e Marquez de Ferreyra : (*traduzo ipsis verbis*) cujo titulo deu a seu progenitor, D. Rodrigo de Mello conde de Tentugal, El-Rey D. João o 3.º no anno de 1550 : Presenta o dito ás justiças e officiaes d'elles : a saber, ouvidor ; dous Juizes Ordinarios ; tres Escrivães do publico, judicial, e notas ; Escrivão da Camara, de Almotaçarias, e direitos reaes ; Contador e Destribuidor ; Juiz dos Orfãos e Escrivão ; Almoxarife e seu Escrivão e Procurador ; Alcaide e Porteiro. 3 vereadores e Procurador do concelho. Tem Capitão-Mór e Sargento Mór ; Dous capitães com duas com-

panhias; um Ajudante; dous Alferes; dous Sargentos e dous cabos de Esquadra. Tem um monteiro mór.

«Pagam-se ao Illustrissimo Marquez as jugadas e pensões de varios casaes; que annualmente importará o seu producto em 600\$000 mil réis.

«E' padroeiro da Abbadia da collegiada de Santo André que annualmente rende, até 500\$000. Presenta tambem 5 Beneficiados com a obrigação de duas missas: quotidianas, a saber, a da Luz e a do dia, e de cantarem o Officio Divino no Coro. Aos quaes Beneficiados, com o titulo de Raçoeyros creou o Bispo de Vizeu D. Miguel Vivas aos 30 de outubro de 1331, de consentimento dos Padroeiros e Senhores da terra D. Lopo Fernandes Pacheco, e sua mulher D. Maria Gomes Taveyra; o qual o tinha feito Rico Homem D. Affonso 4.^o

«Foi filho de João Fernandes Pacheco e de sua mulher Estévarinha Lopes: neto paterno de D. Affonso Annes de Cambra e de sua mulher D. Urraca Pires; bisneto de Fernão Rodrigues Pacheco, e de sua mulher D. Constança Affonso; 3.^o neto de Ruy Pires de Taveyra e de sua mulher D. Thereza Pires de Cambra; ao qual Ruy Pires de Ferreyra fez, a Rainha D. Thereza, primeiro senhor de Ferreyra, e foi o primeiro, que em Portugal uzou do appellido de Ferreyra. A sobredita Rainha lhe deu por Armas, em campo verde, quatro faxas d'oiro; timbre uma Ema ou Avestruz, com uma ferradura de ouro no bico; e deu foral de villa ao concelho no anno de 1126 com o nome de Ferreira d'Aves, e D. Manuel lhe deu foral a 10 de fevereiro de 1514.

Foi o sobredito D. Lopo Fernandes Pacheco 4.^o neto de D. Pedro Paes e de sua mulher D. Thereza Ramires, 5.^o neto de Payo Fernandes e de sua mulher D. Mayor Soares; 6.^o neto de Fernam Jeremias, fidalgo que do reino de Leão veiu para este em companhia da rainha D. Thereza,

que o casou em Ferreyra com D. Maria Soares, filha de Soeyro Viegas, fundador do convento de Santa Eufemia de Ferreyra da Ordem de S. Bento.

CAP. 32

«Mostra-se que D. Lopo Fernandes Pacheco, foi um dos cavalheiros Portuguezes que foram ao desafio de Inglaterra: e que fez muitas doações ao Mosteyro de Ferreyra.

«No anno de 1390, uns cavalheiros Inglezes lançaram em rosto ás damas do Paço em a côrte de Londres, que não eram as mais bem reputadas no procedimento; do que mui resentidas as damas pediram ao Duque de Lencastro lhes procurasse quem lhe despicasse aquella afronta. Elle lhes nomeou 12 cavalheiros Portuguezes, que por carta pediu ao Rey seo genro D. João 1.^o e com effeito foram á Inglaterra estes 12 escolhidos a saber: o nosso D. Lopo Fernandes Pacheco, irmão de João Fernandes Pacheco, progenitor dos Duques de Escalona, dos de Osunna e Benavente; 2.^o Alvaro Gonçalves Coutinho o Magrisso, filho de Gonçalo Vasques Coutinho, primeiro Marichal do Reyno, e irmão do primeiro Conde de Marialva D. Vasco Coutinho; Alvaro Vaz d'Almada; Alvaro de Almada, seu sobrinho; João Pereyra, sobrinho do condestavel D. Nuno Alvares Pereyra; Luiz Gonçalves Mallafaya; Alvaro Mendes Cerveyra; Ruy Gomes da Sylva; Soeyro da Costa; Ruy Mendes Cerveyra; Martim Lopes de Azevedo; Pedro Homem da Costa. Quasi todos estes Fidalgos eram naturaes da Beira, e alguns do Minho. Embarcaram no Porto 11; e só o Magriço foi por terra. Chegados á Inglaterra principia-ram primeiro o desafio com lança, e ao depois á espada, venceram aos 12 cavalheiros Inglezes, desplicando d'este modo as Senhoras Damas e com applauso d'ellas do Du-

que e do Rei, voltaram nove para Lisboa, e os tres foram divertir-se por diversos Reynos.

«Consta do Tombo das Freyras de Ferreyra, que D. Lopo Fernandes Pacheco fora Senhor do concelho desde o anno de 1332, e morador no seu Passo; de que ainda se conserva uma torre, celleiros e casas de quinteiro com Arco de cantaria, e com vestigios de ser morado de agua n'esse tempo: como consta do dito Tombo, até o anno de 1432, em que a 24 de fevereiro do mesmo anno lhe fez carta de venda D. Maria Gomes, o cavalheiro Martim Gil, com sua mulher Elvira Pires, da villa de Duas Igrejas de tudo quanto tinha nos seus limites, o que tudo ao depois dotou ao mosteyro o sobredito D. Lopo Fernandes Pacheco. Do que se infere veio a viver o sobredito 100 annos: ou se conte pela era de Cesar, ou pelo nascimento de Christo Senhor nosso.

.....

CAP. 33

«Continua-se a serie dos Senhores de Ferreyra, desde o famoso D. Diogo Lopes Pacheco até o Excellentissimo Duque Marquez D. Nuno Caetano Alvares Pereyra de Mello: e a sua Illustrissima, Regia e Imperial ascendencia, Santos, e Santas de quem procede: Ascendencia do conde da Cunha: da Caza de Luzinde e de trez Duques de Castella.

«Seguiu-se no Senhorio de Ferreyra seu filho Diogo Lopes Pacheco, que casou com D. Joanna filha de D. Vasco Pereyra.

.....

«Sendo D. Diogo Lopes Pacheco um dos cumplices na morte de D. Ignez de Castro, pois a matou ás punhaladas em Coimbra aos 7 de janeiro de 1355, junctamente com

Alvaro Gonçalves e Pedro Coelho, para escapar da ira de D. Pedro 1.º se refugiou com os referidos cúmplices para a cidade de Merida, em Castella; aonde os outros foram presos e trazidos a Santarem á presença do sobredito Rey que lhe mandou tirar os corações pelas costas e lh'os trincou com os dentes estando ainda vivos. Escapou porem o nosso D. Diogo Lopes Pacheco da morte cruel, por virtude da esmola que todos os dias fazia em Merida a um pobre mendigo que sahindo da cidade o foi avisar do successo da prisão dos companheiros a um monte visinho aonde andava á caça. Porem trocando os seus vestidos pelos do pobre se passou a Çaragoça e d'ahi a França até que D. Fernando, o successor de D. Pedro lhe perdoou o delicto e o mandou chamar, para nos successos da guerra contra os Castelhanos se valer do seu braço e experiencia.

«Passados annos tornou fugitivo para Castella por aconselhar ao Infante D. Diniz que não beijasse a mão á Rainha D. Leonor.

«Voltou finalmente de Castella para Portugal afim de soccorrer a D. João 1.º nos apertos das guerras que trazia com os Castelhanos. E chegando á villa de Almada de frente de Lisboa com seu filho legitimo D. João Fernandes Pacheco e dous bastardos Lopo Fernandes, e Fernão Lopes Pacheco, e outros 30 de cavallo, os prenderam os Castelhanos que estavam senhores da villa. E D. João o resgatou, e deu por elle, tendo já 80 annos de idade, a El-Rey de Castella o prisioneiro João Ramirez de Arellaro.

«E usando da sua prudencia o sobredito Rey D. João deu batalha entre as villas de Alcobaça e Aljubarrota e por elle e pelo valor de seus filhos João Fernandes Pacheco e Lopo Fernandes Pacheco alcançaram a desejada victoria.

«Recebido D. João, na cidade do Porto, com D. Fillippa filha do Duque de Lancastro de Inglaterra e indo ambos a visitar aos Duques seus Pays á cidade de Bragança, man-

dou o Rey a mulher para Coimbra acompanhada de Diogo Lopes Pacheco e de outros grandes do Reyno.

«Para melhor assegurar a victoria entre Alcobaça e Aljubarrota caminharam para aquelle sitio em um dia e uma noite 20 leguas, sahindo da Beyra, seu filho D. João Fernandes e Egas Coelho com sessenta lanças e 100 Infantes: como assim havia assegurado ao Rey afflicto, seu Pay D. Diogo Lopes Pacheco de que seu filho não havia de faltar.

«Acompanhou ao Rey D. João no cerco de Coria, João Fernandes Pacheco, e no de Melgaço.

.....

«Mas antes da sua partida para Castella, sendo Senhor e estando no seu Passo de Ferreyra e tendo noticia de que João Annes de Barbuda general do exercito castelhano, retirando-se da batalha de Aljubarrota, passara por Vizeu e a pozera por terra, queimando casas, e passando á espada os seus moradores, e dos lugares circumvisinhos, convidou a Gonçalo Vasquez Coutinho, Governador de Trancoso e a seu irmão Martim Vasques da Cunha, senhor de Linhares para se porem em campo contra os Castelhanos; aos quaes mataram quatro mil de cavallo e de todo os destroçaram desde Valverde até Trancoso.

«Attribuindo-se esta victoria aos sobredito João Fernandes Pacheco e a 600 Payzanos que de Ferreyra o acompanharam no anno de 1385.

«De justiça politica devemos aqui fazer a memoria do 4.º Avô Paterno do sobredito João Fernandes Pacheco, o qual se chamou Fernando Rodrigues Pacheco acima nomeado: o qual no tempo em que D. Sancho 2.º foi deposto do throno e elevado a elle D. Affonso 3.º seu Irmão, era Alcayde mór da praça de Celorico da Beyra, e a defendeu com tal valor que, não obstante o cerco de muitos dias em que o novo Rey o teve, impedindo-lhe os mantimentos e a agua jámais Fernando Rodrigues Pacheco quiz entregar a Praça, allegando-lhe que as chaves d'ella só as entregaria

ao Senhor D. Sancho, que lh'as havia dado, como com effeito hindo a Castella. . . lh'as entregou.

«Foi o sobredito João Fernandes Pacheco esclarecido tronco e felicissimo progenitor dos Excellentissimos Duques de Benavente, Escalona e Ossuna, em Castella.

«E tendo, por sem duvida, que o Passo no cimo do logar de Lamas de Ferreyra foi o Solar dos Ferreyras e Pachecos: e que não só d'estes Fidalgos Illustrissimos procedem os Excellentissimos Duques referidos, mas tambem outras nobilissimas familias do nosso Portugal, como são: o excellentissimo conde da Cunha, senhor de Taboa, e o Fidalgo de Luzinde Manuel Tenreyro de Mello e Simas.

«Por quanto do sobredito Senhor de Ferreyra D. Lopo Fernandes Pacheco, e de sua mulher D. Maria Gomes Taveyra, além de seu filho primogenito D. Diogo Lopes Pacheco nasceu tambem sua filha D. Violante Lopes Pacheco, primeira vez casada com Martim Vasques da Cunha, Senhor de Linhares: d'estes nasceu Estevão Soares da Cunha, casado com D. Constança Escollar: d'estes Vasco da Cunha, casado com Maria Rodrigues de Azevedo: d'estes D. Ayres da Cunha casado com D. Mayor Affonso: d'estes D. Pedro da Cunha casado com D. Maria da Sylva: d'estes D. Lourenço da Cunha, casado com D. Izabel de Aragão: d'estes D. Antonio Alvares da Cunha, casado com D. Maria Manoel: d'estes D. Pedro da Cunha, casado com D. Ignez Maria de Mello: d'estes o conde D. Antonio Alvares da Cunha e seu irmão D. Luiz da Cunha, Secretario de Estado das Nações Estrangeiras, do Sereñissimo Senhor D. Joseph o 1.º

«A sobredita D. Violante Lopes Pacheco foi segunda vez casada com D. João Affonso de Souza: d'estes nasceu Alvaro Dias de Sousa, casado com V.: d'estes D. Lopo Dias de Sousa, mestre da Ordem de Christo: d'este e de N. nasceu D. Aldonça de Sousa, casada com Pedro Gomes

d'Abreu, o Velho: d'estes D. Brites de Sousa, casada com Martim de Mello Suares, Senhor da Villa de Mello: d'estes Pedro de Mello do Pucaro, casado com D. Briolonja Pereyra de Mello: d'estes Fernando de Mello Suares que veio casar a Luzinde com D. Violante de Abreu: d'estes D. Joanna de Mello e Abreu, casada com Sebastião de Figueiredo Castelbranco: d'estes D. Maria de Mello e Abreu, casada com seu primo 2.º João Tenreyro da Silva e Andrade: d'estes Manuel Tenreyro de Mello, com D. Maria Antonia de Azevedo e Sampayo: d'estes João Tenreyro de Mello da Silva, casado com sua prima D. Maria Antonia de Mello e Simas: d'estes Manoel Tenreyro de Mello e Simas, casado com D. Joanna Antonia d'Abreu e Amorim, d'estes D. Caetana Luiza de Mello e D. Maria Isabel de Mello: e casou a sobredita primogenita com seu primo D. Diogo Correa de Mello e Sá, natural de Guimarães, filho do governador de S. João da Foz.

«Passando para Castella, como fica dito, o referido João Fernandes Pacheco, passou o Senhorio de Ferreyra a outros donatarios.»

*

* *

Depois d'isto o manuscrito de que temos feito transcripção dá a serie dos Donatarios do concelho de Ferreyra desde o Senhor respectivo Fernam Vasques da Cunha (1400), que tambem considera da familia dos Pachecos, até a D. Nuno Caetano Alvares Pereyra de Mello, Duque de Cadaval, contemporaneo do auctor dos referidos apontamentos.

Não se publica aquella lista que, comquanto curiosa, é muito extensa e só viria confirmar a nobreza, não discutida d'aquella illustre familia da Beira; basta que se diga que por

ella pretende o auctor entroncal-a nas principaes familias da Europa citando como seus ascendentes em linha recta, muitos titulares de varios paizes, reis de Inglaterra, Portugal, Leão, Castella, Aragão, França e santos e santas das mais preclaras virtudes.

Deixamos em absoluto, aos eruditos a critica d'estas longas arvores genealogicas, onde não se affirma mesmo, que haja rigorosamente etymologias garantidas nas expressões do nosso biographo. Seja o que fôr, parece-me que muito haverá que notar e que estudar d'este trecho do seu trabalho.

Tomem-n'o á sua mão os eruditos, na certeza de que, por bem e para bem lhe offerecemos este trabalho.

Lisboa, dezembro de 1899.



Winters

